

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

ANA CLAUDIA PINHEIRO DIAS NOGUEIRA

DORA RIBEIRO: ESBOÇO DE VIDA E OBRA

**CAMPO GRANDE – MS
2013**

ANA CLAUDIA PINHEIRO DIAS NOGUEIRA

DORA RIBEIRO: ESBOÇO DE VIDA E OBRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Área de Concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CCHS/Campo Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues

**CAMPO GRANDE – MS
AGOSTO/2013**

ANA CLAUDIA PINHEIRO DIAS NOGUEIRA

DORA RIBEIRO: ESBOÇO DE VIDA E OBRA

APROVADA POR:

Profa. Dra. KelcileneGrácia-Rodrigues
Presidente (UFMS/Três Lagoas)

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues
Membro Titular (UFMS/ Corumbá)

Prof. Dr. José Batista de Sales
Suplente. (UFMS/Três Lagoas)

Campo Grande, 27 / 08 / 2013

Para Ulisses, meu Odisseu:

Por acreditar quando não acreditei;
Por dar seu voto de confiança e seu amor;
Por tornar tudo possível.

AGRADECIMENTOS

À Deus; os motivos são infinitos.

Ao meu pai, Ananias, o amor da minha vida, por sempre acreditar na sua eterna “menininha”;

À minha querida Fátima Moraes por ter sido uma mãe durante essa jornada de estudos;

À minha mãe Cleonice, aos meus irmãos Ana Paula, Júnior e Rodrigo, que de certa forma, olharam por mim;

À minha melhor e eterna amiga Daniele Nantes pelas palavras de incentivo: você é minha margarida!

Ao Prof. Rauer Ribeiro Rodrigues por ter me dado a ideia de pesquisar essa autora tão maravilhosa que é Dora Ribeiro e por ter orientado o trabalho de certa forma;

À minha orientadora, Prof^a. Kelcilene Grácia-Rodrigues por me aguentar, e que muitas vezes teve que acalmar sua orientanda desesperada;

À Prof^a. Sandra Hahn, que foi minha luz, além de amiga e a pessoa mais lírica que já conheci;

À equipe pedagógica da escola Raio de sol / Pestalozzi Campo Grande por sempre me auxiliar e dar apoio quando tinha que me ausentar para frequentar as aulas de mestrado;

À Prof^a. Maria Adélia Menegazzo pela orientação e ajuda no período de qualificação;

À Dora Ribeiro, por ser esse sonho de pessoa e por sempre ter me dado sopros de alívio quando necessitava de respostas;

À UFMS/ equipe do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / CCHS / Campo Grande, pelo apoio.

À CAPES, pela bolsa.

A vida do escritor está à sopra da escrita, mas a escrita é uma forma de vida. O escritor “vive” entre aspas a partir do momento em que sua vida é dilacerada pela exigência de criar, em que o espelho já se encontra na existência que deve refletir.

Dominique Maingueneau



Dora Ribeiro (RIBEIRO, 2009, 2ª orelha).

RESUMO

DIAS, Ana Claudia Pinheiro. *Dora Ribeiro: Esboço de vida e obra*. Campo Grande, 2013. 106f. Dissertação (Mestrado, Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

A poeta Dora Ribeiro, no momento com sete livros publicados e detentora do título de melhor livro com *Começar o fim*, no Concurso Nacional de Poesia “Luís Delfino”, instituído pela Fundação Catarinense de Cultura em 1988, prêmio literário de realce, permanece desconhecida, seja porque seus livros não trazem informação biográfica, seja porque ela está há 30 anos residindo no exterior, seja porque, com raras exceções, os poetas, no Brasil, permanecem obscuros em meio à avalanche dos produtos culturais de apelo popular. Esta dissertação, a primeira que se volta para Dora Ribeiro, pretende expor aspectos da biografia da poeta, tendo para isso entrevistado algumas pessoas, consultado documentos em estabelecimentos históricos de Campo Grande, como a ARCA (Arquivo público municipal de Campo Grande e arquivo público do estado de Mato Grosso do Sul), a biblioteca pública estadual Dr. Isaías Paim, biblioteca da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), através de publicações de livros pelos pais da poeta, como *O homem e a terra*, de Lélia Rita Ribeiro, e *Quatro estados e um cidadão*, de Haroldo Sampaio Ribeiro, além de sites de jornais na internet e periódicos, e entrevistado a própria Dora Ribeiro. Coletamos, desse modo, acervo de fontes primárias. Coletamos, também, a fortuna crítica que recebeu, até o momento, a obra da escritora, e organizamos, catalogamos e disponibilizamos também este material.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo; Biografia; Poesia Brasileira.

ABSTRACT

DIAS, Ana Claudia Pinheiro. *Dora Ribeiro: Sketch of the life and work*. Campo Grande, 2013. 106f. Dissertation (Masters Degree, Study of Languages) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

*The poet Dora Ribeiro, currently has seven published books and is the holder of the title of the best book with *Começar e o fim*, in the National Poetry Contest “LuísDelfino”, established by Santa Catarina Culture Foundation in 1988, literary prize of relevance, and she was a finalist of the Portugal Telecom Prize in 2010, with the work *A teoria do jardim*. Even so, the writer remains unknown, either because their books do not bring biographical information or because she is living abroad for 30 years, or because, with rare exceptions, the poets, in Brazil, remain obscure among the avalanche of cultural products of popular appeal. This dissertation, the first related to Dora Ribeiro, intends to discuss aspects of the biography of the poet, having for this, interviewed six people, consulted documents in historical establishments in Campo Grande, as the ARCA (Municipal Public Archive of Campo Grande and public archive of the state of MatoGrosso do Sul), the public state library Dr. IsaiásPaim, the library of UFMS (Universidade de MatoGrosso do Sul), through publications of books by the parents of the poet, as *O homem e a terra*, by Lélia Rita Ribeiro and *Quatroestados e um cidadão*, by HaroldoSampaioRibeiro, in addition to newspaper websites on the internet and journals, beyond interviewing Dora Ribeiro herself. We have gathered in this way, a valuable collection of primary sources. We have also collected the critical fortune that the work of the writer has received so far, and organized, cataloged and also made this material available.*

Keywords: collection; biography; Brazilian poetry.

SUMÁRIO

Introdução	12
1. A vida	15
2. A obra	55
Considerações finais	76
Referências	83
Anexos	86
Anexo A – Textos publicados a respeito da obra de Dora Ribeiro.....	86
Anexo B – Entrevista com Dora Ribeiro.....	113
Anexo C – Outras Entrevistas	127
Anexo D- e-mails de Dora Ribeiro.....	137

A poesia é: minha vida.

Dora Ribeiro

Introdução

Com características próprias, ideias rápidas e precisas, andarilha por natureza, a escritora Dora Ribeiro mostra em seus versos uma mistura de simplicidade e sensualidade. Considerada por Luiz Costa Lima (2002, p. 153-154) como um dos maiores talentos poético dos últimos anos do século XX na literatura brasileira, Dora Ribeiro – mesmo com sete livros publicados e detentora do título de melhor livro com *começar o fim*, no Concurso Nacional de Poesia “Luís Delfino”, instituído pela Fundação Catarinense de Cultura em 1988, prêmio literário de realce – é uma poeta desconhecida nos meios acadêmicos e até mesmo em sua cidade natal.

Dora Maria Figueiredo Ribeiro nasceu em 21 de abril de 1960, em Campo Grande, hoje capital do estado de Mato Grosso do Sul. Formou-se em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No Rio, a poeta viveu até 1983. Morou em Lisboa; país em que trabalhou como jornalista para a imprensa portuguesa e brasileira. Em 2007, morou em Genebra e em 2008 passou a residir em Pequim. Dora Ribeiro residiu no exterior por 30 anos, e voltou a morar no Brasil em abril de 2013, na cidade de São Paulo.

A escritora publicou as seguintes obras literárias: *ladrilho de palavras* (1984), *começar e o fim* (1990), *bicho do mato* (2000), *taquara rachada* (2002), *o poeta não existe* (2005), *a teoria do jardim* (2009) e *olho empírico* (2011).

Considerando a singularidade da lírica de Dora Ribeiro, esta pesquisa, a primeira que se volta para a poeta, expõe aspectos da biografia e das produções literárias de Dora Ribeiro, estando a em dois capítulos.

No primeiro, segmentado em seções, delineamos, a história do surgimento da família da escritora, composta por pessoas de grande atuação política, cultural e acadêmica para o desenvolvimento do estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e figuras muito representativas na formação de Dora Ribeiro. Depois, apresentamos a biografia da escritora em seu tempo e seu espaço.

A partir de pesquisas realizadas na internet, nas redes sociais, no banco de teses da CAPES, entre outras, como trabalhos acadêmicos (monografia), artigos em periódicos e em jornais, apresentações de trabalho em eventos científicos, foi possível perceber que a procura por informações detalhadas sobre Dora Ribeiro teria que partir de uma pesquisa de campo. Temos um fator favorável: estamos em Campo Grande/MS, cidade natal da escritora, e sua família reside e é conhecida e respeitada na cidade.

Primeiramente, entramos em contato com João Marcos, irmão de Dora Ribeiro, e conseguimos o e-mail da escritora, o que nos possibilitou um diálogo direto com a poeta. Depois, consultamos documentos em estabelecimentos históricos de Campo Grande, como a ARCA (Arquivo Público Municipal de Campo Grande e arquivo público do estado de Mato Grosso do Sul), a biblioteca pública Estadual Dr. Isaías Paim, a biblioteca da UFMS (Universidade de Mato Grosso do Sul) e a Academia Sul-mato-grossense de Letras.

Três fontes ricas de informações sobre Dora Ribeiro foram os livros publicados pelos pais da escritora, como *O homem e a terra*, de Lélia Rita Ribeiro, e *Quatro estados e um cidadão*, de Haroldo Sampaio Ribeiro, e as entrevistas que realizamos com amigos da poeta; entrevistamos também Dora Ribeiro, no dia 5 de abril de 2013, em Campo Grande/MS, no Centro Cultural José Otávio Guizzo (teatro Aracy Balabanian), localizado à Rua 26 de agosto, nº 453.

No segundo capítulo, apresentamos as obras publicadas por Dora Ribeiro e o que a crítica tem escrito a respeito da obra da escritora. Nosso propósito, aqui, não foi realizar uma análise crítica das obras e da recepção à obra da poeta. Propomo-nos, apenas, fazer uma breve apresentação da obra de Dora Ribeiro, fazendo análises de alguns poemas para mostrar algumas marcas de sua vida em sua obra.

Coletamos, desse modo, acervo de fontes primárias. Coletamos, também, a recepção que recebeu, até o momento, a obra da escritora, e organizamos, catalogamos e disponibilizamos também este material.

Apresentar Dora Ribeiro foi ousar caminhos ainda não trilhados e proporcionar informações relevantes sobre a escritora para dar suporte para outros estudos sobre Dora Ribeiro na universidade brasileira. Não pretendemos com este trabalho, levantar juízo de valor sobre os conteúdos históricos apresentados e coletados, mas sim, narrar o processo partir de dados de forma impessoal.

1 – A vida

É difícil escolher, elege uma emoção, mas o que vem mais rapidamente na minha cabeça é a lembrança da minha avó [...] até meus 11 anos eu morei ali na casa dos meus avós. [...] São muitas lembranças que continuam muito presente no meu imaginário. É isso, na verdade que a gente tenta dentro da nossa vida, pois existe essa ruptura; o tempo às vezes se acelera, você muda de fase na sua vida e como se você se transformasse e perdesse aquelas experiências, mas na verdade elas ainda estão dentro da gente. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Percebemos, logo no início de nossa pesquisa, que Dora Ribeiro tem figuras muito representativas na sua formação. Assim, julgamos importante relatar a origem da família da escritora, composta por pessoas de grande atuação política, cultural e acadêmica para o desenvolvimento do estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Após o percurso histórico da família de Dora Ribeiro, apresentamos a biografia da escritora em seu tempo e seu espaço.

Os documentos e fotografias que constam nesse capítulo foram extraídos dos livros *O homem e a terra* (1993), de Lélia Rita Ribeiro, *Quatro estados e um cidadão* (2005), de Haroldo Sampaio Ribeiro, e *Dr. Arnaldo, O último cruzado* (1992), de Louremberg Alves, que conta a trajetória de Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, avô de Dora Ribeiro, no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Informações sobre a história de Dora Ribeiro e a atuação de sua família em Campo Grande foram extraídas da entrevista que realizamos com a poeta em Campo Grande/MS. Nesse dia, foi possível ver a poeta em articulação: uma mulher de voz forte e com lembranças frescas da sua vida no Brasil.

1.1– A vida

Neste subtópico, relatamos o surgimento da família de Dora Ribeiro, do enlace matrimonial de seus avós maternos e de sua mãe, da convivência na infância com os avós.

1.1.1 – O início de tudo: Arnaldo Estevão de Figueiredo e Menodora Alves Fialho

1.1.1.1 – Arnaldo Estevão de Figueiredo

RECONHECER NO TABELIÃO TABELIÃO VEIGA
Rua Libero Badurá, 233 Loja 8 - S. Paulo

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MATO GROSSO
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE CUIABÁ – CAPITAL
Pedro D'Abadia Maciel
TABELIÃO

3º Tabelião Vidalício de Notas, Escrivão de Cível, Oficial Privativo e Vitalício do Registro Civil de Nascimentos Casamentos e de Óbitos da Sede da Comarca de Cuiabá.

Maria Isabel Barros Maciel
Tabelião Substituta
Nilsa Maria Barros Maciel Corrêa
Escrivente Juramentada

Abadia Barros Maciel Lemos dos Santos
Tabelião Substituta
Wanda Araujo Martins
Escrivente Juramentada

LIVRO n.06(1º Distº).... FOLHA n.0071 ... TERMO 00119

Certidão de Nascimento

Certifico que no livro de REGISTRO DE NASCIMENTOS desta Capital está registrada uma criança do sexo Masculino nascida no dia 15 de Agosto... de 1911 às ::::: horas n. em Paulo Lopes, Município de Cuiabá MT... com o nome de ARNALDO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO /// filho do cidadão ANTONIO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO /// e de D. ANTONIA MARIA DE FIGUEIREDO /// sendo seus avós paternos FRANCISCO PEDRO DE FIGUEIREDO /// ANNA DE FIGUEIREDO /// e Maternos ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA /// ANNA DE CAMPOS MACIEL ///

Registrado 27 de NOVEMBRO ... de 1911...

Obs.: DECLARANTE: A MÃE

O referido é verdade e dou fé.

Cuiabá, 05 de NOVEMBRO... de 1911...

[Assinatura]
Tabelião Substituta
WANDA ARAUJO MARTINS

Cardeais G. O. O. de Notas
TABELIÃO
Maria Isabel Barros Maciel
Substituta
Abadia B. L. dos Santos
Escrivente Juramentada
Luisa M. F. Maciel Cordeiro
Wanda Araujo Martins
Herellia G. D. Maciel Maciel
R. CANDIDO MARIANO, 277
FONE-GRÁF. 221-2514
CUIABÁ - MT.

Trabalha Querceto Praça Fx.
Av. Rio Branco, 114 - 2º Andar - RIO

Imagem 1 – Certidão de Nascimento de Arnaldo Estevão de Figueiredo (ALVES, 1992, Anexos).

Arnaldo Estevão de Figueiredo – avô de Dora Ribeiro – nasceu em 18 de agosto de 1892, na fazenda Paulo Lopes, pertencente ao município de Rosário Oeste/MT. Filho mais novo de Antônio Estevão de Figueiredo e Antônia Maria de Figueiredo, grandes fazendeiros de Mato Grosso, Arnaldo Figueiredo comenta sobre a admiração e o respeito que a sociedade mato-grossense tinha pelo pai, pois

[...] Ele fez estudos primários em Cuiabá. Ocupou o cargo de alferes nas forças organizadas, em Cuiabá, para defesa da capital durante a Guerra do Paraguai. Não chegou ir a Corumbá, a turma dele ficou em Melgaço. O Antônio Maria Coelho, primo de minha mãe, é que foi para Corumbá. Lá ele marcou sua história, tornando-se herói da Retomada de Corumbá, episódio final da guerra contra o Paraguai. Posteriormente foi eleito inspetor de armas, cargo correspondente ao de *Intervento*, na passagem do regime monárquico ao republicano (1889-1891). Gozava ele da confiança de todos os mato-grossenses. (FIGUEIREDO Apud RIBEIRO, 1993, p. 197).

Arnaldo Figueiredo comenta que todos os irmãos, desde pequenos, tinham obrigações diárias na fazenda. Porém, o estudo era estimulado pelos pais, tanto que todos foram alfabetizados na fazenda e frequentaram escola pública em Cuiabá.

Concluído bacharelado em Ciências e Letras, em 1911, no Colégio Liceu, Arnaldo Figueiredo fez o curso de Engenheiro Agrônomo, no Rio Grande do Sul, com o estímulo e apoio do Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa:

Naquela época as classes média e pobre não tinham recursos para escolher uma profissão, por isso aceitavam a escolha que o governo fazia. Foi o meu caso. Aceitei a escolha do governo, e procurei sempre corresponder ao que de mim esperavam que fizesse. (RIBEIRO, 1993, p. 213-214).

Com o diploma de Engenheiro Agrônomo, Arnaldo Figueiredo retorna para Mato Grosso e passa a exercer a sua profissão demarcando terras na região de Piaboré e de Paiaguá. Em 1917, ele se desloca para Campo Grande com objetivo de servir o Estado sob orientação de Pedro Celestino Corrêa da Costa.

Em Campo Grande, quando não estava envolvido com as questões de trabalho e política, Arnaldo Figueiredo participava de serestas nas casas de amigos e conhecidos, quando, em uma delas, conheceu Menodora Alves Fialho, com quem se casaria e teria cinco filhos.

1.1.1.2 – Menodora Alves Fialho

Em 10 de setembro de 1901, na fazenda São João, localizada no município de Nioaque, nasce Menodora Alves Fialho, quinta filha, de um total de 10 irmãos, de Alexandre de Arruda Fialho e Rita Alves Corrêa, família tradicional da região.



Foto 1 – Pais de Menodora Alves Fialho (RIBEIRO, 1993, p. 274).

A família residiu na Fazenda Pontal, em Campo Grande, local de passagem obrigatória para os que chegavam à cidade ou se dirigiam para além do Rio Paraná. Era, também, por receber muitos transeuntes, espaço em que se dialogava sobre política.



Foto 2 – Fazenda Pontal, 1910. Foto de Alberto Azevedo e Souza.
(RIBEIRO, 1993, p. 277)

Segundo Lélia Rita Ribeiro (1993, p. 275), Menodora Fialho se orgulhava muito do pai pelo trabalho que exercia na região. Além do ofício de catequizador, Alexandre de Arruda Fialho¹ desenvolvia a função de médico “folclórico” pelo sertão mato-grossense, atendendo chamados da comunidade e curando pessoas com o método homeopático, e possuía habilidades como educador, pois ensinava a todos por meio de fatos, exemplos, narrativas e provérbios (RIBEIRO, 1993, p. 275).

Rita Alves Corrêa, mulher forte e destemida, cavalgava muito bem e era excelente atiradora, pois, com a ausência constante do marido, resolvia todos os afazeres da fazenda e da casa, além de proteger a todos da família. Lélia Ribeiro transcreve, em *O homem e a terra*, uma lembrança de Menodora Fialho sobre a mãe, Rita Corrêa (chamada carinhosamente de Ritinha), que enfrentou, a mão armada, Silvino Jacques² e seu bando:

¹Segundo Ribeiro (1993, p. 274), Alexandre de Arruda Fialho veio para Mato Grosso com a missão de catequizar os índios Caiuá, da região PotreiroGuassú, hoje conhecida como a cidade de Dourados/MS.

² O gaúcho que percorreu as bandas de Mato Grosso (ainda não era do Sul), era fiel a Getúlio Vargas, a quem apoiou na Revolução de 32 e de 35. Na última, o bandoleiro que é lembrado por familiares como um homem idealista e justo - e cruel e desordeiro pelos descendentes dos inimigos - Silvino definitivamente deixou sua marca por onde passou, e o fez no interior de Mato Grosso do Sul, em Bonito.

Eu acompanhei minha mãe até a porta da frente, agarrada em sua saia, as pernas trêmulas, para atender as fortes pancadas e berros de “Abra”! “Abra”! de homens a cavalo ali chegantes. Minha mãe abriu a porta, apontando para eles a espingarda, e disse:

— Aqui só entra se passar por cima de mim!

Os homens olharam fundo para ela, entreolharam-se, e o chefe comandou:

— Sigam-me! E se foram. (RIBEIRO, 1993, p. 276-277)

Outra cena que marcara a infância de Lélia Ribeiro era a destreza com que sua mãe, Rita Corrêa, matava galinhas para o almoço acertando-lhes um tiro na cabeça, pela janela da cozinha, com sua espingarda a tiracolo.

Dora Ribeiro, em entrevista concedida, falou um pouco sobre a realidade feminina na época de sua bisavó Rita Corrêa:

É muito interessante, porque mulher não tem muita história aqui no MS; eram essas mulheres que ficavam nas fazendas, cuidando, enfrentando a violência... Não era fácil. Minha vó Rita teve muitos filhos... E tinha que cuidar da segurança deles. Depois da guerra do Paraguai, essa parte aqui do MS virou área de bandoleiros, vinha muitos bandos, e a atividade principal deles era obter “vantagens” assaltando fazendas; era uma cena de faroeste como nos filmes... Tinha muita violência, normalmente as mulheres sofriam primeiro com isso tudo. (RIBEIRO, 2013, ANEXO b).

A habilidade da avó como atiradora, como a história de matar galinha pela janela da cozinha, que se tornou tema de um poema do livro *a teoria do jardim*:

inimigo 2

a vó rita usava uma espingarda winchester, calibre 32, para abreviar os caminhos da cozinha. chegava à janela, escolhia uma presa distraída e atirava. depois mandava um guri ao terreiro recolher o corpo. acertava sempre na cabeça do bicho. ninguém gostava da mioleira. a destreza bélica da senhora servia também noutras ocasiões. era muito útil quando o bando do silvino jacques passava pela fazenda e pedia tudo o que pudesse ser comido. morto, vivo ou seco.

no ano-novo, tiros da vovó marcavam o reinício do calendário. eram três saltos e três disparos. o ritual era um sinal explosivo no silêncio daqueles matos. sem os estampidos, a vida ficaria suspensa para sempre. (RIBEIRO, 2009, p. 46)

Em 1913, Menodora Fialho, incentivada pelo pai, foi completar os seus estudos em Jaboticabal/SP, ação de extrema ousadia para uma jovem naquela época. Ela morou com a irmã, Sophia, e com o cunhado, engenheiro Alberto Azevedo de Souza (um dos responsáveis pela construção da Noroeste do Brasil), que residiam em Jaboticabal, onde estudou no Colégio das Irmãs Salesianas.

A viagem de Menodora Ribeiro para Jaboticabal, conforme relato extraído do livro de Lélia Rita Ribeiro, ocorreu da seguinte forma:

Naquele tempo, não havia escolas por aqui, e eu queria muito estudar. Então, meu pai, aceitando o oferecimento de Alberto e Sophia pra que eu ficasse com eles algum tempo, levou-me até lá. Tomamos a Maria Fumaça, máquina a vapor, em Rio Pardo, para onde fomos a cavalo. Tudo para mim era surpresa. Nem pensei nos riscos e perigos daquela viagem que fizemos até Bauru, meu pai e eu sentados no limpa-trilhos da máquina, que circulava ainda sem vagões. (RIBEIRO, 1993, p. 279).

Em 1916, Menodora Fialho regressa para Campo Grande para assumir a gerência da casa dos pais da fazenda Pontal, pois eles estavam fundando outra fazenda na cidade de Terenos/MS, e precisaram dela para cuidar da casa e dos irmãos mais novos.



Foto 3 - Menodora Fialho (Dorinha) aos 15 anos (RIBEIRO, 1993, p. 279).

Em Campo Grande, Menodora Fialho estudou música com a professora Lúcia Passarelli, filha de Henrique Gieseler, e tocava bandolim na bandinha da família Gieseler, que promovia festinhas e serestas pela cidade. Aos sábados, os Gieseler ofereciam bailes em sua residência, onde só frequentava a elite da sociedade campo-grandense. Foi nessa seresta, então, que se encontrava o moço Arnaldo Figueiredo, que viu Menodora Fialho, sua futura esposa, tocando bandolim.

1.1.1.3 – Arnaldo Figueiredo e Menodora Fialho

Como dito acima, foi na festa da casa dos Gieseler que Arnaldo Figueiredo se encantara por Menodora Fialho, “[...] com seus gestos femininos, olhos brejeiros e cintilantes, cabelos curtos e castanhos, alegria e a destacada imposição de sua forte personalidade” (ALVES, 1992, p. 85).




Foto 4 – Arnaldo Figueiredo e Menodora Fialho, em 1919. (RIBEIRO, 1993, p. 273)

Segundo Lélia Ribeiro, Menodora Fialho (Dorinha) tinha um riso que ecoava nas festas de Campo Grande e a alegria dela atraía “[...] pessoas que vinham a tais festas especialmente para ouvir e se alegrar com ela, como o Mr. Black, gerente da fazenda dos Ingleses, Capão Bonito, que dizia cheio de sotaque: - “Vengo a Campo Grande solamente para escuchar su rizo!” (RIBEIRO, 1993, p. 280).

Tempos depois, Arnaldo Figueiredo afirma que “Foi amor à primeira vista que deu certo” (RIBEIRO, 1993, p. 279). Arnaldo Figueiredo e Dorinha se casaram em 14 de fevereiro de 1920.

20 OFÍCIO


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 OFICIAL DO REGISTRO CIVIL DA 1ª CIRCUNSCRIÇÃO
Dr. Waldir dos Santos Pereira Júnior
 SUBSTITUTOS: Alba Lúcia Spengler dos Santos Pereira
 Dr. Carlos Henrique dos Santos Pereira
 AVENIDA AFONSO PENA, 1771
 TELEFONE (067) * 383-1378 - Cx. POSTAL 11
 CEP 79.010 - CAMPO GRANDE - MATO GROSSO DO SUL

CARTÓRIO SANTOS PEREIRA
CERTIDÃO DE CASAMENTO
REGISTRO CIVIL

CERTIFICO que sob o nº 09 às Fls. 45 do Livro Nº 12 de Registro de Casamentos, verifiquei constar que no dia 14 de FEVEREIRO de 19 20 foi realizado o casamento de ARNALDO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO E MENODORA ALVES FIALHO contraído perante o Juiz de Paz SR. MANOEL PEREIRA DA SILVA COELHO e as testemunhas CONSTANTES NO TERMO

Ele, nascido em DESTE ESTADO DE MATO GROSSO aos 20 de COM VINTE E SETE ANOS de idade profissão ENGENHEIRO AGRONOMO, domiciliado e residente em NESTA CIDADE, filho de ANTONIO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO E ANTONIA MARIA DE FIGUEIREDO

Ela, nascida em DESTE ESTADO aos 20 de COM DEZOITO ANOS de idade profissão DOMESTICA, domiciliada e residente em NESTA CIDADE, filha de ALEXANDRE DE ARRUDA FIALHO E RITA ALVES FIALHO

a qual passou a assinar-se NÃO CONSTA

Foram apresentados os documentos a que refere o Art. 180, nºs. NÃO CONSTA do Código Civil Brasileiro.

Observações: NÃO CONSTA

O referido é verdade e dou Fé.
 Campo Grande (MS), 23 de DEZEMBRO de 19 92

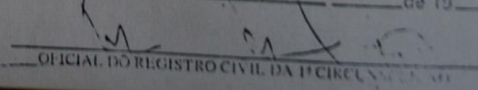

 OFICIAL DO REGISTRO CIVIL DA 1ª CIRCUNSCRIÇÃO

Imagem 2 – Certidão de Casamento de Arnaldo Figueiredo e Menodora Fialho. (ALVES, 1992, anexos)

Inicialmente, o jovem casal morou com os pais dela, na Rua Rui Barbosa, nº 1219. A partir de 1922, o casal Figueiredo passou a residir na Av. Calógeras, esquina com a Rua Barão do Rio Branco, nº 2.163, que se tornou, em 1997, memorial Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, desativado em 2006.



Foto 5- Menodora com o pai e sobrinhos



Foto 6 – Retrato de família e Residência dos Figueiredo na Av. Calógeras
(RIBEIRO, 1993, p. 285)



Foto 7 – Residência dos Figueiredo na Av. Calógeras.
Foto disponível no rol de entrada da ARCA, em Campo Grande- MS



Foto 8 - Casa da Av. Calógeras hoje (Arquivo Pessoal)

O casal Figueiredo teve cinco filhos: Afrânio, Agenor, Arnaldo (que faleceu aos onze meses), Antônio João e Lélia Rita.

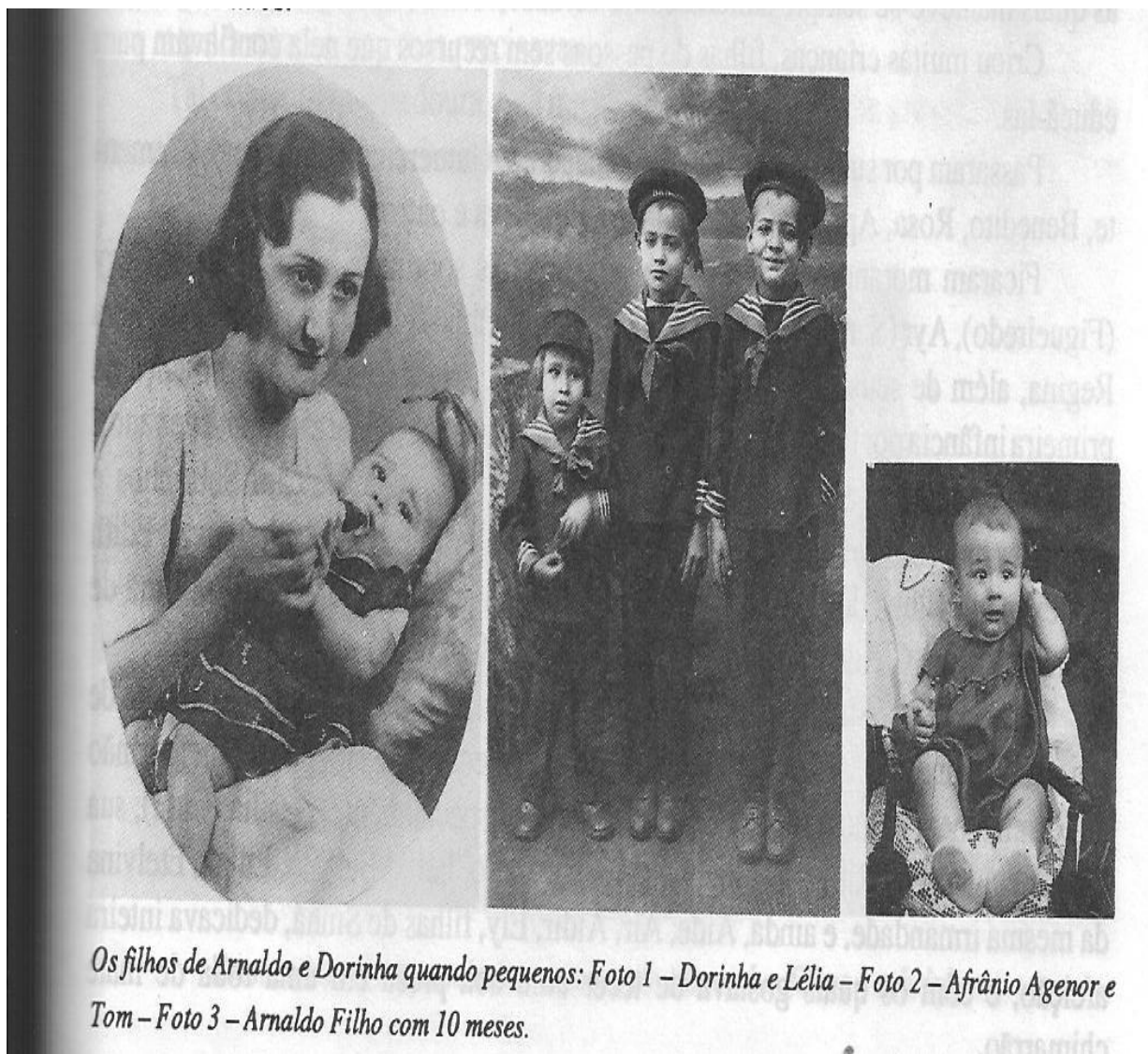


Foto 9 – Menodora e os filhos. (RIBEIRO, 1993, p. 283).



Foto 10 – O casal Figueiredo e os filhos. (RIBEIRO, 1993, p. 290).

A casa de Arnaldo e Dorinha estava sempre cheia de pessoas. Era de costume as rodas de chimarrão às 10 horas, as conversas políticas e as alegres reuniões de família. Menodora, como descreve Louremberg Alves, “era uma excelente anfitriã, recebia a todos – parentes e amigos – com graça, elegância e cordialidade” (ALVES, 1992, p. 87).

Dona Dorinha era não só maravilhosa anfitriã, mas também, uma excelente criatura humana – de uma doação total. Dedicou-se a inúmeras obras de benemerência, notadamente por meio da Igreja Católica. No natal enviava aos presos da cadeia pública farta refeição, que ela própria preparava; servia, aos alunos pobres da catequese de Angela Giordano, um apetitoso chocolate no dia da primeira comunhão, na própria residência.

Todo esse trabalho de Dona Dorinha tinha não só aval do Dr. Arnaldo, mas também a sua própria participação. Esse casal, em toda sua vida, teve por lema: a promoção humana – a valorização das pessoas, a começar pela família.

Dona Dorinha, no dizer de Paulo Coelho Machado, era “uma presença poderosa e inolvidável”. Era, também uma grande companheira de Dr. Arnaldo. (ALVES, 1992, p. 88).

Com a formação da família, Arnaldo Figueiredo se viu fortalecido e motivado a seguir, com mais afinco, a sua carreira de político, além dos seus compromissos como engenheiro agrônomo pelo estado de Mato Grosso. Em 1917, Arnaldo Figueiredo integra o Partido Republicano Mato-grossense. Em 1919, é eleito intendente e vice- intendente municipal de Campo Grande. Em 1921, foi empossado para o cargo de presidente da câmara dos vereadores de Campo Grande como vereador mais votado, abrindo mão do cargo de intendente.

Depois desse cargo, em 1924, Arnaldo Figueiredo foi eleito a prefeito de Campo Grande para suceder o Dr. Arlindo de Andrade, um dos grandes responsáveis pelo embelezamento e pela arborização de Campo Grande o que ocorreu naquele período. Nesse cargo, Arnaldo Figueiredo construiu o primeiro abastecimento de água da cidade, sendo isso um grande desenvolvimento e um salto político na época. Entre essas e outras, Dr. Arnaldo também fundou o Rádio Clube, como forma de lazer para a população, e criou na cidade o Rotary Club, com o intuito de servir a todos que precisassem de ajuda.

Com toda a influência política construída por anos, no dia 21 de março de 1947, o Tribunal Regional Eleitoral declarou Arnaldo Estevão de Figueiredo eleito Governador do Estado de Mato Grosso onde exerceu o cargo por quatro anos.

Arnaldo Figueiredo desenvolveu ações políticas para a educação, a cultura e as artes, conforme nos relata Alves:

O governo do Dr. Arnaldo teve características eminentemente progressistas para a época (esta pode ser perfeitamente detectada na luta pela colonização de MT). Poucos foram os governadores do estado que se interessaram tanto pelas artes, letras e educação, ou se envolveram tanto com elas. Estudioso dos problemas que afligiam as regiões do estado (pois desde 1915, ele escrevia na imprensa de Corumbá e Campo Grande importantes artigos de ordem profissional, política, administrativa, sobre colonização e outros assuntos), Dr. Arnaldo sentia-se em casa com os eruditos. Não somente se cercara, no primeiro escalão do governo, de intelectuais, escritores, jornalistas, professores, advogados e elementos ligados ao meio cultural mato-grossense, como atraía artistas e estudiosos a Cuiabá. O fato de Arnaldo ter convidado o venerável Dom Aquino Corrêa para participar das cerimônias de sua posse foi característico. (...)

Além disso, ele não só prestigiou o Instituto Histórico e Geográfico de MT e a Academia Mato-grossense de Letras, como também defendeu melhorias na aposentadoria de um de seus mais brilhantes nomes, Estevão de Mendonça. (ALVES, 1992, p. 193).

Devido ao engajamento cultural, em 1980, Arnaldo Figueiredo recebeu a condição de patrono da cadeira nº 6 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, ocupada na época por Henedina Hugo Rodrigues.

1.1.1.4- Arnaldo e Menodora: a morte os separa

Em 29 de dezembro de 1971, Menodora Figueiredo falece. Em memória, o estado lhe fez uma homenagem dando o seu nome como patrona do Centro Educacional da cidade de Dourados, hoje conhecido como *O Menodora*.



Foto 11 – Imagem frontal do colégio O Menodora, em Dourados/MS. (Arquivo Pessoal).



Foto 12 - Quadro afixado no rol de entrada do colégio O Menodora, em Dourados/MS.

Em 15 de dezembro de 1991, falece Arnaldo Estevão de Figueiredo. Em 1993, Lélia Rita Ribeiro foi chamada para ir a Brasília, para receber a

condecoração póstuma da Ordem de Rio Branco, pelas mãos do Emo. Sr. Ministro Fernando Henrique Cardoso, com a presença do Exmo. Sr. Presidente da República Itamar Franco, em solenidade realizada no Palácio do Itamaraty.

8. *Condecoração Póstuma: Ordem do Rio Branco*

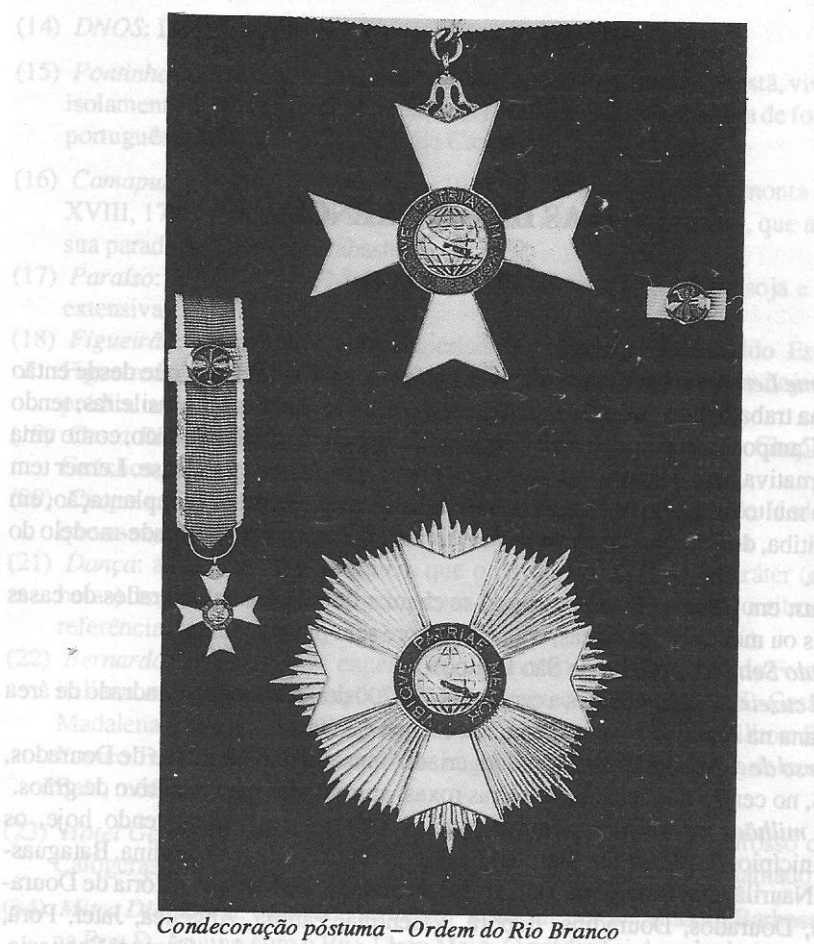


Imagem 3 – Condecoração a Arnaldo Figueiredo (RIBEIRO, 1993, p. 545).

1.1.2 – Lélia Rita Euterpe Fialho de Figueiredo: o início da poesia no seio da família Figueiredo

Em 22 de novembro de 1935, nasce, em Campo Grande, a última filha do casal Figueiredo, Lélia Rita Euterpe Fialho de Figueiredo. Admiradora confessa do pai, Lélia Figueiredo, quando criança, sempre acompanhava o pai pelas fazendas



Foto 14– Lélia Figueiredo (em cima do carro com o cachorro) acompanhando o pai pelas fazendas do Mato Grosso. (RIBEIRO, 1993, p. 323).

e se inteirava, a partir da adolescência, do trabalho político desenvolvido pelo pai. Já adulta, envolveu-se no mundo político e voltou-se, principalmente, para os assuntos ligados à arte e à cultura.



Foto 14 – Lélia, Presidente Dutra, Menodora e Arnaldo Figueiredo (A foto encontra-se no Colégio O Menodora, localizado no município de Dourados/MS).

Como toda moça campo-grandense, Lélia Rita Ribeiro frequentava as festas do Circulo Militar, localizado na Av. Afonso Pena, em Campo Grande. Em uma dessas festas, ela conheceu o médico veterinário, que acabara de chegar à cidade, Haroldo Sampaio Ribeiro, com quem se casou e teve cinco filhos.

No livro *Quatro estados e um cidadão*, Haroldo Ribeiro descreveu como conheceu Lélia Figueiredo:

Em uma festa no Círculo Militar, me chamou a atenção uma morena vestida de branco, que também me olhava. Dançamos, nos conhecemos. Mais tarde fiquei sabendo que namorava um xará militar. Coincidentemente, semana seguinte tive que ir a casa de seu pai para marcar uma vistória ao touro guernesey emprestado pela fazenda Modelo. Na varanda da casa, enquanto conversava com seu pai, ouvi-a perguntar quem era, e alguém responder que era o veterinário da fazenda Modelo. Levou um grande susto, e a vi passar como se fosse um raio... O namoro prosperou e perdurou. (RIBEIRO, 2005, p. 118).

Em 16 de julho de 1958, Lélia Rita Euterpe Fialho de Figueiredo casa-se com Haroldo Sampaio Ribeiro. A festa aconteceu em Campo Grande e a família do noivo veio de Minas Gerais para a cerimônia.



Foto 16 – Casamento de Lélia Rita Ribeiro e Haroldo Ribeiro. (RIBEIRO, 1993, p. 288).

Depois de casados, Lélia Rita Ribeiro e Haroldo Ribeiro foram morar na casa de Arnaldo e Dorinha Figueiredo. O pai de Lélia Rita construiu para a filha – na casa localizada na Av. Calógeras – um apartamento, com sala, dois quartos e banheiro. Foi nessa casa que Lélia Rita Ribeiro deu a luz aos seus cinco filhos: Paulo Afrânio (27/4/1959 – †13/10/1986), Dora Maria (21/4/1960 –), João Marcos (31/12/1962 –), Ana Rita (9/4/1964 –) e Beatriz (5/12/1967 –).

Lélia Ribeiro, o esposo e os filhos moraram durante 10 anos na cada da Av. Calógeras. Os filhos do casal cresceram convivendo com os avós maternos, com quem criaram fortes laços. Em 1968, a família Ribeiro muda-se para outra casa – construída por Haroldo Ribeiro – localizada na Av. Afonso Pena, nº 3900; na época, “Toda a região era pasto. Não podendo fazer grade, construí uma cerca de arame para impedir que o gado entrasse no jardim. Toda manhã era preciso raspar a calçada e lavá-la – era o dormitório das vacas” (RIBEIRO, 2005, p. 122). Hoje, é a principal Avenida de Campo Grande.



Foto 17 – Foto frontal da casa de Lélia Rita Ribeiro e Haroldo Ribeiro na Av. Afonso Pena, 3900 (Arquivo Pessoal, 2013).



Foto 18 – Foto da entrada da casa de Lélia Rita Ribeiro e Haroldo Ribeiro na Av. Afonso Pena, 3900. (Arquivo Pessoal, 2013).

Lélia Rita Ribeiro, depois de ter construído a sua família, formou-se em Letras pela Faculdade D. Aquino de Filosofia e Letras, em Campo Grande, e Direito na Faculdade Unidas Católica de Campo Grande. O curso de Letras a despertou para o caminho da poesia. Segundo Lélia Ribeiro, a sua vocação pela cultura e pela arte veio de seu pai, que se preocupava com essas questões.

Em 1977, Lélia Ribeiro publica seu primeiro livro *Amor em todos os quadrantes*, que retrata aspectos de sua terra natal (Campo Grande). Em 1983, lança o segundo livro, *Estação provisória*. Em 1984, em parceria com sua filha Dora Ribeiro, publica *Cantos Gritos & Tombos*. Em 1993, edita, com o apoio de seu pai, Arnaldo Figueiredo, a obra *O Homem e a Terra*, que contém uma síntese da História de Mato Grosso do Sul.

Dora Ribeiro, em entrevista concedida a nós, comentou sobre a bravura de sua mãe ao fazer dois cursos superiores, em uma época em que as mulheres lutavam arduamente por seus direitos. Diz não se lembrar exatamente quando a

mãe teve inclinação para as palavras, mas se recorda bem que o curso de Letras despertou-lhe o pendor poético:

Não sei quando nasceu o seu [Lélia Rita Ribeiro] interesse pela poesia. Mas lembro-me que com a sua admissão ao curso de Letras isso tornou-se evidente. Acredito que o curso abriu-lhe portas para uma literatura que ela não conhecia e que a seduziu imediatamente.

Além do curso de Letras, fez mais tarde o curso de Direito. Foi num período em que estava envolvida com o escritório do meu avô.

Na sua época, sobretudo no Mato Grosso, não era natural que as mulheres continuassem os estudos. Não era considerado necessário, já que o marido era o responsável pela manutenção da família. À mulher cabia um papel dentro da família.

As mudanças nos anos 60 foram enormes e acho que ela aproveitou essa abertura para dar o salto, depois de ter tido os cinco filhos. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Lélia Ribeiro ocupa a cadeira de número 27 na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, cujo patrono é Antônio João Ribeiro. A escritora realizou programas e projetos de Levantamento do Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico de MS (1980/82); presidiu a Associação de Artistas Plásticos, como fotógrafa; idealizou e executou o programa de Expedição Cultural/Artística, que circulou por várias cidades e estados do país e aldeias indígenas, integrando os mais diversos setores de vida cultural e artística, para revelar e difundir o estado de Mato Grosso do Sul.



Foto 19 – Lélia Ribeiro. Foto disponível em:
<http://www.acletrasms.com.br/membro.asp?IDMCad=48>

Lélia Rita Ribeiro elaborou e produziu diversos projetos artísticos, ganhando, com alguns deles, prêmios, como, por exemplo, o projeto Cantata Cênico “Peabiru - A Conquista do Novo Mundo”, patrocinado pela Petrobrás, Eletrobrás e Governo de MS.

Ao que parece, a propensão para as palavras e o pendor poético da mãe foi transmitido para a filha Dora Ribeiro. A seguir, conheceremos a poeta-filha, delineando a sua infância, adolescência e formação como poeta.

1.1.3 – Dora Maria Figueiredo Ribeiro

Em 21 de abril de 1960, nasce, em Campo Grande, Dora Ribeiro, o segundo filho do casal Lélia Rita Ribeiro e Haroldo Sampaio Ribeiro.

Dora Ribeiro residiu boa parte de sua infância na casa dos avós Arnaldo e Menodora Figueiredo, localizada na Av. Calógeras. Depois, mudou-se para a casa que o pai comprara na Av. Afonso Penas, nº 3900.

Na infância, sempre ia para a fazenda dos avós com os irmãos e os primos.



Os netos na fazenda. Sobre a cerca, da esquerda à direita: Ana Rita, Flávia, Tina, Julia, Dora Maria, Paulo Afrânio, Carol, Monica, José Paulo. De pé: João Marcos. Última linha: Angela, Márcio, Cláudia, ...

Foto 19 – Dora Ribeiro na infância (6ª criança da esquerda para direita sobre a cerca). (RIBEIRO, 2005, p. 44).

Foi no clima da casa dos avós que Dora Ribeiro alimenta as suas mais doces lembranças de infância, principalmente da figura tão representativa que foi sua avó materna: “[...] a mulher mais importante na minha formação sentimental foi a minha avó Dorinha. No seu corpo aprendi todas as letras. Acredito até que

tenha copiado alguns traços da sua personalidade (infelizmente não os melhores...)” (RIBEIRO, 2012, anexo D).



Foto 21 – Dora Ribeiro pequena (a 1º menina sentada da esquerda para direita com seus avós). (RIBEIRO, 1993, p. 437).

Outras figuras que, também, chamava a atenção da escritora eram as mulheres de sua família na época:

As mulheres da minha família foram fundamentais para a minha formação como pessoa. Quase todas eram pessoas bastantes assertivas e com opinião sobre o mundo e as suas gentes. Numa época em que a afirmação feminina ainda engatinhava, as mulheres à minha volta viviam (assim eu as via/imaginava) em "pé de igualdade" com os homens. Minha mãe estava sempre envolvida em atividades sociais e culturais, minha Tia Neli (casada com o irmão da minha mãe), que era nossa vizinha na Avenida Calógeras, era médica (a primeira em MT). A minha madrinha Déa, que também morava ao lado, era proprietária de uma loja de roupa de crianças, onde trabalhava diariamente. (RIBEIRO, 2012, anexo D)

A expressão feminina no seio da família foi algo marcante na infância de Dora Ribeiro. Em 29 de dezembro de 1971, falece a sua avó, Menodora Figueiredo (Dorinha), deixando um vazio imenso na vida da família e dos amigos. Dora Ribeiro diz que “A sua morte [da avó], em 1971, foi um brusco empurrão para a adolescência. Demorei muitos anos para me recuperar desse impacto” (RIBEIRO, 2013, anexo D).

Dora Ribeiro comenta que a figura do avô tornou-se mais presente na sua vida após a morte da avó:

O meu avô surgiu na nossa vida depois do falecimento da minha avó. Na ausência dela, ele passou a assumir uma parte dos 'atributos' da Dorinha. Gostava muito de contar histórias das suas andanças pelo MT e, como recebia muitas visitas, eu ficava sempre por perto para ouvir as conversas e as histórias. (RIBEIRO, 2012, anexo D).

A escritora chama atenção para o movimento da moradia da Av. Calógeras, onde o avô recebia muita gente na varanda da casa. À tarde, diz ela, depois da sesta, seu avô sentava na sua cadeira de balanço e ficava à espera dos amigos e conhecidos que vinham tomar café.

Pode-se considerar que a partir desta relação tardia com o avô, ela pode perceber e aprender algumas virtudes deste homem perfeccionista e público. Certa vez, Dora Ribeiro começou a ser chamada pelo avô para datilografar cartas e texto que ele escrevia para os jornais, e comenta a experiência: “Era muito severo quando se tratava de trabalho. Não admitia erros, sobretudo se fossem de ortografia” (RIBEIRO, 2012, anexo D).

Dora Ribeiro comenta, em entrevista a nós concedida, que o mais precioso aprendizado que teve, tanto dos seus pais quanto dos avós maternos, foi a integridade: “Como eram pessoas dedicadas à vida pública (cada um na sua área), eram totalmente intolerantes ao uso do poder (por pequeno que fosse) em benefício próprio” (RIBEIRO, 2012).



Comemoração dos 98 anos do Dr. Arnaldo Cercado do Carinho de seus familiares e amigos – Aguas Quentes de Jucimeira, MT – 1ª Foto à esquerda na Chapada dos Guimarães-Fazenda da sobrinha Mazzarelo

Fotos 21 – Aniversário de 98 anos de Arnaldo Figueiredo. (RIBEIRO, 1993, p. 534).

Dora Ribeiro está na 2ª foto, da esquerda para direita, agachada ao lado de dona Lélia Rita Ribeiro. Na 1ª foto debaixo, da esquerda para direita, ela está em pé com sua filha Camila no colo.

1.1.3.1 - A menina poeta

O primeiro poema escrito por Dora Ribeiro, aos dez anos, foi em homenagem às bodas de ouro dos avós. Segundo Dora Ribeiro, como ela não possuía vocabulário suficiente, utilizou palavras e frases copiadas das orações que ouvia nas missas de domingo. Sua avó era muito religiosa e devota da igreja católica.



Foto 21 – Foto das bodas de ouro de Menodora (Dorinha) e Dr. Arnaldo. (RIBEIRO, 1993, p. 437).

Em entrevista, Dora Ribeiro usou as seguintes palavras para justificar seus primeiro rabiscos poéticos:

Que eu me lembro, a primeira coisa que escrevi foi para a minha avó, em suas bodas de ouro. Eu queria fazer uma coisa bonita, foi um poeminha rimado que acho que tinha a até a ver porque a minha avó era muito católica. Eu ia muito com ela nas procissões que aconteciam aqui em Campo Grande, na rua 14 de julho e avenida Calógeras. Coroavam a Nossa Senhora e minha mãe cultivou essa tradição para os netos também... Então a minha primeira experiência estética eu acho que foi a liturgia católica, e que depois desapareceu completamente (risos)! Sou totalmente agnóstica. Essa primeira experiência intensa, e acho que é uma estética literária que, enfim, é uma boa iniciação, porque a Bíblia é um texto belíssimo.

O poeminha que escrevi para minha avó tinha pedaços dessas liturgias. A poesia começa com essa necessidade de criar uma relação, no caso com a minha avó, de criar essa relação de intimidade, uma necessidade de expressão que eu não possuía, pois eu ainda era uma criança... Minha adolescência foi muito tardia, foi marcada pela morte dela... Mas é essa tentativa infantil de construir uma linguagem que pudesse ser transmitida. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Na infância, a sua primeira companhia poética foi Cecília Meireles, que chegou pelas mãos de sua mãe, Lélia Rita: “Os meus pais sempre tiveram uma vida intelectual muito ativa e por isso os livros sempre estiveram por perto. Li muito desde a infância e, como nasci antes da televisão chegar a MT, tive o prazer de muitas sessões de leitura de histórias” (RIBEIRO, 2012 anexo D).

Dora Ribeiro comenta que como sua mãe, que escrevia e publicava livros de poesia, aprendeu “[...] o amor por Pessoa e Drummond” (RIBEIRO, 2012, anexo D), e mais tarde, por João Cabral de Melo Neto. Seu pai, Haroldo Sampaio Ribeiro, professor e fundador do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, segundo ela, também apreciava poesia. Sabia de cor textos de Augusto dos Anjos. E, quando estava de muito bom humor, repetia as quadrinhas e trava-línguas preferidas.

Ela confessa que não foi uma adolescente fácil e que sua relação com os pais não era das melhores:

Como todo filho, a relação com os pais vai mudando toda a vida. Se eu olhar as fotos de infância, não consigo imaginar um relacionamento bom, e logo depois da adolescência, esse sentimento não existiu com meus pais. Foi uma experiência muito complicada. Fui uma adolescente típica, complicada... Para mim foi muito difícil lidar com isso. Queria sair de casa, queria ir embora, não sabia muito bem para fazer o que, mas era uma necessidade que eu tinha. Minha mãe me dizia, se ainda me lembro, tentava me explicar porque eu tinha aquele tipo de comportamento. Ela me dizia que quando eu era pequena, ela me perguntou o que eu queria ser quando eu crescesse e eu respondi que queria ser livre.

Pois é, então foi um pouco isso a história da minha vida. Era uma época muito tradicional; meu pai e minha mãe tinham ideias do que eu deveria fazer, quem eu deveria namorar, e aí eu tinha um namorado que ela não aprovava, e eu já entendia que eu não deveria namorar de jeito nenhum. Enfim, havia muitos conflitos.. [...] Meu pai era uma pessoa que teve uma experiência com o pai de extrema rigidez, então ele achava que isso era adequado. Não era uma pessoa sensível e nunca foi. Em casa, tudo era feito através da minha mãe. Todos os acordos entre os filhos, às vezes algumas coisas eram decididas sem ele tomar conhecimento... Era assim o tipo de relacionamento. Ele sempre foi uma pessoa mais distante. Agora, na velhice, ele está mais dócil... Felizmente agora podemos ter uma relação mais próxima. (RIBEIRO, 2013, anexo B).



Foto 23 – A família Ribeiro: Lélia, Beatriz, Ana Rita, Paulo, Dora Ribeiro, João Marcos, Haroldo. (RIBEIRO, 1993, p. 119).

Dora Ribeiro estudou em vários colégios tradicionais de Campo Grande na época, como, por exemplo, Pequenópolis, Auxiliadora, Escola Estadual Lúcia Martins Coelho e Colégio Dom Bosco.

Segundo Dora Ribeiro, como ela tinha uma realidade fascinante em sua volta, com a representatividade de sua família e sua convivência na famosa casa na Av. Calógeras, como esperado, a realidade escolar não lhe despertava grandes interesses. Porém, sempre foi comprometida com a escola. Para não dizer que ela não tenha se divertido, ou achado graça de algum fato na escola, Dora Ribeiro conta a seguinte história:

No início dos anos 70, estudava no colégio Dom Bosco e tive uma professora de português que era mulher de um militar. Talvez devido ao marido, estava muito atenta à situação política que o país vivia e, ao ler um texto que eu havia escrito, viu ali uma armação perigosa. Na verdade não passava de um poeminha rimado, inocente e ruim. Mas a desconfiança mereceu uma reunião familiar. (RIBEIRO, 2012, anexo D).

Para Dora Ribeiro, pode-se pensar que nascia uma poeta que já provocava ideias inquietantes, embora sem a menor intenção.

1.1.3.2 – A poeta andarilha, inquieta

Apesar do clima social e familiar que Dora Ribeiro convivia, ela decidiu seguir seu caminho: “Apesar (ou talvez por isso mesmo) da família grande, a minha opção foi desde cedo à solidão e independência. Provavelmente para ter tranquilidade para construir a minha personalidade” (RIBEIRO, 2012, anexo D). Perguntamos a escritora se a distância de suas raízes causou algum impacto sobre o seu fazer poético. Ela responde:

A distância física é só uma pequena parte do processo do envolvimento familiar de deslocar de onde nasceu. Muitas vezes nos distanciamos fisicamente e continuamos com a cabeça no local, dentro das mesmas emoções. No meu caso, eu queria fazer as coisas pela minha própria cabeça, então não poderia ficar aqui em Campo Grande. Pelo menos teria que conseguir dialogar com meus pais, mas na verdade nem queria fazer isso. Queria ser dona do meu nariz e ponto final. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Dora Ribeiro comenta sobre o incentivo que a mãe dava aos filhos para conhecerem outros lugares, obterem experiência e buscarem os seus caminhos:

Minha mãe incentivava muito a nossa saída e dizia que queria ter saído de Campo Grande. Ela até teve uma temporada no RJ, mas ela tinha muita vontade de conhecer e estar em outros lugares e não teve oportunidade. Eu acho que através dos filhos ela fez isso. Ao mesmo tempo em que ela nos queria por perto, também nos queria longe, para descobrir outras coisas, fazer outras coisas que não teve oportunidade. É a interpretação que eu faço; eu nunca tive esse tipo de conversa com ela e meus irmãos também concordam com essa dedução. Minha mãe fez muito esforço para que fizéssemos coisas que ela não tinha podido fazer. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

A primeira viagem para o exterior foi para os Estados Unidos, em 1976, onde passou seis meses frequentando uma escola pública. A poeta conta sobre a experiência marcante de liberdade, algo que tanto almejava:

E logo quando fui para os Estados Unidos, em 1976, voltei muito transformada, afinal, foi a minha primeira experiência de liberdade... Não foi tão boa, pois eu sofri, senti muita saudade... A gente vivia num ambiente muito protegido, então, essa experiência de liberdade foi bem assustadora, emocionalmente falando foi um desafio. Mas depois disso, fiquei mais um ano e meio em Campo Grande e depois fui para o Rio de Janeiro. Não voltei mais... (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Já de volta ao Brasil, em 1978, Dora Ribeiro prestou vestibular em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Fez o curso Licenciatura em Letras (Português e Inglês) na PUC/Rio de Janeiro:

Sempre tive esse fascínio pelas palavras, pela língua, pela necessidade de construir universos. Eu me lembro de falar muito sozinha quando era criança, [...] era uma coisa de musical e tive muita influência da música popular brasileira, algo muito forte na cultura brasileira. Ficava inventando músicas, cantava (eu não sei cantar), então a palavra vinha sempre com uma espécie de harmonia, trazidas por canções que eu gostava. Vivia dentro desse mundo e quando comecei a pensar no que eu ia fazer, foi a única coisa que me ocorreu. Nunca tive vontade de ser professora, infelizmente, porque a profissão é maravilhosa. Fiz a licenciatura, mas nunca me imaginei dando aula. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Em 1983, Dora Ribeiro conclui o curso de graduação. Segundo a escritora, na universidade encontrou e conviveu com críticos e professores, como Luiz Costa Lima e Silviano Santiago, que a ajudaram a desenvolver a sua *persona* literária. Desta época, Dora Ribeiro cultivou grandes amigos na faculdade, sendo um deles, Oswald Martins, que nos contou como foi a relação de Dora Ribeiro com as palavras e sua tendência pela poesia:

Conheci Dora na PUC, quando fizemos juntos o curso de criação literária com o professor Silviano Santiago. A partir do momento em que nos conhecemos, nos ligamos em laço de amizade e carinho mútuo [...]. Pela poesia, não só demonstrava, como era uma

certa encarnação das possibilidades mais altas de que a poesia era capaz. A aceitação da poesia era normal, sem dúvida. Não havia nenhum tipo de discriminação pelo fato de ela escrever. Pelo contrário, a aceitação da escrita era uma prática comum entre nós no curso de Letras. Não sei se hoje é assim ou os poetas são discriminados nos cursos de Letras. Há uma certa aura cercando aquele que escreve, que vem de uma tradição romântica, que se aprendia a desrespeitar com o curso e a tendência de cada um de nós. Havia na PUC RJ umas casinhas que eram cedidas para que ali se fixassem os centros acadêmicos. Dora, eu, Ronald, Raquel e algumas outras pessoas adorávamos ficar nessas casas. Fundamos um pequeno sebo, que era nossa delícia e razão de ir com gosto para a faculdade. Daí surgiu um grupo de estudos, orientado pelo Prof. Luiz Costa Lima, que foi fazendo com que nossa amizade se estreitasse e incorporasse outras pessoas. Frequentávamos quase todas as aulas juntos e a aceitação da poesia de Dora se torna quase que instantânea. (MARTINS, 2012, anexo C).



Foto 24 – Oswaldo Martins (à direita) e um amigo prestigiando o lançamento de *a teoria do jardim*, da amiga Dora Ribeiro. (Foto do arquivo pessoal de Oswaldo Martins).



Foto 24 – Dora Ribeiro, Oswaldo Martins e amigas. (Foto do arquivo pessoal de Oswaldo Martins).

Dora Ribeiro iniciou sua carreira jornalística em Campo Grande. Segundo a poeta, durante as férias da faculdade escrevia textos sobre filmes e outras atividades culturais para jornais gratuitos. Quando morou em Portugal, trabalhou para o semanário *Tempo*, revista *Exame* (edição portuguesa), *Jornal de Negócios* e para um programa na televisão pública RTP2. Foi, também, correspondente, por um período pequeno, do *Estadão* em Lisboa. Trabalhou como assessora de imprensa na Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses no Ano do Brasil.

E, em 2001, quando esteve durante alguns meses em Campo Grande, ocasião que escreveu uma coluna sobre a cidade no jornal *Folha do Povo*.

Em 1983, a poeta publicou os primeiros poemas em uma antologia feita no curso de Criação Literária, ministrado por Silviano Santiago. Nesse período, nas discussões entre amigos e professores, a poeta teve, também, seus poemas

publicados nos suplementos de literatura da *Folha de S. Paulo* e do *Estadão*. Em 1984, publica *ladrilho de palavras*.

Dora Ribeiro viveu no Rio de Janeiro até 1983, ano em que conheceu seu primeiro marido, Gilberto, com quem se casou e foi morar em Lisboa. Em Portugal, trabalhou como jornalista para a imprensa portuguesa e brasileira. Lá, Dora Ribeiro confessa que seu lado poeta ficou um pouco adormecido:

Depois de formada, fui para Portugal e lá trabalhei com jornalismo durante 20 anos. Na época da faculdade a gente montava jornalzinho e sempre gostei disso, de construir coisas através da palavra. O curioso que durante a minha temporada em Portugal, o jornalismo quase sobrepôs o meu lado poeta; passei a ter uma vida tão diferente e isso é engraçado... Fiquei muito tempo sem encontrar pessoas ligadas à literatura e fiquei sem publicar. Eu acho que *bicho do mato* aconteceu porque eu tinha as coisas prontas, mas só me relacionava com as pessoas do jornalismo. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Depois de alguns anos, separou-se do seu primeiro marido, com quem teve uma filha, Camila Sofia.



Foto 26 – Camila Sofia e Dora Ribeiro. (Foto cedida pela escritora)

Contraiu núpcias com o segundo esposo, que veio a falecer em 2002. Em 2007, casou-se novamente e deixa Portugal, pois o esposo é diplomata. Assim, morou em Genebra e, em 2008, em Pequim. Em 2013, devido à aposentadoria do marido, a poeta retorna para o Brasil e se fixa em São Paulo.

Com a aprendizagem do inglês, além das influências literárias que recebeu dos pais, Dora Ribeiro passou a ter acesso à literatura anglo-saxônica, autores como Edgard Allan Poe, Emily Dickinson, Henry James, Laurence Sterne e Wallace Stevens, embora mais tardiamente, e esses autores se tornam fontes de referência.

Dora Ribeiro comenta que “É provável que tenha lido, até hoje, mais prosa do que poesia. Através da leitura dos romances fui crescendo interiormente e me preparando para a poesia. Dito isso, esclareço que a minha poesia carrega

sinais dos poetas que me comovem. Há muitas citações, umas declaradas, outras veladas” (RIBEIRO, 2012, anexo D).

Para Dora Ribeiro, “a poesia, como qualquer outra forma de criação, não se explica com eventos biográficos. Ela surge, primeiro, como habilidade/facilidade de expressão e depois vai-se incorporando na maneira de estar no mundo da pessoa. Hoje sei que sem a poesia estaria apenas meio-viva; teria tido uma meia-experiência do meu tempo” (RIBEIRO, 2012, anexo D). A escritora menciona, também, que talvez a poesia tenha começado nela pelo espanto: “Lembro-me de andar pelas ruas de Campo Grande admirando a sua natureza, que me parecia sempre maior do que as palavras que eu conhecia para descrevê-la. Senti que precisava de uma linguagem diferente para expressar a minha relação com o mundo”(RIBEIRO, 2012).

Esse mundo poético tão cosmopolita foi pré-moldado no interior do Brasil. Apesar de estar longe, ter passado por tantos lugares e conhecer tantas culturas, Dora Ribeiro alimenta lembranças da infância mágica que viveu em Campo Grande:

Sempre gostei de Campo Grande. Hoje ainda mais me parece um lugar especialmente belo. A luz, o céu, a imensidão dos campos. Minha mãe costumava organizar serenatas em frente da casa na Afonso Pena em noites de lua cheia. Era um privilégio. Vivi muito o campo e as histórias dos antepassados no campo. Íamos muito para o mato e fazíamos muitas viagens de carro pelo interior, sempre cheias de aventuras e percalços. E fizemos também muitos acampamentos no mato em família. (RIBEIRO, 2012, anexo D).

Deve ser dessas lembranças que a poeta denominou seus primeiros livros de poesia de “bicho do mato”; ou até mesmo se sinta um “bicho do mato” em meio a prédios e outras línguas. Sobre o seu estilo poético, Dora Ribeiro diz:

Bem, a minha poesia tem a minha cara porque foi feita por mim. As minhas poesias carregam coisas que eu vivi, tem muitos ingredientes, não que seja um relatório da minha vida, longe disso, mas tem as marcas daquilo que eu vivi. Outros momentos eu inventei, tirei, omiti, tem coisas que não tem nada a ver comigo, porque o romancista pode criar várias personagens, o poeta também, de uma forma diferente ele manipula várias *personas*. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Ao percorrer a história da família e da infância de Dora Ribeiro foi possível ver de que modo se iniciou o contato com a palavra e como se instaurou a poesia na escritora. Ao passar na frente da casa desativada da família Figueiredo na Av. Calógeras, em Campo Grande, muitos não sabem quanta história aquele lugar tem para contar. Entre Arnaldo Figueiredo e Dona Dorinha, entre Lélia Rita e Haroldo, entre conversas e chimarrões na varanda, nasce uma poeta sem fronteiras e localização: uma poeta do mundo, que muitos ainda vão conhecer.

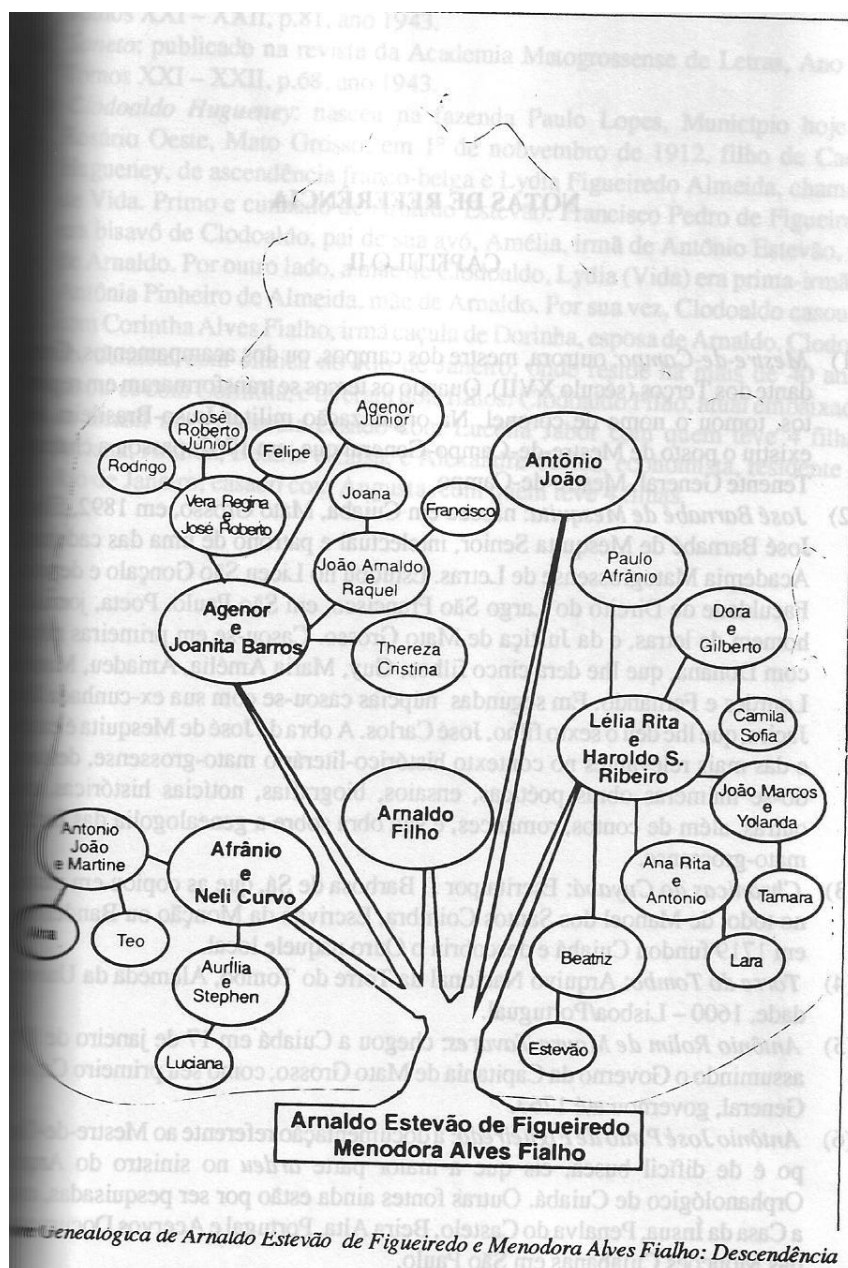


Imagem 04- Árvore genealógica da família de Arnaldo e Menodora (RIBEIRO, 1993,p.191)

2 – A obra

2.1- Os livros

Dora Ribeiro publicou sete obras literárias: *ladrilho de palavras* (1984), *começar e o fim* (1990), *bicho do mato* (2000), *taquara rachada* (2002), *o poeta não existe* (2005), *a teoria do jardim* (2009) e *olho empírico* (2011).

O primeiro livro de Dora Ribeiro, *ladrilho de palavras*, publicado em 1984, conta com apresentação de Silviano Santiago, que mostra o estilo da escritora como

Voz que descobre que não existe nação nem povo, antes de existir mulher. Existe a opressão/repressão de poderes que estão disseminados pelo tecido social. A luta agora é setorizada. Como uma miniaturista, Dora sabe de que nada adianta a utopia universal se a mulher não puder “coçar as costas da feminilidade”. Mulher fêmea sim senhor. Dora aponta para o novo corpo fêmea – suor, beijos e vagidos, corpo que só existia enquanto disponibilidade e repouso para o macho, mas que agora explode desrecalcado e alteneiro – para depois despencar. (SANTIAGO, 1984, 2º orelha).

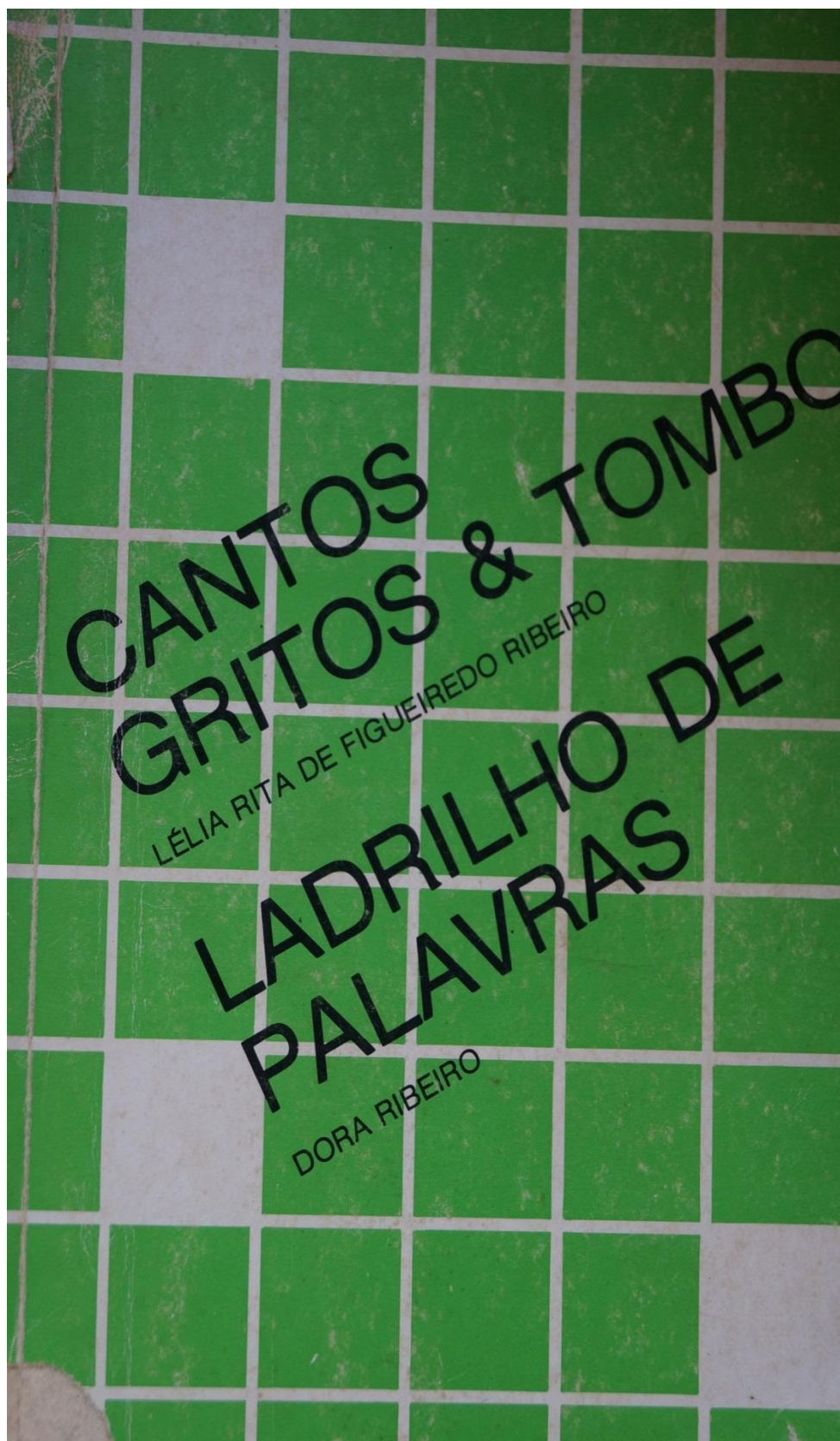


Imagem 5 – Capa do livro *ladrilho de palavras* (1984)

Em 1990, veio a público *começar e o fim*, publicado pela editora FCC, de Florianópolis. Este livro recebeu, em 1988, o prêmio de melhor livro no Concurso Nacional de Poesia “Luís Delfino”, instituído pela Fundação Catarinense de Cultura, e a Comissão julgadora era composta pelos poetas Alcides Buss, Júlio Queiroz e Pinheiro Neto.

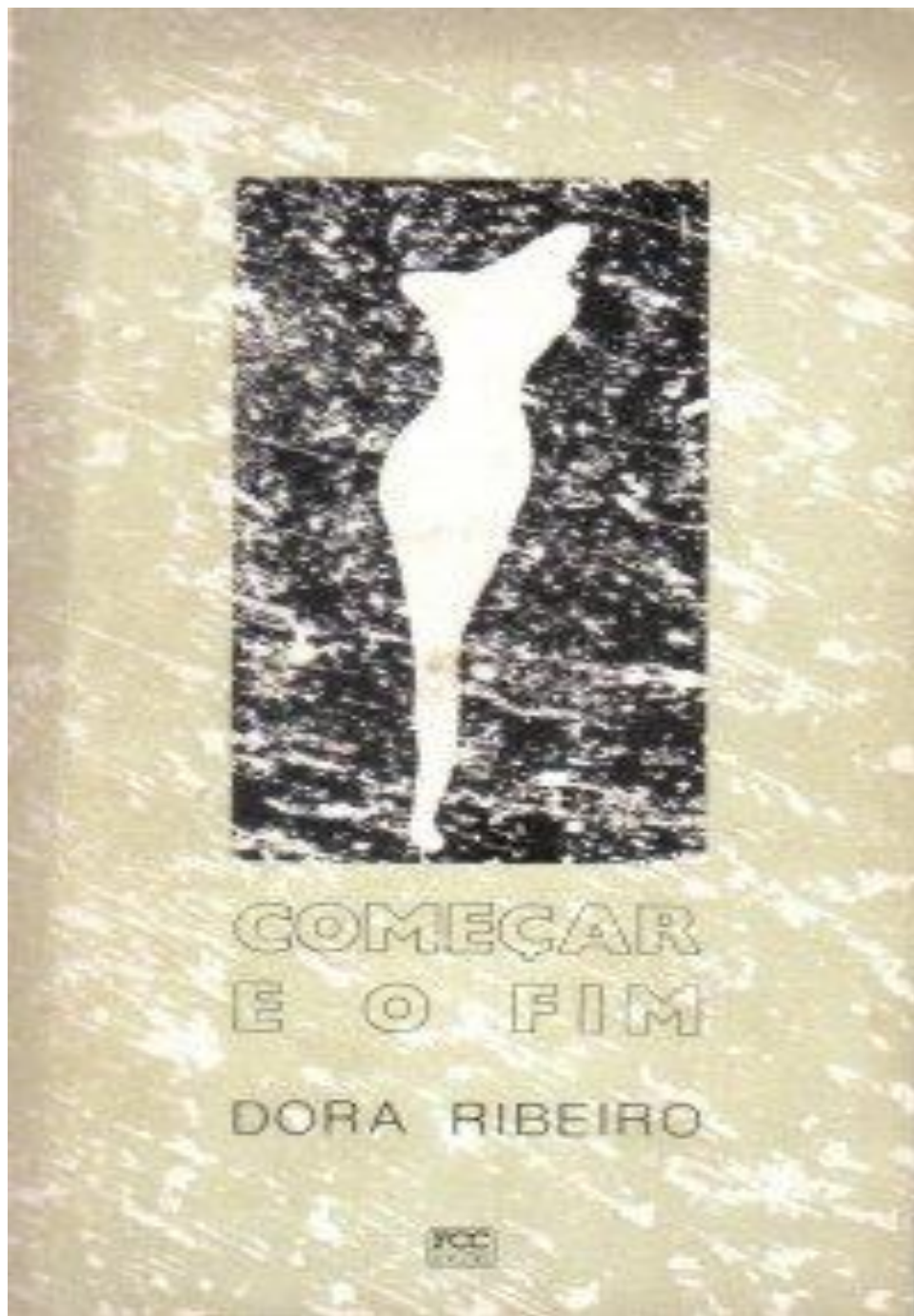


Imagem 6 – Capa do livro *começar e o fim* (1990)

Segundo Carlito Azevedo, os dois primeiros livros de Dora Ribeiro “tiveram uma distribuição aquém até mesmo das expectativas já por si mesmos decepcionantes de qualquer livro de poemas comum” (AZEVEDO, 2000, 1ª orelha, anexo A).

Flora Sussekind, referindo-se às produções poéticas do ano 1980 em diante - que não tiveram grande divulgação -, afirma que a lírica de Dora Ribeiro, em *ladrilho de palavras* e *começar e o fim*, é de “decomposição, instabilização, dissolução de uma paisagem corporal” (SUSSEKIND, 1999).

Luiz Costa Lima, no livro *Intervenções* (2002), tece comentário a respeito do desconhecimento do leitor sobre a poesia de Dora Ribeiro. O crítico diz:

Talvez mesmo o leitor muito interessado na recente produção poética brasileira desconheça o nome da autora. Não só ela vive muitos anos fora do país como seu livro saiu em edição quase clandestina. Contudo, pelo talento que *começar e o fim* revela, será lastimável que alguma editora não se anime em tirar Dora Ribeiro do anonimato. (LIMA, 2002, p. 154).

Em 2000, Dora Ribeiro publica *bicho do mato*: poemas reunidos, editado pela 7Letras. A obra é uma coletânea na qual a poeta reúne seus dois primeiros livros (*ladrilho de palavras* e *começar e o fim*) e mais três livros inéditos: *Temporais* (1993), *Outros poemas* (1997) e *bicho do mato* (1999).

Dora Ribeiro relata como foi a concepção de *bicho do mato*: “Eu acho que *bicho do mato* aconteceu porque eu tinha as coisas prontas, mas só me relacionava com as pessoas do jornalismo. Quando eu vinha de férias, meus amigos me cobravam ‘e aí, quando você vai publicar?’, então por insistência dessas pessoas acabei publicando” (RIBEIRO, 2013, anexo B).

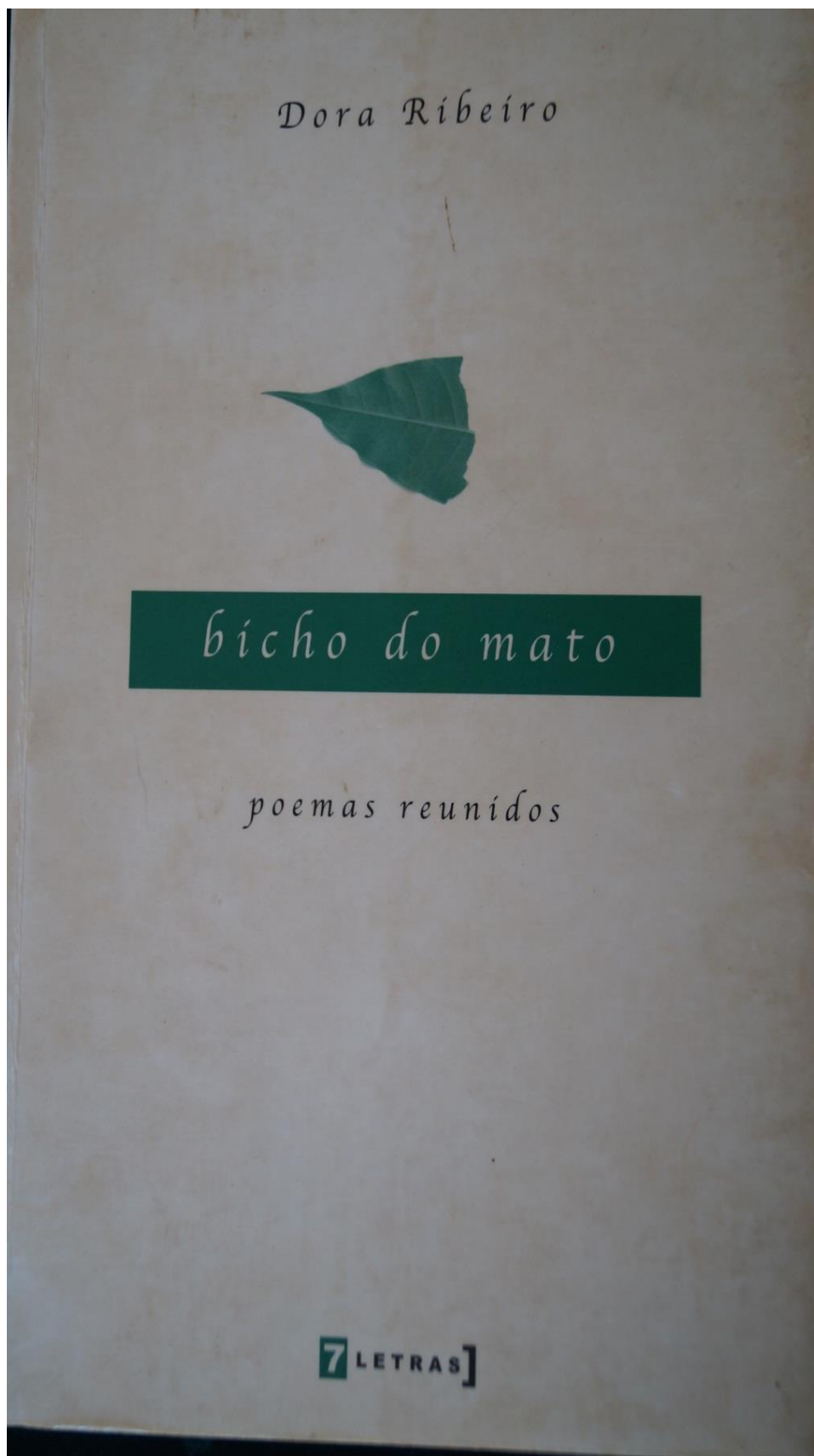


Imagem 7 – Capa do livro *bicho do mato: poemas reunidos* (2000)

Em entrevista que nos concedeu, Dora Ribeiro fala do título e do significado a que *bicho do mato* remete:

O *bicho do mato* representa o meu estado de espírito, principalmente pelos últimos poemas, porque é uma coletânea dos meus primeiros livros, e uma parte são poemas novos. Então, tinha a ver com o espírito quando eu terminei o livro. Agora, bicho do mato eu sempre me chamei assim. Nunca fui uma pessoa de fácil convivência, principalmente na minha infância e adolescência (hoje as coisas são bem diferentes); nunca fui falante, nunca fui muito alegre... Não era uma pessoa de fácil relacionamento. Sobretudo nunca gostei de falar muito; sempre falei muito pouco; estou falando muito aqui porque me inspira falar sobre esses assuntos (risos). Um pouco isso é meio narcisista, “bicho do mato sou eu”, como “Madame Bovary c’est moi” para Flaubert... [risos]. Mas aqui, como título, na época da escolha, tinha a ver com esse ambiente e era representado por esse poema. As pessoas daqui de Campo Grande se achavam assim, e as pessoas de fora de certa forma também achavam... Também acho que isso é devido a esse isolamento. A nossa região era enorme e existiam poucas pessoas, e a maior cidade era Campo Grande, que ainda era um arraial! Isso começou meio a mudar nos anos 80 mais ou menos. Esse isolamento moldou um pouco o nosso caráter... Agora não, aqui já tem muitas pessoas de outros estados, mas na época da minha infância não tinha isso... Logo, era o nosso lado frágil, regional.

. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Para Carlito Azevedo, os poemas que compõem a coletânea *bicho do mato* possuem uma capacidade de abstração muito rara na poesia brasileira e colocações precisas de elementos do cotidiano. (AZEVEDO, 2000, 1ª orelha, anexo A).

Segundo Luiz Costa Lima, *bicho do mato* destaca as cenas de lembrança associadas a um sensualismo tão "orientalmente" discreto que pode ser chamado de "sensualismo abstrato" (LIMA, 2002, p. 208).

Em 2002, sai publicado pela 7Letras o livro *taquara rachada*.

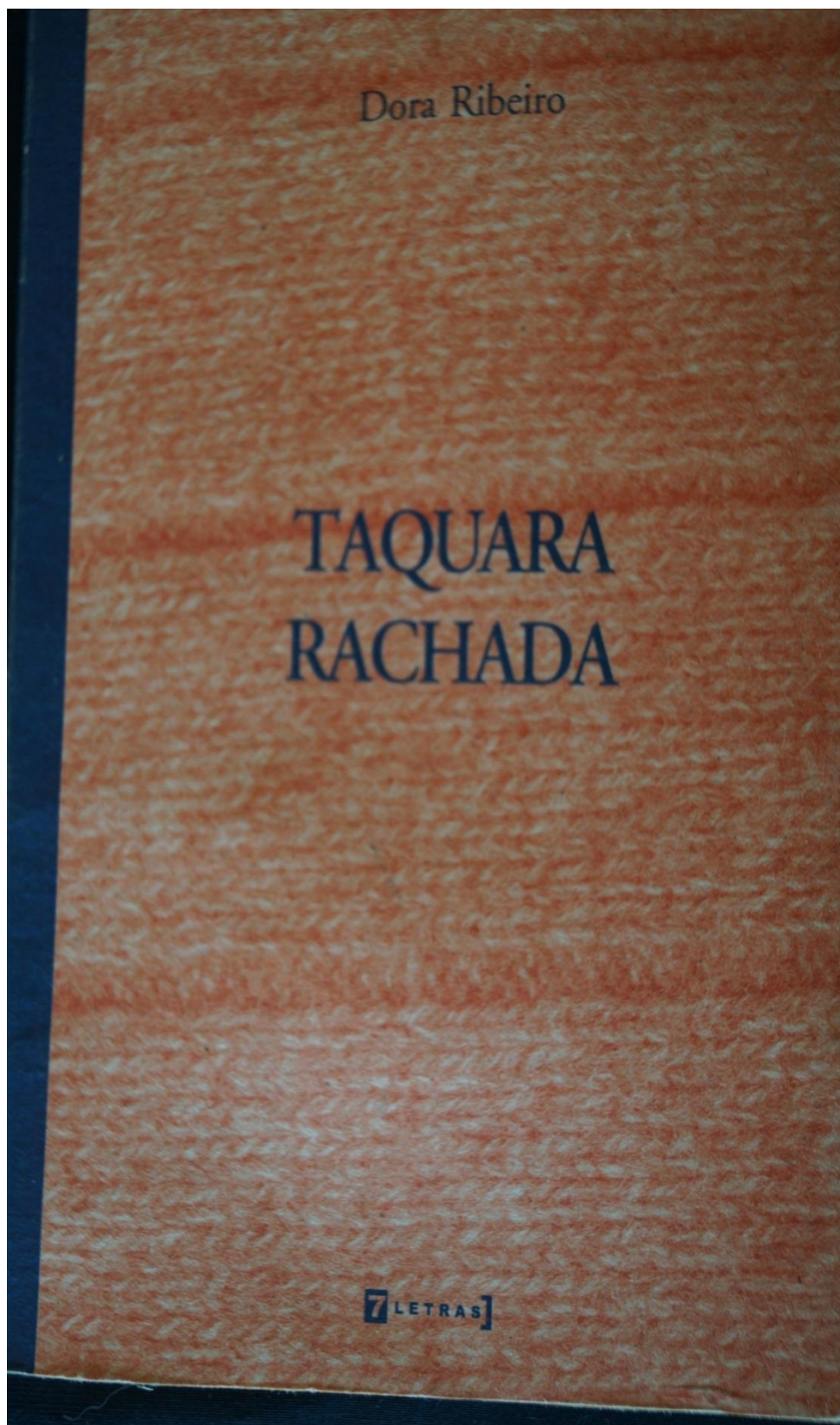


Imagem 8 – Capa do livro *taquara rachada* (2002)

Em 2005, os poemas de Dora Ribeiro são publicados em Portugal, pelas editoras Angelus Novus e Cotovia, sob o título *o poeta não existe*. Esta obra reúne os livros, publicados entre 1984 e 2002. Dora Ribeiro comentou que as editoras são pequenas e tinham a intenção de difundir poemas de poetisas brasileiras. Logo, o convite se estendeu a ela que acabou fazendo mais uma publicação de uma coletânea, mas agora fora do Brasil.



Imagem 9 – Capa do livro *o poeta não existe* (2005)

Em 2009, Dora Ribeiro publica *a teoria do jardim*, pela Companhia da Letras; obra finalista do Prêmio Portugal Telecom, em 2010. Em *a teoria do jardim*, a poeta retoma temas bucólicos, valorizando a simplicidade, o jardim e a natureza para metaforizar o fazer poético e seus processos, como, por exemplo, no poema:

O traçado do teu jardim
Ignora parágrafos
Para avançar nas
Delicadezas do imprevisto
E da inexatidão

À procura do engenho do desejo
Invoco a ingenuidade do belo:

Deslizante caça dialética (RIBEIRO, 2009, p. 28)



Imagem 10 – Capa do livro *a teoria do jardim* (2009)

Perguntamos para Dora Ribeiro qual o significado de jardim no jardim da poeta:

O jardim foi uma metáfora muito antiga também. O jardim é uma das coisas mais bonitas da construção humana. Desde o jardim do Éden, essa necessidade humana de organizar a natureza para te servir, mas organizar esteticamente, como se fosse um poema. O jardim é mais de uma das nossas necessidades de categorizar, organizar, mas dando um contexto estético e como isso é necessário. Então, eu acho que o jardim é o local de contemplação, de descanso, é um local de interiorização. Para mim é um lugar de recolhimento, de paz. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Logo, fizemos a seguinte pergunta para Dora Ribeiro: como é possível teorizar a poesia?

Eu acho que sempre se está tentando teorizar tudo, é uma necessidade humana, sempre criando teorias. Cada poeta inventa uma teoria para si. [...] a necessidade de ultrapassar a fragmentação, experimentar o belo, o estético, para mim tudo isso significa essa visão mais incompleta da experiência humana, e isso é minha teoria. Agora, no sentido acadêmico é essa a nossa visão filosófica, que se enquadra nessa tradição grega de categorizar; o que não é nenhuma novidade para nós. [...] As pessoas estão tão distantes da poesia... Hoje em dia é tão difícil; precisa-se ter um tempo para ler poesia e as pessoas não têm mais tempo para isso, para se dedicarem. Leem no ônibus, leem em pé, ouvindo música, leem romances... Mas para ler poesia é difícil. [...] Sentimos ainda essa necessidade. Mas provavelmente não aprenderam a ler. É muito mais fácil escrever poesia do que ler poesia, eu acho, de uma forma rápida.

É importante que se aprenda a ler poesia, aprender quais são as teorias dos poetas, para quê eles escreveram aquilo, se há algum conselho para si, como ser humano. Se a teoria ajudar as pessoas a entenderem em casos genéricos a construção estética, pois faz parte da tradição humana, porque todas as culturas, em todos os lugares do mundo existem suas tradições e poemas. Podem até conhecer, mas não sabem o que os poemas significam. (RIBEIRO, 2013, anexo B).

Em 2011, Dora Ribeiro publica *olho empírico*, pela editora Babel. Dividido em duas partes, “olho empírico” e “escrita de demolição”, o livro apresenta poemas breves e precisos. As inúmeras reticências das páginas em branco instigam à reflexão, à maturação de conjecturas e nos levam a mais um poema breve, conciso, quase cirúrgico e sem pontos ou exclamações, o que dão

um tom atemporal, ainda que marcadamente contemporâneo, à sua produção poética.



Imagem 11 – Capa do livro *olho empírico* (2011)

2.2 – O que se diz a respeito da obra de Dora Ribeiro



Foto 27 – Dora Ribeiro em evento na Espanha que aconteceu no dia 29 de março de 2012, na Residência de estudantes de Madri, onde a poeta fez a leitura de alguns poemas de sua obra *olho empírico*.(<<http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=5387.htm>>)

Dora Ribeiro publicou seu primeiro livro, *ladrilhos de palavras*, em 1984, uma década depois da considerada poesia marginal. Flora Sussekind, no *Jornal da Poesia*, comenta que as produções da metade da década de 80 em diante passaram praticamente em branco. Ela chama atenção para essas produções, que estiveram invisíveis no contexto das publicações. Paradoxalmente, “um dos seus aspectos mais curiosos, para uma leitura atual, talvez esteja, ao contrário, na sua capacidade de exploração das tensões entre modelos imaginativos distintos como as das duas décadas que os delimitam” (SUSSEKIND, 2009). Entre assuntos corriqueiros como a poesia-diário, os protestos, a auto expressividade, que dominaram a poética dos anos 70 (com as obras de Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, por exemplo), o reposicionamento do sujeito lírico diante de sua poesia, a auto reflexão e a investigação formal e material, foi o que caracterizou

uma parcela significativa da poesia de fins da década de 80 e dos anos 90 no Brasil.

O livro *Na virada do século- Poesia de invenção no Brasil*, organizado por Claudio Daniel e Frederico Barbosa, cria um panorama da poesia no Brasil pós-70. Claudio Daniel informa, no prefácio, as características dessa nova poesia, dizendo que “do mergulho vertical até o ignorado surgiu uma poemática concisa, elíptica, fragmentária e metafórica que por vezes sobrepõe o som ao sentido, ou antes cria novos sentidos para as palavras da tribo” (DANIEL, 2002, p. 23). Comenta também sobre a diversidade das produções poéticas das últimas décadas, a seu dinamismo, da necessidade de ser mutável para concebê-la, sem hegemonias de concepções e conceitos de composição.

Os poetas atuais não comungam de um mesmo credo, mas têm como princípio básico a noção do poema como um elaborado processo de linguagem – e não apenas isso. O meticuloso artesanato das palavras soma-se à investigação de novos repertórios simbólicos e culturais do Ocidente e do Oriente, da escritura e de outros códigos de expressão, de um passado remoto ou da atualidade – como resistência. (DANIEL, 2002, p. 27).

Segundo Flora Sussekind, em *Literatura e vida literária*, a geração marginal dos anos 70 se permitiu falar de assuntos mais intimistas, mais cotidianos, entre a arte e a vida, falar do “eu” em si. Tendo como base uma poética em forma de confissão, diário, a poesia marginal abordava assuntos da vida e tentava desmistificar o corpo poético, criando uma abordagem de abolição de normas, rompendo alguns padrões de escrita e composição poética.

Segundo Claudio Daniel, diferente disso, as novas gerações parecem não ter mais interesse em retratar essas abordagens da geração de 70. Embora em alguns autores predomine o artifício, a maquiagem de um vocabulário rebuscado, as representações poéticas mais consistentes atuais “evitam separar a experiência vital da operação de linguagem: as palavras fazem sentido não apenas como grafias, partituras e mosaicos, mas também como símbolos viscerais da jornada humana” (DANIEL, 2002, p. 29). Assuntos como o ambiente de trabalho, as

relações amorosas e cenas da vida urbana são retratados de forma não naturalista, de várias formas e estilos.

Luís Costa Lima, em *Intervenções*, menciona que entre os anos de 1970 e começos da década seguinte, vigorou a poesia do desbunde. Com uma linguagem coloquial e o poema-piada “deixavam de simplesmente se opor à linguagem empertigada contra a qual os modernistas haviam lutado”. (LIMA, 2002, p. 135). Costa Lima cita a modificação quase imperceptível desta geração de 70 com a produção atual. Ele diz que “não serão elas detalhadas mas sim vistas como incisões em um mapa pouco definido” (LIMA, 2002, p. 141). Se a geração de 70 propunha uma ruptura pelo relato narcísico e com questões de censura e políticas, a geração atual propõe fazer algo novo levando em conta o que havia de consistente na geração anterior. Logo

A mudança de clima entre os poetas que agora surgiram tem uma explicação menos confortável: como entre nós não há tradições intelectuais firmadas, uns poucos autores parecem bastar para a mudança de cena. Mas a mudança continua frágil. Nada garante sequer que os poetas que vemos como promessas continuem a produzir. Ou a produzir com qualidade. Pois, se o sistema intelectual é amorfo, a sociedade é arraigada em seus hábitos. No caso, de pouca leitura. (LIMA, 2002, p. 141).

A partir deste apanhado, o autor menciona quatro poetas – um desses é Dora Ribeiro, com a antologia *bicho do Mato*. Costa Lima diz que Dora tem algo muito raro na sua poesia: a aliança de qualidade com acessibilidade, que não segue clichês. Sua forma não se tornou fórmula. Nela, o poema não é mais uma extensão do eu; a despersonalização opera pela fusão do eu com o objeto, diz o autor ao analisar o seguinte trecho do livro *começar e o fim*, que está na coletânea *bicho do Mato*:

Esta paisagem é minha intenção lenta
E sem propósito
Nela passeio os ruídos que me compõe.

(RIBEIRO, 2000, p. 34)

Ao acompanhar o percurso das publicações de Dora Ribeiro, Luiz Costa Lima afirma que ela não se repete e sempre se reinventa. Ele categoriza as poesias de Dora Ribeiro como “a via irônica do sensualismo abstrato” por perceber aspectos e marcas que não definem intenções claramente, mas que é percebido a cada instante que lido e compreendido o poema em si. Nada em Dora Ribeiro é óbvio; é necessário que o leitor se permita e se deixe refletir em sua obra (LIMA, 2002, p. 207).

Oswaldo Martins, poeta e escritor, tem a seguinte opinião sobre o estilo de Dora Ribeiro e sua representatividade na literatura brasileira:

A poética de Dora é uma poética que se destaca no atual panorama da poesia brasileira. Tem a contenção de um João Cabral, sem que com ele divida as preocupações do fazer poético, isto é, embora seja fronteira ao grande poeta, sua poesia adquire voz própria desde muito cedo. A contenção se alia a certa voltagem de emoções que transbordam e voltam à contenção e criam um estilo paradoxal em que o íntimo transborda para ser aplainado pelo pensamento que se desliga do íntimo e atinge o universal. Por isso sua poesia diz tanto, permite ao leitor vislumbrar as raízes de onde partem, mas ao mesmo tempo desligam o leitor destas raízes, fazendo com que ele, leitor, se abra para o pensamento em espiral – uma espiral contida – um labirinto que é e não é ao mesmo tempo o labirinto de Creta – e ali encontre apenas o encontrável da poesia – ou seja – ela mesma. (MARTINS, 2012, anexo C).

Como já citamos anteriormente, Flora Sussekind, no *Jornal da Poesia*, teceu a seguinte opinião sobre os poemas de Dora Ribeiro, que foram produções feitas e consideradas dos anos 80 em diante, com qualidade a ser realçada:

E é exatamente na transformação desses movimentos contraditórios - a intensa corporalidade do seu sujeito lírico ao lado de uma tendência decompositória equivalente em aspecto fundamental de sua prática poética que se singulariza o diálogo empreendido por Dora Ribeiro com os modelos - expressivo e reflexivo - de imaginação literária dominantes no seu período de formação. E que, desviando-se, por meio desse desdobramento antagônico, de certa dicção sublime que imprime a algumas de suas abstratizações poéticas, constrói alguns dos melhores textos desses dois livros (*ladrião de palavras e começar e o fim*). (SUSSEKIND, 2009).

Dora Ribeiro, em suas publicações, desperta discussões adversas entre críticos e teóricos. Deve ser por isso que, talvez, a autora sentiu necessidade de republicar seus primeiros livros em coletâneas para ser reconhecida por inteiro, lembrando, um pouco, o clima dos poetas marginais e suas formas de publicações.

Sobre outras obras de Dora, o poeta e escritor Oswaldo Martins tece o seguinte comentário sobre a obra *a teoria do jardim*: “A poesia de Dora faz com que o leitor tenha a necessidade de se reinventar leitor e ler novamente, nos poetas lidos até então, uma nova escrita”³. O escritor diz também que a poesia de Dora assume novos sentidos e o leitor deve estar preparado para isso. “Não significa com isso afirmar que a poesia de Dora, como se vê na poesia contemporânea, releia sistematicamente a produção passada e atual”⁴.

Sobre a obra *a teoria do jardim*, Marcos Pasche, do *Jornal do Brasil*, diz:

Se a flor de Drummond nasceu na rua, furando o asfalto e o tédio, a poesia de Dora Ribeiro, cujas pétalas se espalham pelas páginas de a Teoria do jardim, fura, ironicamente, o terreno poético brasileiro desmatado pela excessiva teorização do verso. Há entre os poetas hodiernos certo esquecimento de que a arte aprofunda-se também por fazer vibrar a sensibilidade do espectador, e o livro simples desta poetisa Sul-mato-grossense, conduzido pelo desprendimento, tonifica seu brilho na medida em que solta folhas ao sabor do vento de domingo vou lavar as mãos/ e os pés/ e secar tudo com beijos de epifania; quero falar uma língua nova/ principiada na carta do teu/corpo seja na doçura do cotidiano: e o beijo que/ começou numa garagem e terminou/ no jardim das amoreiras. (PASCHE, 2009).

Segundo Pasche, o livro *a teoria do jardim* chama atenção pela forma com que a poeta aborda o tema ambientado na natureza: o cheiro de romã, o abraçar árvores, a intimidade com a terra em meio a uma sociedade que valoriza o exagero, o grandioso e se esquece de coisas mínimas e significativas. Dora Ribeiro faz esse apanhado de retorno à essência que faz o leitor refletir e reconsiderar coisas tratadas como ínfimas por muitos.

³ Oswaldo Martins faz esse comentário no artigo “Mínima para poema de Dora Ribeiro”, para a revista on-line Agarras do dia 05/01/2007. Disponível em: www.agarras.com.br/2007/01/05/minima-para-poema-de-dora-ribeiro/

⁴ Idem 3

Francisco Quinteiro Pires, do jornal *O Estadão*, ressalta a “transitividade”, a “mutação” na obra de Dora Ribeiro, especificamente em *a teoria do jardim*. Ele diz que tal livro “apresenta essa nova percepção: todas as coisas existentes são vistas como a trama de um movimento incansável” (PIRES, 2009). Isso é possível ser visto, por exemplo, no poema: “pensando bem/ a vida é uma ideia mutante// disfarça-se/ em destino/ e beija a/ explicação (...)”(RIBEIRO, 2009, p. 70). Pires comenta também que Dora expressa o desejo de mistura, de confusão, de alquimia nesta obra. “O jardim se transforma em metáfora para exibir o que é comum a indivíduos de vivências diversas: as imperfeições de sua condição e a exposição ao envelhecimento”, explica o autor referente ao título da obra de Dora Ribeiro.

Igor Fagundes fez a mesma observação referente a esse movimento e estado nômade da autora no artigo para a *Gazeta do povo*. A partir da epígrafe de Allen S. Weiss (“Tem de se ser móvel para a experiência do jardim, tem de se atravessar o tempo e o espaço no jardim”) presente em *a teoria do jardim*, Fagundes desenvolve a ideia de mobilidade expressa nos poemas de Dora Ribeiro e a questão de “teorizar” a poesia. Assim, Fagundes afirma:

[...] mesmo negando a teoria no sabor da prática de um ofício não generalizante e sempre singular, a poetisa converge para certo esforço abstratizante: ao buscar o que no movimento é movimento, paralisa o próprio movimento em nome de uma conceituação ou essencialização de que a poesia não dá conta, mas que de modo desconcertante a de Dora Ribeiro tangencia quando, com poemas altamente dinâmicos (formalmente moventes em meio ao silêncio que se lhe doa na concisão de cada precisa palavra para o impreciso que perscruta), nos presenteia o repouso numa indiscernibilidade entre o estático e o extático, dentro da qual nos assumimos diante de fotografias em que, no instante suspenso em lente, vivemos a fugacidade e a eternidade do agora. (FAGUNDES, 2009).

Vejamos o que se foi dito a respeito de *olho empírico*, a última publicação de Dora Ribeiro.

Oswaldo Martins, na revista virtual *Amarras*, diz que *olho empírico* não traz a mínima pista de quem é a autora. Seco, não contém mais informações que

as necessárias para o leitor – apenas os poemas em sua nudez, nenhuma informação adicional. “Basta ao leitor que leia os poemas e com eles se conforte e frua a excessiva beleza que contêm” (MARTINS, 2012). Martins ressalta que ler Dora Ribeiro é permitir-se, enfim, a fruição de um pensamento intenso e inaugurador da própria reflexão poética.

Antônio Maura, escritor, crítico e professor universitário espanhol, demonstra seu encanto pelas palavras da autora na revista virtual *Cronópios*. O escritor, que teve a oportunidade de ouvir a leitura de poemas do livro *olho empírico* pela própria Dora Ribeiro, parte do poema “osso/oráculo/osso/de tanto se repetir / a língua vibra/ em estilhas e/se inicia em novos /significados,” para fazer a seguinte reflexão:

Este poema recogido en el libro *Olho empírico*, que me he permitido traducir, explica esa relación entre la palabra poética y el desvelamiento de una realidade hecha de tiempo y espacio, de distancias y duraciones intercambiables. El poema es una plegaria que, a fuerza de repetir se, se quiebra, pero que, milagrosamente, como toda plegaria, emerge con nuevos significados que no estaban en sus palabras. Es una jaculatoria mágica — el poema — que busca expresar se entre los ruidos del mundo desvelando y revelando lo que queda oculto. Es el hueso bajo la piel, que llama al músculo, a la víscera y a la piel para habitar el mundo. (MAURA, 2012).

A abstração de suas palavras, o sensualismo camuflado e sutil, as questões de mobilidade, a relação com a origem e com coisas naturais mostram que a autora vem formando sua identidade na literatura contemporânea com personalidade.

Assim, com sua percepção do que seriam as palavras e seu ato de criação, Dora Ribeiro diz que elas “não são animais de estimação. Tenho muita dificuldade para conseguir atraí-las para mim, para o meu pensamento. Muitas vezes, elas não aparecem. Uso as mais cordatas e menos perigosas; aquelas que ouvem a minha lengalenga e aceitam participar”⁵.

⁵Dora Ribeiro faz esse comentário para a entrevista feita via e-mail por Thiago Soares para a revista *Pernambuco*, no Suplemento Cultural do diário oficial do Estado, no artigo “Os jardins guardam o que se quer guardar”. Disponível em: http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4

É neste ritmo e impasse que a poesia de Dora Ribeiro se compõe. O jogo de palavras, o questionamento do fazer poético e conflito de quem escreve formam uma temática sinestésica, cheia de nuances, fazendo de Dora Ribeiro, uma poeta digna de atenção.



Foto 28 – Dora Ribeiro (Foto: Arquivo pessoal de Ana Claudia Pinheiro Dias).



Foto 29 – Dora Ribeiro mostrando fotos no livro *O homem e a terra*. (Foto: Arquivo pessoal de Ana Cláudia Pinheiro Dias).

2.3- A obra dialogando com a vida

A poeta mencionou por e-mail certa vez: “A poesia não é explicada pelos eventos biográficos. Ou seja, eles evidentemente constituem o nervo condutor da vida do escritor, mas não respondem pela sustentação do edifício todo”. (RIBEIRO, 2012, anexo D).

No segundo capítulo da obra de Dominique Maingueneau, *O contexto da obra literária*, fala sobre a interferência da vida do autor em sua obra. O escritor interfere na literatura. As obras emergem em percursos biográficos singulares, porém esses percursos definem e pressupõem um estado determinado do campo. A criação, a vida do escritor/artista interfere no campo literário.

O autor faz uma subdivisão da palavra biografia de forma interessante, sempre posta da seguinte maneira: bio/grafia. “Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor” (1995, p. 46), diz Maingueneau. A tal bio/grafia percorre, então, em

dos sentidos: da vida rumo à grafia ou da grafia rumo à vida. Logo, pode-se dizer:

O escritor só consegue passar para sua obra uma experiência da vida minada pelo trabalho criativo, já obsedada pela obra. Existe aí um envolvimento recíproco e paradoxal que só se resolve no movimento da criação: a vida do escritor está à sobra da escrita, mas a escrita é uma forma de vida. O escritor “vive” entre aspas a partir do momento em que sua vida é dilacerada pela exigência de criar, em que o espelho já se encontra na existência que deve refletir”. (MAINGUENEAU, 1995, p. 47)

Como já foi citado anteriormente, Dora Ribeiro é uma poetisa nômade, que sempre está em constante mudança espacial e emocional, sendo que, os fatos de sua vida e experiências interferem claramente sua poesia. É possível perceber isso no poema a seguir, a sua relação com Portugal e seu convívio em terras desconhecidas e seu deslocamento (RIBEIRO, 2000, p.41):

Em Lisboa te digo
 O amor é paisagem
 Um gosto de silêncio
 Que diluímos num pequeno esforço
 E te escondo o futuro
 Mais que tua vida
 Nesta paisagem que não alcanço

A poeta menciona a todo tempo suas viagens, vivências; o mar e as fronteiras que ele proporciona entre a autora e sua terra natal, entre a sua essência e existência como indivíduo:

Terra
 Estranha companhia
 Nestes dias de indistinta distância

a água de mármore que corre na tua bacia
 é o tempo que penso e não amo
 ou a palavra que descalça as certezas.

a tua certeza é andeja

como este movimento de cabeça ou
este virar da minha paixão

olho para o teu fundo do mundo
e vejo todas as viagens que fiz sem resposta

casualmente o Rosa me diz
Tudo é caminho de volta
e eu me comovo até a raiz

“A vida não está na obra, nem a obra na vida e contudo elas se envolvem reciprocamente” (1995, p. 61) diz Dominique Maingueneau.

Cada escritor tem sua maneira particular de se relacionar com as condições de exercício da literatura de sua época, e hoje isso não é diferente. “Como na vida, encontramos sempre respostas novas cada vez que olhamos para uma pergunta. E para alguns poetas existe essa necessidade de autajustificação, de autoexplicação”⁶, diz Dora Ribeiro sobre a sua produção literária. Para Maingueneau, “os indivíduos recolhem-se para criar, mas criando, adquirem os meios de validar em preservar esse recolhimento. A escrita não é tanto a “expressão” do vivido de alguma que foge dos homens quanto um dos pólos de um delicado jogo biográfico”. (1995, p. 56). O recolhimento do autor e seu “mundo” se justifica pela sua produção.

O poema a seguir, mostra o eu-lírico envolvido entre lembranças da infância a questionamentos mais abstratos da ação humana e da composição da poesia. Ao adotar elementos da natureza (árvores, paisagens), vai-se compondo o corpus dessas mesclas de intenções transitórias, como mostra o poema:

uma infância de árvores
lembro-me disso
os galhos acolhiam o
meu corpo
e minhas pernas
amarravam-me ao
improvável

⁶ Dora Ribeiro faz esse comentário para a entrevista feita via e-mail por Thiago Soares para a revista *Pernambuco*, no Suplemento Cultural do diário oficial do Estado, no artigo “Os jardins guardam o que se quer guardar”. Disponível em:
http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4

que solidez de pensamentos
 conseguia então
 sobretudo quando cantava
 inventando rimas numa língua
 que ainda não conhecia

o jacoteiro foi o melhor ponto
 de vista. dali não e via o mar
 nem nada
 daquele alto natural e verde
 vi todo o perto de mim e
 hoje quando falas em ratos
 no soajo
 sinto novamente o cheiro daquela fruta

(RIBEIRO, 2009, p. 27)

A composição das metáforas “uma infância de árvores” e “os galhos acolhiam o/ meu corpo” (dando a denotação de braços), mostram como eu-lírico era envolvido, abraçado pela natureza que lhe circundava, sem preocupação, como dá alusão de “pernas/amarram-me ao/ improvável”. O poema se desenvolve, na segunda estrofe, com a despreocupação com as ideias, com a liberdade de criação que o eu-lírico era tomado naquele espaço. Na terceira estrofe, percebe-se que o sujeito se vê longe dali, que tudo passa de lembranças sinestésicas; o mar toma cunho de “inimigo”, como fica justificado que “o jacoteiro foi o melhor ponto de vista”. Dora Ribeiro menciona:

Vivíamos ali como se fosse uma chácara, então era uma vida muito voltada para a natureza. Tinha muito quintal, muitas árvores; ficava muitas horas da manhã em cima de uma árvore... São muitas lembranças que continuam muito presente no meu imaginário (RIBEIRO, 2013, anexo D)

Era o melhor ponto de vista, pois não se via o mar. No *Dicionário de Símbolos*, o conceito de mar é mencionado como transformação, passagem para outros mundos; dinamismo; dar e tirar a vida; nascimento e morte; símbolo da hostilidade de Deus. (Cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002) Assim, o mar soa como algo desconfortável, algo que distancia da origem do sujeito que contempla suas lembranças “verdes”.

Na entrevista cedida a nós, Dora Ribeiro menciona que quando pequena, gostava de cantar e inventar sons e rimas, sem pretensão. A sua infância em Campo Grande soa nostálgica em sua poesia.

Para que isso seja sugerido, analisemos o poema a seguir, da coletânea *bicho do mato*:

O espetáculo dominical
ressurge ao som dos cantos
concentrando em mim
antiga pureza:
anjo de perna quebrada
Maria
do véu rendado
Me empresta
Este terço seu
de contas bichadas (Ribeiro, 1999, p. 09)

Dora Ribeiro comentou em sua entrevista:

Eu ia muito com ela nas procissões que aconteciam aqui em Campo Grande, na rua 14 de julho e avenida Calógeras. Coroavam a Nossa Senhora e minha mãe cultivou essa tradição para os netos também... Então a minha primeira experiência estética eu acho que foi a liturgia católica, e que depois desapareceu completamente (risos)! Sou totalmente agnóstica. Essa primeira experiência intensa, e acho que é uma estética literária que, enfim, é uma boa iniciação, porque a Bíblia é um texto belíssimo. (RIBEIRO, 2013, anexo B)

Em outro momento, a poeta diz:

(a poesia) é uma forma, uma espécie de investigação sobre a alma humana, tem a ver com a experiência de elaboração da experiência vivida, utilizando de todas as formas que o ser humano tem para elaborar essa experiência. Isso envolve a criatividade, envolve sua capacidade de aprendizagem da língua, do mundo. (RIBEIRO, 2013, anexo B)

Por mais que Dora Ribeiro afirme que suas questões místicas desapareceram, elas estão presentes em suas poesias e na sua fala, mas de forma mais madura. As lembranças que alimenta da avó e seus costumes católicos de ir à igreja aos domingos quando criança. Ela mostra ao dizer essa descrença quando diz “antiga pureza:/anjo de perna quebrada” que seria um anjo errante, inocência questionável; “este terço seu/ de contas bichadas” que seria uma metáfora da perda de fé.



Foto 30: Lélia Rita Ribeiro (a 1ª mulher da direita para esquerda) em uma missa do Auxiliadora. Neste dia, ocorria a liturgia onde as crianças se vestiam de anjo, ato feito com os filhos e netos da família Figueiredo e Ribeiro. (imagem cedida pelo Colégio Auxiliadora/ Campo Grande MS)



Imagem 31: cerimonia tradicional católica (imagem cedida pelo Colégio Auxiliadora/ Campo Grande MS)

Considerações finais

Este trabalho mostrou um pouco a vida e a obra da poeta Dora Ribeiro e como esses elementos relacionam e se complementam. Sabemos que para o poeta a obra fala por si, e dados biográficos são meros detalhes que muitas vezes não precisam ser levados em consideração. Pensando em Dora Ribeiro, uma poeta ainda em fase de reconhecimento acadêmico e do público pela qualidade de sua produção poética, julgou-se necessário fazer esse apanhado de suas raízes e de sua formação sentimental, para que houvesse maior familiaridade com a obra e sua pessoa. Como ainda não há nenhum trabalho acadêmico publicado sobre sua vida e obra, foi necessário averiguar vários estabelecimentos históricos de sua cidade natal, Campo Grande MS, e descobrir que seus familiares possuem uma história política e representativa para a cidade, dignos de livros de história, como a trajetória de seu avô, Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo e sua avó, Menodora Fialho, desbravadores do estado de Mato Grosso do Sul.

Filha de pais de grande influência e formação acadêmica e cultural, foram fundamental para que Dora Ribeiro pudesse traçar suas características como poeta. Apesar de ser uma moça do interior do Brasil, Dora Ribeiro atenta-se a temas tão universais, mas também possui marcações de elementos regionalistas em sua poesia; é uma poeta do mundo, uma poeta nômade, inquieta, que há muitos anos residiu no exterior, e agora volta ao Brasil.

Ignorar elementos biográficos seria algo desinteressante, levando em conta que este presente trabalho é pioneiro em catalogar um pouco da vida e obra de Dora Ribeiro. Posteriormente, este trabalho poderá embasar outras pesquisas sobre a poeta, como análises de suas obras especificamente. Foram longos dois anos de investigação, de entrevistas, de trocas de e-mails, de visitas as lugares históricos de Campo Grande, de longas conversas com a própria poeta, que sempre foi solícita e prestativa.

A partir das investigações, pode-se ver elementos biográficos nítidos na obra da poeta. Dora Ribeiro transformou alguns temas de sua vida em poesia,

contou algumas histórias de sua família em forma de versos, mas isso não quer dizer que vida e obra são retrato uma da outra.

Assim, o presente trabalho catalogou e pode captar um pouco do universo de Dora Ribeiro. Sabe-se que a poeta já chamou atenção de críticos de renome nacional, como Luiz Costa Lima e Flora Sussekind, mas que ainda está em fase de reconhecimento pela sua obra, pela sua personalidade e concisão. Dizer a que fase Dora Ribeiro pertence na literatura contemporânea brasileira, é um dilema, pois sua obra oscila em temas, que não se conclui com precisão se pertence à literatura dos anos 70, ou se está mais atenta no ofício do poeta que é seu maior conflito: o ato de escrever. A obra de Dora Ribeiro acompanha seu estado de espírito, sem conseguir se encaixar em um determinado contexto literário a não ser o contemporâneo.

Referências

ALVES, Louremberg. *Dr. Arnaldo, O último cruzado*. Campo Grande: Pantanal historiador, 1992.

AREAS, Vilma. *Sobre poeta Dora Ribeiro*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <vilmasa@uol.com.br>, em 25 /06/ 2013.

ARRUDA, Márcia. *Sobre poeta Dora Ribeiro*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <marciarrudafranco@gmail.com>, em 23/07/2013.

AZEVEDO, Carlito. *Bicho do mato* (Dora Ribeiro). Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. 1ª orelha.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras editora. 2002, p. 337.

DANIEL E BARBOSA. Claudio e Frederico. *Na virada do século: poesia de invenção no Brasil*. São Paulo: Landy, 2002.

FAGUNDES, Igor. *Pela essência do movimento*. Gazeta do povo. Rascunho. Rio de Janeiro. Out. 2009. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/pela-essencia-do-movimento/htm>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

LIMA, Luiz Costa. *Intervenções*. São Paulo: EdUSP, 2002, p. 106-152, 207-213.

_____. *Sobre Dora Ribeiro(entrevista)*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <118danil@gmail.com>. em 25/06/ 2013.

_____. *Os jardins rarefeitos*. Folha de S. Paulo. São Paulo. 09 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0908200905.htm>>. Acesso em: 29/05/2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. Revisão da trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARTINS, Oswaldo. *Mínima para poema de Dora Ribeiro*. Revista Agarras. Rio de Janeiro. 05 maio 2007. Disponível em: <<http://www.agarras.com.br/2007/01/05/minima-para-poema-de-dora-ribeiro/html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. *Sobre Dora Ribeiro (entrevista)* (Olá querido Oswaldo). [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <osteixo@gmail.com> em 20/11/2012.

_____. *O junco e o olho empírico*. Revista Agarras. Rio de Janeiro. 19 nov. 2011. Disponível em: <<http://aguarras.com.br/2011/11/19/o-junco-e-o-olho-empirico/html>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

MAURA, Antonio. *La palabra adivinatoria de Dora Ribeiro*. Revista Cronópios. Espanha. 28 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=5387.htm>> . Acesso em: 03 mai. 2012.

_____. *Las palabras dejan cicatrices. La poesia de Dora Ribeiro*. Luke nº 147. Espanha. Março 2013. Disponível em : <<http://www.espacioluke.com/2013/Marzo2013/maura.html>>. Acesso em 10 de abril de 2013.

PASCHE, Marcos. *A poeta Dora Ribeiro lança A teoria do jardim*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, JB Ideias, 21 nov.2009.p.L3. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/20/a-poeta-dora-ribeiro-lanca-a-teoria-do-jardim/html>. Acesso em: 10 mar. 2012.

PIRES, Francisco Quinteiro. *A vontade de se perder no labirinto: Dora Ribeiro dá novas respostas para temas antigos em A teoria do jardim*. Jornal O Estadão. São Paulo. 07 agosto 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-vontade-de-se-perder-no-labirinto,415379,0.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.

RIBEIRO, Camila Sofia. *Olá Camila*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <camilasofiajordan@gmail.com>, em 25/06/ 2013.

RIBEIRO, Dora. *Informações biográficas*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <dorasampaio@gmail.com>, em: 22/4/2012.

_____. *Algumas informações*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <dorasampaio@gmail.com>, em 14/06/ 2012, 29/08/2012.

_____. *Livros enviados*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <dorasampaio@gmail.com>, em 16/04/2013

RIBEIRO, Dora. *ladrilho de palavras*. Rio de Janeiro: Tipografia do jornal do comércio, 1984.

_____. *começar e o fim*. Florianópolis: FCC, 1990.

_____. *bicho do mato: poemas reunidos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

_____. *Taquara Rachada*. Rio de Janeiro: 7Letras. 2002.

_____. *a teoria do jardim*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____. *Olho Empírico*. São Paulo: Babel, 2011.

RIBEIRO, Dora. Entrevista. Local: Centro Cultural José Otávio Guizzo(teatro Aracy Balabanian, Campo Grande,05/04/2013.

RIBEIRO, Haroldo Sampaio. *Quatro estados e um cidadão*. Campo Grande: Letra livre, 2005.

RIBEIRO, Lélia Rita de Figueiredo. *Amor em todos os Quadrantes*. Campo Grande: Alvorada,edição da autora, 1977.

_____. *O homem e a terra*. Campo Grande: Editora Senado Federal, 1993.

SANTIAGO, Silviano. *Ladrilho de Palavras* (Dora Ribeiro). Rio de Janeiro: Tipografia do jornal do comércio, 1984, 1º e 2º orelhas.

SELEM, Terezinha de Alencar. *100 mulheres pioneiras em 100 anos de Campo Grande: relatos que falam de mulheres que fizeram a história em Campo Grande*. Campo Grande: BPW, 1999, p. 92.

SOARES, Thiago. *Os jardins guardam o que se quer guardar*. Revista Pernambuco-Suplemento Cultural do diário oficial do Estado. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4. htm>. Acesso em: 10 set. 2011.

SUSSEKIND, Flora. *Seis poetas e alguns comentários*. Revista USP. São Paulo. 1989. p. 175- 192.

_____. *O dentro, o fora*. Jornal da poesia. Caderno ideias. 13 mar. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fsussekind02.html>. Acesso em: 22 set. 2011.

Anexos

Anexo A – Textos publicados a respeito da obra de Dora Ribeiro

LIMA, Luiz Costa. *Intervenções*. São Paulo: EdUSP, 2002, p. 106-152, 207-213.

_____. *Os jardins rarefeitos*. Folha de S. Paulo. São Paulo. 09 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0908200905.htm>>. Acesso em: 29/05/2012.

MARQUES, Ivan. *Caminho às avessas*. Revista Cult, nº139, 30março/2010.

MARTINS, Oswaldo. *Mínima para poema de Dora Ribeiro*. Revista Agarras. Rio de Janeiro. 05 maio 2007. Disponível em: <<http://www.agarras.com.br/2007/01/05/minima-para-poema-de-dora-ribeiro/html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. *O junco e o olho empírico*. Revista Agarras. Rio de Janeiro. 19 nov. 2011. Disponível em: <<http://aguarras.com.br/2011/11/19/o-junco-e-olho-empirico/html>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

MAURA, Antonio. *La palabra adivinatoria de Dora Ribeiro*. Revista Cronópios. Espanha. 28 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=5387.htm>> . Acesso em: 03 mai. 2012.

_____. *Las palabras dejan cicatrices. La poesia de Dora Ribeiro*. Luke nº 147. Espanha. Março 2013. Disponível em : <<http://www.espacioluke.com/2013/Marzo2013/maura.html>>. Acesso em 10 de abril de 2013.

PASCHE, Marcos. *A poeta Dora Ribeiro lança A teoria do jardim*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, JB Ideias, 21 nov.2009.p.L3. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/20/a-poeta-dora-ribeiro-lanca-a-teoria-do-jardim/html>. Acesso em: 10 mar. 2012.

PIRES, Francisco Quinteiro. *A vontade de se perder no labirinto: Dora Ribeiro dá novas respostas para temas antigos em A teoria do jardim*. Jornal O Estadão. São Paulo. 07 agosto 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-vontade-de-se-perder-no-labirinto,415379,0.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.

SOARES, Thiago. *Os jardins guardam o que se quer guardar*. Revista Pernambuco-Suplemento Cultural do diário oficial do Estado. Disponível em:

<http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4.htm>. Acesso em: 10 set. 2011.

SUSSEKIND, Flora. *O dentro, o fora*. Jornal da poesia. Caderno ideias. 13 mar. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fsussekind02.html>. Acesso em: 22 set. 2011.

Home > Edições > 139 > Caminho às avessas

<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/caminho-as-avessas/>

Caminho às avessas

TAGS: [Literatura](#)

Em A teoria do jardim, Dora Ribeiro faz da poesia o reforço de sua identidade

Ivan Marques

Nascida em Campo Grande, no interior do Brasil, em 1960, Dora Ribeiro viveu mais de 20 anos em Portugal. Recentemente, mudou-se para a China, numa aparente radicalização de seu temperamento errante e da condição de estrangeira. Avançando por mares nunca dantes navegados, a poeta, que no passado se autodenominou *bicho do mato* (título do volume publicado em 2000, com a reunião de seus cinco primeiros livros), poderia dar a impressão de ter voltado definitivamente as costas para o Brasil. Não é isso, entretanto, o que verificamos ao ler os versos de seu novo livro, *A teoria do jardim*.

Se a coletânea de nove anos atrás afirmava o caráter meio arisco de uma poeta que tecia sua obra às escuras, clandestinamente – mas que, ao publicá-la, procurava justamente sair da concha –, a expressão *bicho do mato* (de Mato Grosso?) também aludia com clareza às raízes terrestres, ainda que abstratas, mas seguramente não marítimas, daquele notável conjunto de poemas ditos portugueses. Raízes orgânicas, estruturais, que ora se clarificam na retomada do velho *topos* do jardim.

No começo de sua carreira, como observou Flora Süssekind, o lirismo de Dora Ribeiro, construindo-se em torno da autoexpressividade, trazia as marcas da “poesia-diário”, bastante praticada pela geração marginal dos anos 1970. Os poemas do livro de estreia, *Ladrilho de palavras* (1984), revelavam um sujeito andarilho, recoberto pela poeira do cotidiano, em íntimo contato com o mundo exterior. Ao chegar a Lisboa, destituída de chão e de referências, a poeta viu-se obrigada a reaprender o próprio idioma. Sua produção dessa época caracteriza-se pelo convívio de duas formas da mesma língua. São poemas em que, no dizer de Luiz Costa Lima, ocorre uma rarefação contínua dos dados da memória e da subjetividade – caminho que conduziu a autora a uma espécie irônica de “sensualismo abstrato”.

Entre o mar e o interior

Sobre as diferenças que existem entre as letras do Brasil e as de Portugal – duas literaturas de uma só língua, tão estrangeiras uma em relação à outra –, muita tinta já correu desde o período romântico, e sobretudo na fase modernista, quando a produção literária brasileira firmou de vez sua autonomia. Para além do descompasso linguístico, algo que chamou a atenção da crítica foi um interessante contraste temático: enquanto os portugueses, desde Camões, têm se preocupado obsessivamente com o mar, os escritores brasileiros direcionam seu interesse e suas indagações para o interior. Navegar, como exprime Fernando Pessoa no *Cancioneiro*, é “ser outro constantemente”, embriagar-se na diversidade. Já os brasileiros, recusando o mar, preferem empreender uma interminável viagem para dentro de si mesmos, um renitente caminho às avessas.

“Existimos ora secos ora regressados”, afirmou Dora Ribeiro na conclusão de um belo poema de 1990 sobre a “teoria dos mares”. Resumia aí as duas faces de sua própria experiência, que correspondem às distintas visões de mundo encontradas em cada uma das margens do

Atlântico. Ambas estão representadas em sua obra poética. De um lado, a “estrada precária” da viajante, cujas abstrações parecem espelhar a vida sonhada e a alma oceânica de Portugal. De outro, a substituição do vaivém das águas por um ideal de “terrestridade” e a busca obstinada de palavras *temporais* (título do terceiro livro), isto é, palavras “maduras de tempo e história”. No primeiro polo, a convicção de que “o poema não tem raiz / nasce na superfície do inexplicável”. No outro, declarações enfáticas como a que aparece nas páginas iniciais do novo livro – “o sertão sou eu” –, aproximando-a de escritores brasileiros filiados ao regionalismo, já evocados em antigos poemas: “casualmente o Rosa me diz / tudo é caminho de volta / e eu me comovo até a raiz”.

As teorias, sempre irônicas, se alternam. Sucedendo ao arrazoado sobre os mares (que já punha o regresso antes da viagem), destaca-se agora outro ensaio de construção racional. *A teoria do jardim* é o livro de uma poeta regressada, sequiosa de seu próprio quintal. Depois de procurar o “lado invisível” da terra, Dora Ribeiro agora se dispõe ao cultivo amoroso de sua “infância de árvores” e dos frutos de seu pomar. O livro está cheio de plantas, bichos, cheiros, sabores, “coisas vivas”, memórias sertanejas, luminosos retratos. Não se trata mais de uma sensualidade abstrata, e sim da “matéria estreita da vida”, algo vermelho e palpável como “a tua forma de romã”. Associada desde tempos antigos à terra, à fecundidade e ao amor – e tendo florescido tão bem em território brasileiro –, a romã é o símbolo perfeito dessa nova fase da poeta.

Poética fiel à incerteza

Quanto ao título da coletânea, é preciso lembrar que a teoria aqui enunciada não se relaciona com a ideia tradicional do jardim como miniatura do cosmo e representação da razão e da ordem (em oposição à espontaneidade e ao caos). Ao engenho, Dora prefere a ingenuidade. Sua poética flertou desde o princípio com o acaso e se mantém fiel à incerteza: “O traçado do teu jardim / ignora parágrafos / para avançar nas / delicadezas do imprevisto / e da inexatidão”.

Mistura, imprevisibilidade, inversão das expectativas, resistência à ordem, recusa das classificações, tudo isso que define o humor – mais acentuado agora do que nos livros anteriores – não nos coloca próximos também da sempre lembrada “alegria” nacional? Note-se, entretanto, que os cromos de Dora Ribeiro combinam o riso e a leveza de um poema “pau-brasil” com a munção pesada dos recortes drummondianos, como se nota nesta visão melancólica e trágica de uma “paisagem brasileira”:

a mulher tem o tamanho da casa
e o seu filho mal passa
pela porta
o morro da paisagem desce
e não sobe mais

A despeito do reconhecimento das agruras, persiste, pela via da memória, o encanto com o “terreno primordial” e seus frutos. Em inúmeras páginas, revela-se o contentamento de um eu lírico que anteriormente, entregue ao movimento incessante das águas, “não acreditava que existisse / o lugar de mim de meu / de eu só”.

A	teoria	do	jardim
Dora			Ribeiro
Companhia		das	Letras
96			págs.
R\$ 32,50			

<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12818>

RSS 



A TEORIA
DO
JARDIM -
Poemas
Dora Ribeiro



▶ Leia um trecho

A primeira coisa notável em *A teoria do jardim* é que o livro pede para ser relido assim que a primeira leitura é concluída. Talvez isso aconteça porque os belos poemas que o compõem sensibilizam o leitor com a duplicidade de sua composição, ao mesmo tempo delicada e incisiva, sensível e racional, suave e aguda. A primeira leitura - ou pelo menos a da superfície - é sensorial, a das palavras que iluminam percepções, a do prazer literário imediato. A segunda é a finamente inteligente. A que se detém no projeto mencionado por Dora no trecho do poema citado acima. O título do livro já aponta para um programa de trabalho: "*a teoria do jardim*" trata de elaborar uma teoria da poesia, vista como o jardim que se desdobra em paisagens do passado e do presente e nas quais está gravada a marca do corpo e das experiências amorosas. Essa construção de uma língua nova impregna a poesia de Dora Ribeiro de sentidos simultâneos e móveis, pois a língua dos poemas, ancorada na melhor tradição lírica e permeada pelo raciocínio, traz o humor à flor da pele e mistura sofisticação com idiomatismos para afirmar que "não há sentido fora / do movimento e não existe / vida fora das breves inclinações".

A vontade de se perder no labirinto

Dora Ribeiro dá novas respostas para temas antigos em *A Teoria do Jardim*

07 de agosto de 2009 | 0h 00

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-vontade-de-se-perder-no-labirinto,415379,0.htm>

Francisco Quinteiro Pires - O Estadão de S.Paulo

Dora Ribeiro leva ao extremo a essência do seu ofício literário - é uma poeta em trânsito. Para ela, que mora desde 2008 na China, depois de passar mais de 20 anos em Portugal, a viagem tal como a poesia é uma experiência virtual e artificial, sempre em mutação, pois não se convence com o encontro de um lugar para o ansiado repouso. O alcance do sentido é algo provisório. "As experiências em diferentes países são poderosíssimas, porque nos levam a procurar explicações para acalmar os nossos sentidos alterados pelas mudanças", diz a poeta de 48 anos. "Isso gera respostas novas para vistas antigas."

A Teoria do Jardim (96 págs., R\$ 32,50), seu sexto livro de poemas, lançado pela Companhia das Letras - é a estreia em uma grande editora -, apresenta essa nova percepção: todas as coisas existentes são vistas como a trama de um movimento incansável. "pensando bem/ a vida é uma ideia mutante// disfarça-se/ em destino/ e beija a/ explicação (...)", registra o trecho de um poema sem título.

À semelhança dos chineses, ela não procura solução para os erros e as incoerências. Pratica a aceitação serena das contradições, exercício que se reflete em *A Teoria do Jardim*. A poeta abriu mão do pensamento ocidental, obcecado pela classificação: "o traçado do teu jardim/ ignora parágrafos/ para avançar nas/ delicadezas do imprevisto/e da inexatidão// à procura do engenho do desejo/ invoco a ingenuidade do belo://deslizante caça dialética." Outra lição poética: em vez de pensar uma coisa hoje e outra amanhã, a autora pensa as coisas diferentes ao mesmo tempo. Sem o desespero que imobiliza, antes com um espanto criativo.

"Aqui em Pequim me descubro frequentemente oriental, porque há nesta cultura um enorme à-vontade em relação à fabricação da arte", diz Dora, que se mudou para a China há 10 meses, após casar com um diplomata. "Sempre apreciei o artificialismo das construções humanas, sobretudo das línguas", afirma. "Vivemos dentro delas, muitas vezes presos, outras vezes livres - nesse jogo é que mora a poesia."

Nascida em Mato Grosso do Sul, Dora Ribeiro escreve poemas desde o início da adolescência. Nessa época, ela "roubava palavras de romances", juntamente com "promessas de emoções", para idealizar os primeiros versos. Ela descreve o instante "em que o encantamento das palavras começou a aumentar" como um fenômeno que afetou o seu corpo intensamente.

Um pouco depois de envolver-se com a poesia, a escritora foi estudar nos Estados Unidos, de onde voltou para cursar Letras na PUC-Rio. Os deslocamentos físicos proporcionaram experiências que "continuam a mudar de cor, à medida que olha para elas". O contato com povos diferentes fortaleceu o seu "vício de pensar preferido - o de buscar e valorizar semelhanças entre culturas".

Esse é o nervo da poética de *A Teoria do Jardim*, por meio da qual Dora expressa o desejo de mistura, de confusão, de alquimia. O jardim se transforma em metáfora para exibir o que é comum a indivíduos de vivências diversas: as imperfeições de sua condição e a exposição ao envelhecimento. "Olhamos para a natureza e pensamos que existe uma oposição entre o seu estado e o nosso", diz. "Mas, me parece, o que vemos é uma longa tradução dos nossos encontros e desencontros - a natureza é como um desenho exposto ao tempo e às limitações." Nos seus poemas, o corpo se metamorfoseia em jardim, fonte de inspiração a ser observada e cultivada. Um dos temas recorrentes em *A Teoria do Jardim* é a relação entre corpo, sexo e amor, "essa santíssima trindade profana". "É um trio que merece veneração", pois nele a autora se sente completa: "quando vamos/ ao desejo/ avançamos/ inteiros/ e sólidos."

Dora Ribeiro está alegre por exercitar a difícil aceitação de que a existência lhe escapa ao domínio. Ela até deseja sinceramente que seja assim mesmo: "quero que a vida me cegue/ quero que a vida me mate// nada de escandaloso// apenas o desejo de viagens certas sem destino marcado (...)." Quando parecia ter desistido, Dora acabou se fortalecendo em cima da esteira móvel da sua obra, exploradora de uma "língua sem contenção/ musa de labirintos".

Cultura

20/11/2009 às 09h04 - Atualizada em 25/10/2011 às 00h07

A poeta Dora Ribeiro lança 'a teoria do jardim'

<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/20/a-poeta-dora-ribeiro-lanca-a-teoria-do-jardim/>

Jornal do Brasil
+A-Imprimir
PUBLICIDADE

Marcos Pasche, Jornal do Brasil

RIO - Existem duas maneiras, sempre discutíveis, de classificar um livro como simples: a primeira é estabelecida pela crítica, que, tomando como parâmetro a linhagem tradicional do que se convencionou chamar de grande literatura, forma a classificação a partir de dois aspectos: a insuficiência da obra quanto à observação e à estetização dos vendavais humanos, e a falta de originalidade da mesma obra ao tratar de um determinado assunto; a segunda maneira parte do próprio autor cansado ou tímido diante da aura solene atribuída à arte ao escrever conscientemente de forma despreziosa (lembre Manuel Bandeira), esculpindo seu escrito com matéria comum, catada, dia a dia, na rua do dia a dia.

Talvez seja essa a primeira impressão, de singeleza conscienciosa, que se tem de *a teoria do jardim*, da poetisa mato-grossense Dora Ribeiro. A começar pela magreza física de suas 90 páginas (nada incomum para um livro de poemas), tudo no livro inspira simplicidade: a inexistência de títulos na maioria dos textos, a ausência total de **letras** maiúsculas, a vontade de falar em tom suavemente informal para camila, minha flor de jabuticaba, registra a dedicatória e de se integrar às miudezas da vida: sejam bem-vindas / todas as / coisas minúsculas / e desprezíveis.

Tal integração é uma tônica constante do livro, e isso torna sua simplicidade um fator de grandeza (lembre Manuel Bandeira novamente), pois as pequenices do jardim de Dora são, no fundo e no solo, instrumentos para resistir ao negativo paradoxo de nosso tempo, quando se faz imperativa a hipérbole (do barulho, da imagem, da propaganda e dos músculos) ao mesmo passo em que se põe tudo sob o jugo da efemeridade: tudo o que me transforma / em caldo / faz com que o redemoinho / da vida não me desconstrua. Dentro do turbilhão, a voz dissonante identifica sua desarmonia no universo que nos quer soldados da ganância, apesar de seu discurso democrático: esta **cidade** dita flexível / é na verdade uma armadilha / para quem como eu / deseja apenas os seus / pormenores.

A ânsia pelo sucesso a fazer com que se vejam como únicas fontes de **felicidade** a fama, o dinheiro, a aprovação em concurso público e a carreira bem-sucedida (hoje muitos donos de barracas de cachorro-quente gostam de encher a boca para se identificarem como

empresários) também é desmerecida por essa poética que, a exemplo das plantas, colhe no estrume da vida contemporânea algumas de suas proteínas. E nesse exercício, a autora, no canto do seu quintal, mostra aos poetas ser possível realizar transgressões substantivas em meio ao vale-tudo da pós-modernidade, como nesta belíssima (anti?)ode: um dia escreverei uma / ode aos perdedores / para agradecer todos os / fracassos / pequenos e grandes / que se transformaram / no tecido / da minha vida / confundindo-me / deliciosamente // os fracassos são / uma religião perfeita / amiga do tempo humano .

Se a flor de Drummond nasceu na rua, furando o asfalto e o tédio, a poesia de Dora Ribeiro, cujas pétalas se espalham pelas páginas de a teoria do jardim, fura, ironicamente, o terreno poético brasileiro desmatado pela excessiva teorização do verso. Há entre os poetas hodiernos certo esquecimento de que a arte aprofunda-se também por fazer vibrar a sensibilidade do espectador, e o livro simples da poetisa mato-grossense, conduzido pelo desprendimento, tonifica seu brilho na medida em que solta folhas ao sabor do vento domingo vou lavar as mãos / e os pés / e secar tudo com beijos de amanhã para cantar, sem qualquer constrangimento, o amor, seja em estado de epifania quero falar uma língua nova / principiada na carta do teu / corpo seja na doçura do cotidiano: e o beijo que / começou numa garagem e terminou / no jardim das amoreiras .

Por ter aleijado tanto a natureza, o homem começa a sentir na pele as consequências da ideia de que tudo está a seu serviço. Mesmo aleijado socialmente, o poeta ainda nos aponta caminhos a serem seguidos, outros a serem abandonados, e outros tantos a serem criados. Dessa maneira, a simplicidade de Dora Ribeiro (que, íntima da terra, diz: sei o que é ser acolhida / nessa generosidade verde) deveria ser levada e lida à seriedade das cúpulas dos países industrializados, para que ela, menina com terra nos pés, dissesse: toda a delicadeza é pouca / para fugir ao precipício / e organizar a ignorância // por isso sonhei que / construíamos um jardim / de muitos verdes e colares / de azul . Ela seria detida em nome da ordem e do progresso, mas faria com que dissessem, em tom inconformado, que há agora um jardim no meio do caminho

<http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php/edicoes-anteriores/4-mercado-editorial.html>

Poesia



Os jardins guardam o que se quer guardar

Escrito por Thiago Soares

[inShare](#)

[digg](#)



Em 1961, a arquiteta Lota de Macedo Soares quis converter 1,2 milhão de metros quadrados à beira da praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, numa área livre "onde se pudesse reaprender a arte de andar a pé". O Parque do Aterro do Flamengo, que foi "povoado" por 240 espécies diferentes de plantas por Burle Marx, hoje, é um espaço em que pouco se anda a pé. Cortado por uma avenida de tráfego intenso, o espaço é quase um cantar utópico por liberdade de uma mulher que viveu sob o cimento de uma relação passional e conturbada com a escritora Elizabeth Bishop.

"O Parque do Flamengo é meu poema", leio na biografia *Flores raras e banalíssimas*, que desvenda a história de amor das duas e a obsessão de Lota em erguer o imenso jardim. "O jardim é uma das mais interessantes criações humanas. Ali misturamos quase tudo - vida, terra, cores, texturas - com o objetivo de obter um lugar que responda a um certo ideal de equilíbrio, de beleza", me responde a escritora Dora Ribeiro, autora do livro *A teoria do jardim* (Companhia das Letras, 2009), numa conversa virtual.

Ao final de minha terceira leitura de *A teoria do jardim*, de alguma forma, sou remetido à história da obsessão de uma mulher por erguer um imenso jardim aterrado, artificial, num cartão-postal do Rio de Janeiro. "Umás vezes procuramos reproduzir artificialmente o que imaginamos ser a natureza; outras, simplesmente, inventamos novas formas de ser e estar. O jardim talvez seja o lugar mais próximo do que chamamos tranquilidade, por-que cede sem

grande alarido às nossas vontades e arranjos”, me ensina Dora, com suas palavras - que a própria chama de - “imperfeitas”. Quando lembro do Parque do Flamengo, daquele aterro, do Hotel Glória ao fundo, o Pão de Açúcar a nos testemunhar, penso em todas as coisas que fiz para que você me dissesse sim. Eu queria a sorte de um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida. Eu e Lota, em busca de nossos jardins.

“O jardim é um ambiente fácil de agradar aos humanos”, pontua Dora Ribeiro, ao falar do seu livro. Teoria do jardim, metáfora de que? Lota ergueu um aterro para Bishop, Dora diz que teoriza com poesia (“Escrevo poesia pela minha própria incompreensão do que seja a poesia”). O que me restou para te impressionar foi gravar, numa fita cassete, um punhado de canções que talvez pudessem te fazer sorrir. Será que você iria me encontrar naquele bar, eu bebendo uma Devassa ruiva e fria? “Como na vida, encontramos sempre respostas novas cada vez que olhamos para uma pergunta. E para alguns poetas existe essa necessidade de autojustificação, de autoexplicação”, me diz Dora, por e-mail, da China. Sim, a autora de A teoria do jardim, é uma escritora-nômade. Nasceu no Brasil, estudou nos Estados Unidos, morou em Portugal e, agora, está na China. “Numa habitação fixa gasta-se muita energia na conservação. E nomadizar tem a ver com mudança, que também me parece uma ideia muito boa. Mas não sei dizer se isso se reflete na minha poesia para além do seu sinal nominal”, explica.

Tendo a acreditar que o amor entre Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop era nômade. Idas e vindas. Rio de Janeiro, Boston. Entre eu e você, também, um cartão de embarque. E-mails gigantes, horas e horas ao telefone. Era uma época pré-mensagem de celular. Tudo mais difícil. Amor-Discagem-Direta-Interurbano. Quando você atendia, cadê as palavras? “As palavras não são animais de estimação. Tenho muita dificuldade para conseguir atraí-las para mim, para o meu pensamento. Muitas vezes, elas não aparecem. Uso as mais cordatas e menos perigosas; aquelas que ouvem a minha lengalenga e aceitam participar”, me explica Dora, sobre os melindres de seu ato de criação. Comigo também era assim: eu não tinha palavras-animais-de-estimação. Elas eram selva-gens quando você aparecia. E sumia. “Não escrevo como gostaria. Escrevo como posso”, alenta Dora Ribeiro. Sinto um peso. Não estou só.

ARTIFÍCIO/ARTIFICIAL

Leio um dos inúmeros adeuses entre Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Quando Bishop ia embora, Lota pisava mais e mais fundo na sua obsessão pelo jardim. Com o tempo, com a leitura de muitas histórias, a

Literatura foi me ensinando o dom da contenção. Quando você não vinha, eu me calava. Quando você me ligava, eu não atendia. O telefone, o copo d'água ao lado do abajour. Para Dora Ribeiro, a contenção tem algo de oriental: "A cultura chinesa tradicional cultivou o conceito do artifício/artificial com um desvelo impressionante. Uma poesia clássica baseada num restrito número de caracteres por linha (quatro, cinco e, mais tarde, sete) ou na contenção tonal; uma pintura tradi-cional em que o espaço em branco tem o mesmo valor que o traço do pincel". De alguma forma, quando o Parque do Flamengo ficou pronto, acho que Lota se viu num espaço em branco: papel, régua, cimento. O vazio.

Quando você não apareceu no Galeão repleto de ecos naquela noite fria de janeiro, escrevi num guardanapo: "Recortar o retrato ao cair a moldura/ Nada me falta/ Apenas levantar a estrutura/ Viga por viga/ Cimento e pó/ Tudo ruiu/ Enquanto a arquitetura dos teus lábios/ Sorriu". Acho que, de alguma forma, me tornei um pouco poeta naquele salão de embarque.

"Todos vivemos presos e livres dentro de um determinado mundo linguístico. Para mim, a poesia nasce desse jogo e é uma experiência extrema dessa liberdade. Por isso, acredito que existe uma ver-dade intrínseca a cada poeta", atesta Dora Ribeiro. Escrever é "combater" o vazio, parece me dizer a escritora: "Cada voz possui a sua própria história nesse 'combate'. E é isso que explica que certos poetas sintam necessidade de inovar formalmente e outros precisem apenas encontrar as palavras perdidas, queimadas pela vida".

Escrevi aquele poema, achei que poderia me tornar poeta. Amassei logo em seguida, joguei no lixo. Talvez por pirraça, por tentar me livrar desse queimor que são as palavras que me perseguem, eu nunca consegui esquecer daqueles versos. Eles, como você, são minha teoria, meu jardim, meu aterro.

Flora Sussekind

Sábado, 13 de março de 1999

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fsussekind02.html>

[in JB, caderno Idéias]

O dentro, o fora

FLORA SUSSEKIND

Os dois livros de Dora Ribeiro, *Ladrilho de Palavras* (1986) e *Começar e o fim* (1990), como muitos outros de poetas que lançaram suas primeiras coletâneas na segunda metade dos anos 80, passaram, do ponto de vista da recepção crítica imediata (com a exceção, neste caso, de um comentário de Luiz Costa Lima), praticamente em branco. Como se fosse impossível, independente da qualidade, sua visualização fora de algum movimento mais global ou tendência geracional definida. E, se invisíveis no contexto da publicação, paradoxalmente, um dos seus aspectos mais curiosos, para uma leitura atual, talvez esteja, ao contrário, na sua capacidade de exposição das tensões entre modelos imaginativos distintos como os das duas décadas que os delimitam. Entre a auto-expressividade, o prosaísmo e a poesia-diário, dominantes na poética dos anos 70, e o redimensionamento do sujeito lírico, a auto-reflexão e a investigação formal e material, que caracterizariam parcela significativa da poesia de fins da década de 80 e dos anos 90 no Brasil.

Pois há como que dois rastros perceptíveis na sucessão de poemas breves, quase todos sem título ou sinais gráficos particulares (apenas alguns poucos dois pontos, aspas e parênteses), fora a extensão variável dos brancos intervalares, que compõem esses livros de Dora Ribeiro. Um desses rastros parece seguir, em parte, o gosto pelo banal (não sua estetização), pelos diários (vide Chico Alvim ou Ana Cristina César), pelos dias em que nada acontece ("um dia como quem precisa achar emprego/ mas acaba bebendo e jogando sinuca", como no texto de Eudoro Augusto) da poesia das décadas de 70 e início de 80. Retomada que, nos poemas de Dora, se daria via exposição miúda do cotidiano ("doce de leite na colher", "almoço comercial", "descasquei batatas", "verdura arroz", "o calo do pé"), por vezes também próxima da notação de diário ("dia santo prosaico/dia sem santo", "como se reconhece o dia/em março/de horas e horas contadas/no ano", "os dias mesmos", a "vida de calendário"), da lista pura e simples ("batata palha/molho diana/sem café"), da "obsessão de enumerar a presença vital e intransponível das coisas". Ou, ainda, via percepção do tempo como uma forma de espera ("neste estar continuado de esperar"), de tempo "mole", modorrento, empoçado, morto: "o tempo se amontoa galinha/ no poleiro/ agrupamento malcheiroso/ porcos/ pardieiro/ toca fétida/ dos dias".

Não faltam mesmo, nesse seu diálogo com a produção poética do período imediatamente anterior ao seu, uma tentativa acanhada de poema-minuto -"de olho rasteiro volto para casa/ preciso saber se já tive pneumonia", assim como certas hipertrofias do eu, - maneira da que se dá num poema-descrição de beijo em *Ladrilho de Palavras*: "faço de conta de cansaço/ amarro as franjas/ cintilo os braços/ escureço os olhos/ e/ despenco". Exemplos de quase endosso não muito freqüentes, no entanto, na poesia de Dora. Já que, aí, este esquema expressivo parece tensionar-se duplamente. Em primeiro lugar, por uma tomada de distância -"e a primeira pessoa, outra"- com relação aos muitos eus de seus poemas, o que resultaria, por vezes, em construções propositadamente indeterminadas, estruturadas por uma série de infinitivos verbais substantivados ("começar", "o estalar da beleza") ou tendo substantivos abstratos como sujeitos textuais ("a perfeição", "a teoria", "uma idéia"), por vezes, numa diferenciação explícita entre sujeito empírico e figuração autoral -"o poeta não existe/ coisa do nada/ inimigo dos vizinhos/ e de todos os desejos com nome"-; na afirmação da consciência de que o sujeito é sujeito do poema: "ele sabe que inexistente/ por isso freqüente a poesia".

E, outro ponto de instabilização da poética expressiva: uma espécie de trava ao presente, ao imediato, mesmo glosando-se, por vezes, a passagem dos dias, "desta hora", as formas de medida e registro do instante. Dora Ribeiro parece mesmo trabalhar, com freqüência, com um tipo de paradoxo temporal - os verbos do poema no presente, mas acompanhados de uma forma condicional no futuro ou de uma localização explícita no passado. Ou, como se lê no poema que dá título ao seu primeiro livro: "dois tempos a desfiar/ suas tranças/no rosto estendido/de roupa no varal/público". O que resultaria, na série "Temporale", incluída na revista *Inimigo rumor* n.6, nas variações em torno de um "quero te ver", ao qual se acrescentam ora condições futuras ("quando a terra molhada/cobrir teu abismo"), ora um movimento retrospectivo imediato ("quero te ver *dopo il temporale*/no passado/ onde o abismo vive num poço/sem vertigens/e/ limita-se ao descanso profundo/e às idéias de águas paradas").

Há, portanto, um segundo rastro nesses dois livros, no qual a figuração do sujeito lírico, assim como a "hipótese da poesia" se afiguram problemáticos. O poema apontando não para o registro do mundo ou para a identificação da paisagem sensorial, mas para a consciência de seus limites (dá a intensificação, por vezes via Cabral e Celan, das imagens da pedra e do deserto, além dos

seus muitos "temporais"), de uma intransponibilidade constitutiva ("paisagem que não alcanço", "a distância maior entre a sala e o quarto", "teus silêncios"). Ou, como no belo "temporale iv": "silêncio é palavra madura/difícil/sei de um poeta/que a usou sem saber/e/morreu".

O poema apontando, por outro lado, não para o reforço de uma auto-constituição da subjetividade, mas para figurações diversas, e aparentemente estranhas na ambiência "lírica" dos textos de Dora, de decomposição, instabilização, dissolução de uma paisagem corporal, de presença no entanto fortíssima nos seus dois livros. Pois é nítida, nesse sentido, a multiplicação de pedaços do corpo (olho, braços, pernas, joelhos, boca, costas, mão) ou de formas variadas de contato corporal (roçar, beijo, tatuar, massagear, coçar), percursos vários de "mão exígua/ sobre o corpo", como fontes imagéticas dos poemas. Chega-se mesmo a figurar o poema como um "catalogar os sentidos", como "andanças da pele". E a falar em "dedo palavra", "corpo imaginação". Parecendo, por vezes, produzir-se uma espécie de identificação, de visualização, corporal para o sujeito e o poema. Movimento que se faria acompanhar, de modo quase imediato, entretanto, pelo seu avesso, por um "prazer do decomposto", pelo tremor, por um despencar, por uma "medida de sombra", um "corpo disforme", desdobrado em pregas, partes, ruídos, cansaço, dissociação, ou por um súbito "sumiço". Sumiço no qual se inclui, de certa maneira, até mesmo o poema, convertido em "desejo sempre outro", "desejo involuntário" da poesia, e, como tal, indício bem mais de falta, ausência, do que de corporalidade imediata.

E é exatamente na transformação desses movimentos contraditórios - a intensa corporalidade do seu sujeito lírico ao lado de uma tendência decompositória equivalente em aspecto fundamental de sua prática poética que se singulariza o diálogo empreendido por Dora Ribeiro com os modelos - expressivo e reflexivo - de imaginação literária dominantes no seu período de formação. E que, desviando-se, por meio desse desdobramento antagônico, de certa dicção sublime que imprime a algumas de suas abstratizações poéticas, constrói alguns dos melhores textos desses dois livros. E de um período que, entre "*booms* poéticos de mídia", costuma ficar ao largo de qualquer consideração crítica. Flora Sussekind se reveza neste espaço com Silviano Santiago, Luiz Costa Lima e Sérgio Paulo Rouanet

<http://www.espacioluke.com/2013/Marzo2013/maura.html>

São Paulo, domingo, 09 de agosto de 2009

+mais!

[Texto](#) | [Anterior](#) | [Próximo](#) | [Texto](#) | [Índice](#)

Jardins rarefeitos

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0908200905.htm>

Poesia de Dora Ribeiro cria um sensualismo quase abstrato, de onde tira sua força e seus impasses

LUIZ

COLUNISTA DA FOLHA

COSTA

LIMA

Nem todos concordarão em dizer-se que Augusto de Campos é o nosso único grande poeta vivo. Mas poucos discordarão em declarar-se que, entre as dezenas de poetas jovens, poucos parecem fadados a permanecer. Entre eles, está Dora Ribeiro.

Não se dá por acaso que sua obra seja pequena. Ser poeta, ou melhor, manter-se poeta, sobretudo em um país de público ralo, de crítica quase inexistente e de frágeis departamentos de letras é muito difícil; desde logo, ele não contará com publicidade e terá de dispor de seus próprios meios para ser o seu próprio editor. Como "A Teoria do Jardim" (Companhia das Letras, 96 págs, R\$ 32,50) surge em uma editora dotada de boa distribuição, espera-se que Dora Ribeiro tenha saltado esse primeiro obstáculo. Comece-se pela referência a dois poemas de abertura. O primeiro principia com os versos "girassol/ abre os braços a cada manhã/ pensando no caminho/ e no avesso dele". O segundo é um dos poucos com título: "Paisagem Brasileira". Em um e outro, o "jardim" encontra seus polos. O polo-girassol declara o que se cumpre no jardim: é ele formado menos por coisas ou seres, cheiros e cores, embora sejam nomeados, do que pelo movimento das sensações. O que assume o direito de pertencer ao jardim foi ou é presença, porém mais importa pela dinâmica que o impregna. O polo-paisagem, encarnado por um único poema, não é por isso menos relevante: sem ele, o jardim correria o risco de ter uma função decorativa. A "paisagem brasileira" dá as costas ao descritivismo testemunhal, variante "politicamente correta" do velho realismo, e ressalta o lugar onde o jardim se situa. Seu posicionamento não precisa de palavras nobres para dizer de sua dramática miséria: "a mulher tem o tamanho da casa/ e o seu filho mal passa/ pela porta"; "o morro da paisagem desce/ e não sobe mais". (Como, a propósito do Rio de Janeiro, Lévi-Strauss anotava nos "Tristes Trópicos", o Brasil é o único país em que as construções no alto dos morros são reservadas aos miseráveis.)

Sensualismo

Em "Bicho do Mato" (2000), Dora Ribeiro reunia sua obra até então publicada. Nela, dois traços eram destacados: as cenas de lembrança associadas a um sensualismo tão "orientalmente" discreto que pôde ser chamado de "sensualismo abstrato". Embora um e outro aqui permaneçam, ambos se tornam rarefeitos. Rarefeita a lembrança não porque seja agora mais

remota, senão porque, menos presa à memória de quem a guarda, torna-se mais apta para servir de material para a metamorfose. A transformação mostra-se com nitidez pela comparação de dois poemas. O primeiro precisa de uma estrofe para que declare o que ainda é resto da memória: "uma infância de árvores/ lembro-me disso/ os galhos acolhiam o/ meu corpo/ e as minhas pernas/ amarravam-me ao/ improvável". Já em "Parca Serenidade 2", basta um verso para que o metamórfico se realize: "a infância é o nosso mais fiel e longo animal". É da metamorfose da memória que depende o cumprimento do desejo: "quero a majestade humana/ essa dança louca/ que junta todas as divindades/ no mesmo". No entanto, ainda mais ressalta a rarefação agora do sensualismo abstrato -ressalta porque sua menor presença não se mede quantitativamente. Se não for meu ouvido que entortou, versos como "quero falar uma língua nova/ principiada na carta do teu/ corpo" ou "e só depois/ de tomado o corpo feminino/ falam os deuses" são gastos porque sua dicção já se tornou esperada.

O rendimento volta a ser positivo na estrofe final de "Para Onde Vai a Paisagem": "Para onde vão os nossos/ corpos separados/ pela música do teu tempo/ para onde nos leva/ a árvore fóssil/ que escondes no teu silêncio".

A música que vem do outro separa e não reúne os corpos, pois não nasce de consonâncias, mas da dureza ("a árvore fóssil") encrustada no silêncio do outro. O fóssil não se impõe por "uma infância de árvores" senão que se transforma em arqueologia de rigidez e silêncio.

Não há pois menor coerência em que o silêncio seja reinvocado em versos em que, de igual, o sensualismo abstrato mostra-se diluído: "puro caminho de silêncio/ nas mãos que conhecem o amor/ divinamente humano". Pergunto-me, por fim, a dicção que se gastou não traria o sinal de outra via que começa? Ela não se preludia na pergunta de "a que mundo pertencem/ as perguntas-abismo/ que o meu cérebro não visita"? O traço menos se apaga do que submerge para que, ao fermentar, assumo outra feição.

A questão que nos pomos antecipa o que explicita o poema "(Pergunta à Vieira)". Entendendo o "à vieira" como à maneira de Vieira, só ironicamente o poema seria coerente com o texto do pregador: "o que faz um corpo/ entre livros, teatros e jogos de/ xadrez/ lugares onde a vida/ depende da iluminação e/ do método de leitura?". Para o Vieira dos sermões, o corpo não era obstáculo para as tarefas que realizava ou aludia, até porque, embora necessário, não passava de acidente. O corpo que os versos lhe atribuem são a metamorfose de um outro corpo: aquele que de si, em "A Teoria do Jardim", ainda se indaga.

LUIZ COSTA LIMA é crítico e professor na Universidade do Estado do RJ e na Pontifícia Universidade Católica (RJ). Escreve regularmente na seção "Autores", do **Mais!**.

outubro 2009 / *Ensaios e Resenhas* / ***Pela essência do movimento***

<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/pela-essencia-do-movimento/>

Pela essência do movimento

A+ **A-** Tamanho da fonte  Imprimir  Enviar por email  Recomendar  Twitter

IGOR FAGUNDES

Desde seu poema de abertura, o sexto livro de Dora Ribeiro, **A teoria do jardim**, é todo movimento: “girassol/ abre os braços a cada manhã/ pensando no caminho/ e no avesso dele// (...) porque não há sentido fora/ do movimento e não existe/ vida fora das breves inclinações”. É nessa *floripoética* — para não a chamarmos simplesmente de floricultura — ou mesmo nessa *paisartística* — para não a chamarmos de paisagística — que a escritora lança, mais que os olhos, seu corpo inteiro na aprendizagem de ser, que é também a do devir de seus poemas: “o traçado do teu jardim/ ignora parágrafos/ para avançar nas/ delicadezas do imprevisito/ e da inexatidão”.

Afinal, o esforço para uma suposta teorização do jardim — de “abraçar árvores” (“ali onde um tronco tem/ largueza para grandes abraços de ar”) e “ser acolhida/ nessa generosidade verde” — se traduz numa sedutora meditação acerca do fazer poético irmanado a uma vida (não) cotidiana: este “desejo/ que se repete”. Ao falar sobre poesia através da poesia, o que *a priori* se anunciaria teórico ou teorizador se torna *a prática* do próprio ofício sem a qual a reflexão em torno dele esvaneceria. Nesse sentido, o título da obra se ouve irônico, na medida em que afirma a obsessão científica pelo esclarecimento e pela classificação para poeticamente negá-la, além de celebrar certa impossibilidade de uma fala para a criação que não seja, ela mesma, criadora e, logo, inclassificável. De fato, o que se insinua, por esse caminho em que a poesia se reconhece no girassol, é a assunção do próprio corpo da poetisa como flora (“sofro de necessidades vegetais”) e fauna (“uma/ deliciosa coincidência de bichos/ ocorre quando o meu/ corpo esbarra nos cantos/ da tua casa”; “a infância é o nosso mais fiel e longo animal”), isto é, como terra-fonte, natureza que copula, gesta e dá à luz mediante o evidente erotismo que torna os corpos da paisagem e as paisagens do corpo um no outro, ou um com o outro, com a sensualidade pertinente a todas essas aproximações e fusões (“quero falar uma língua nova/ principiada na carta do teu/ corpo”).

No entanto, mais do que a corporeidade como nascedouro e presença mítica desses encontros enredados por sensações táteis, gustativas, aromáticas, visíveis e auditivas — tomados por uma assim chamada “força da árvore budista” (“puro olho do universo/ na cama da terra// puro caminho de silêncio nas mãos que conhecem o amor/ divinamente humano”) —, o que se flagra é, no vão da rede, o movimento deste vir a ser (humana e flora, humana em fauna, fauna-flora-humana) em que o poético se quer menos na apresentação de um lugar híbrido do que no ínterim entre um lugar e outro, no sem-lugar abertura para todo espaço e temporalidade (“el cuerpo es el lugar de la/ desaparición del cuerpo”).

Desconcertante

Essa idéia de mobilidade acompanha a obra de Dora Ribeiro já em uma das epígrafes presentes no princípio do livro. Na de Allen S. Weiss, lemos: “Tem de se ser móvel para a experiência do jardim, tem de se atravessar o tempo e o espaço no jardim”. Ao escrevermos “idéia de mobilidade”, sugerimos realmente isto: que, mesmo negando a teoria no sabor da prática de um ofício não generalizante e sempre singular, a poetisa converge para certo esforço abstratizante: ao buscar o que no movimento é movimento, paralisa o próprio movimento em nome de uma conceituação ou essencialização de que a poesia não dá conta, mas que de modo desconcertante a de Dora Ribeiro tangencia quando, com poemas altamente dinâmicos (formalmente moventes em meio ao silêncio que se lhe doa na concisão de cada precisa palavra para o impreciso que perscruta), nos presenteia o repouso numa indiscernibilidade entre o estático e o extático, dentro da qual nos assumimos diante de fotografias em que, no instante suspenso em lente, vivemos a fugacidade e a eternidade do agora.

Certamente contribui para esse elogio da movimentação o fato de que se trata de uma escrita em certo grau nômade e habitante dos entre-lugares pelos quais a voz lírica passou na transferência de sua vida de um sertão a outro (“o sertão sou eu/ e a cada passo/ nas lendas do rosa/ ficam mais distantes/ as existências fixas”), de um país a outro (como do Brasil a Lisboa; de Lisboa a China), de um mundo a outro, de modo que sua poesia culmina na assunção desta “deslizante caça dialética”, desta fronteira que enfraquece pólos estanques em nome de uma terceira margem sem dicotomias. Nela, idiomas se confundem, assim como os escritores (João Cabral, Guimarães Rosa, Baudelaire, Octavio Paz etc.) que compõem a memória poética da autora. Em **A teoria do jardim**, toda “cidade é interminável/ uma pele aberta aos caminhos”, mas “visível/ feita de territórios migrantes” onde vemos “os fragmentos/ de que todas as histórias e/ coisas do mundo são feitas”.



IGOR FAGUNDES

É poeta e crítico literário. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

LUKE nº 147 - Marzo 2013

<http://www.espacioluke.com/2013/Marzo2013/maura.html>

Voces brasileñas: Dora Ribeiro

Antonio Maura

Las palabras dejan cicatrices. La poesía de Dora Ribeiro

La obra de **Dora Ribeiro** (Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 1960) no es conocida en España, salvo por cuatro poemas publicados dentro de la “Antología de Nueva Poesía Brasileña (1960-2000)”, preparada por Afolfo Montejo-Navas para la Editorial Árdora con el título Correspondencia Celeste.

La crítica brasileña, Flora Sussekind, situaba a esta poeta en la generación de la segunda mitad de la década del 80 del pasado siglo. Este grupo de poetas se caracterizaban, siempre según esta voz crítica, por la “auto-reflexión y la investigación formal y material.” A este grupo pertenecerían también Arnaldo Antunes, Waly Salomão o Paulo Henriques Britto y, ya en la década del 90, Carlito Azevedo, Claudia Roquette-Pinto o Ronaldo Polito, entre otros.

La poesía de Dora Ribeiro se inspira en la poesía china: es breve, de una sensualidad desnuda, abstracta, y está llena de alusiones a lo no presente ni mencionado, a lo que se deja entrever por su rastro o sus efectos. La precisión léxica y la capacidad de síntesis caracterizan a esta poeta, que parece concentrar en muy pocas palabras todo un universo de sensaciones y recuerdos. Aparte de los “ecos” orientales, su poesía tiene también la concisión anti-poética de Paul Celan en su intento por forzar el lenguaje a sus raíces últimas. En todo caso, como comentó el año pasado en una lectura poética realizada en la Residencia de Estudiantes de Madrid, las palabras son presencias físicas en su vida. En aquella ocasión afirmó:

”Desde la infancia desconfié de las palabras al sentirme limitada por ellas. Un poeta escribió que existen palabras que nos besan como si tuviesen boca. Conmigo no sucedió así. Sí creo que hay palabras que nos observan, nos enseñan, nos acompañan por la vida. Y que dejan marcas en nosotros.”

Para un traductor parecen faltar palabras en su poesía, pero pronto descubre que están las justas, ya que cada una de ellas determina un espacio que ha de quedar velado, en tinieblas. Descubrimos que la realidad está “semi-escondida” y sólo se revela con la voz poética. Veo a Celan tras la concisión poética de Dora Ribeiro como veo también a João Cabral de Melo Neto y a su poema contenido, de ingeniero, habitado por la escasez y el silencio.

Pueden encontrarse otras “herencias”, otros “ecos” en su poesía, pero lo cierto es que nos encontramos con una de las voces más originales, más íntimas y más hondas de la actual poesía brasileña.

Los poemas que se recogen en esta página pertenecen a su último libro *Olho empírico*, de 2011. Son también destacables sus poemarios *Ladrilho de palavras* (1984), *Começar e o fim* (1990), *Bicho do mato* (2000), *Taquara rachada* (2002), *O poeta não existe* (2005) y *A teoria do jardim* (2009).

Busca los autores o artículos de LUKE desde Enero de 2000.

Mínima para poema de Dora Ribeiro

Em *Bicho do Mato*, lançado pela **7 letras**, em 2000, Dora Ribeiro reúne seus primeiros cinco livros, escritos entre os anos de 1984 e 1999. Depois viria a edição de *Taquara Rachada*, também pela 7

letras, em 2002. A edição de seus poemas em Portugal, pela Edições Cotovia, reunindo toda sua obra até então produzida, sob o título de um verso retirado de um de seus mais magníficos poemas, *O poeta não existe*, aparece em 2005. Há o ainda inédito e belíssimo *Teoria do Jardim*.

A poesia de Dora faz com que o leitor tenha a necessidade de se reinventar leitor e ler novamente, nos poetas lidos até então, uma nova escrita. Assim como a leitura de um Bandeira, de um Cabral, fez com que se lesse o que até eles se produziu de modo novo, é o leitor de Dora obrigado a reler o significado da poesia, porque, na autora, a poesia assume um novo sentido, uma nova dicção que tanto ilumina o que vem antes, quanto o que acontece durante. Não significa com isso afirmar que a poesia de Dora, como se vê na poesia contemporânea, releia sistematicamente a produção passada e atual.

O raciocínio que permeia sua escrita permite ao leitor vislumbrar a possibilidade de reinvenção da recepção do cotidiano – desde que se abandonem as preconcepções do que seja o cotidiano e seus temas. Tome-se, por exemplo, o poema abaixo:

<i>por</i>	<i>outras</i>	<i>palavras</i>	<i>tentei</i>
<i>por</i>	<i>outras</i>	<i>vias</i>	<i>me</i>
<i>terra</i>			<i>expus</i>
<i>o</i>	<i>teu</i>	<i>lado</i>	<i>invisível</i>
<i>aqui finalmente está</i>			

A centralidade da palavra *terra* poderia iludir o leitor do sentido buscado pela escritora. Ah, sim, diria o presumido leitor, estou diante de uma palavra que reconheço. Terra. Localizo-a no espaço, verifico qual a seu meio e qual o seu modo de ser. A visibilidade da nomeação parece superar o incômodo da abstração em que o eu se coloca – expor-se, tornar-se visível. Eu, sujeito do discurso, nomeio o objeto, torno-o, através de sua nomeação, visível. Até aqui é factível que se perceba, na nomeação feita pelo eu, a visibilidade do que lhe é externo – a terra. Assim se resolveriam eu e objeto numa trama bastante plausível. Eu – que não me acho – tenho, entretanto, uma visualidade mínima que compartilho com os outros sujeitos. Com isso a eles me igualo, me tranquilizo. Posso fazer do eu uma imagem tranquilizadora. Concretizo-o.

Entretanto, o desenvolvimento da leitura do poema permite que se perceba a permuta entre o eu abstrato, que se concretiza no objeto (terra), e a abstratização a que o objeto é submetido por tornar-se parte do eu “*o teu lado invisível / aqui finalmente está*”. Esta dialética entre o sujeito e o objeto impede que o significado se

imobilize e faça com que o sujeito se separe do objeto e eles, sujeito e objeto, sejam percebidos em separado.

Amálgama fecundo este formulado pelas poesias de Dora Ribeiro. Percebe-se neste poema, e em muitos outros, a pulsação de um lugar a ser definido, lugar não dado pelo objeto e não formulado pelo sujeito, isto é, lugar no qual a composição das palavras é fundadora de sentido. Ficção que se quer ficção. Como nas lojas de canela de Bruno Schulz, o olho que dirige a composição de Dora é antes o dos grãos de poeira em suspensão – o invisível do que se vê e é visto – do que a permanência do estável pó sobre os objetos imóveis.

Oswaldo Martins é escritor e poeta, formado em letras, mestre em Literatura Brasileira pela UERJ e, atualmente, frequenta o doutorado em Literatura Comparada, na UFF.

<http://aguarras.com.br/2011/11/19/o-junco-e-o-olho-empirico/>

19/11/2011

ano

7

edição atual: número 35, janeiro & fevereiro de 2012

O junco e o olho empírico

Dois novos livros de poesia chegaram esta semana a minhas mãos. O *olho empírico*, de Dora Ribeiro e o *Junco*, de Nuno Ramos. Aliás, dois grandes livros, em tudo dessemelhantes, mas próximos pela alta qualidade que possuem e faz deles um dos melhores lançamentos da poesia brasileira neste ano.

Olho empírico – como é saboroso isto – não traz a mínima pista de quem é a autora. Seco, não contém mais informações que as necessárias para o leitor – apenas os poemas em sua nudez, nenhuma informação adicional. Basta ao leitor que leia os poemas e com eles se conforte e frua a excessiva beleza que contêm.

Junco, ao contrário, é prodigo em informações sobre o autor. Data de nascimento, prêmios recebidos, livros publicados, uma bela orelha de Flora Sussekind e a informação adicional de que o autor, cujas obras são belas, é também artista plástico.

O diálogo entre o cão e o junco que Nuno Ramos inaugura em seu livro – cuja paisagem preferencial é o mar – e o que mar traz à praia, como o Drummond de Amar, em *Claro Enigma*, está repleto da presença da morte. Morte que, entretanto, não indaga o fim da existência, mas os percalços do

que a morte estampa na visão – seja o junco, seja o cão – daquele que vê o que o mar devolve em forma fixa.

A morte como forma fixa e plástica, como arte que transpõe os limites da representação verbal e se fixa, como quer o poeta, num verso que vê através e pelas palavras, pois a astúcia da representação do além-significado que, na areia e mar do poema 17 – tornados íntimos contrários – se petrifica em coração de musgo. Qual fluidez mais tênue, se a imagem criada se desmancha em palavras, se a palavra se petrifica em imagens? A arte de Nuno Ramos parece apresentar ao leitor esse dilema, cujas respostas se encontram na facticidade da própria indagação do que é arte, do que é poema, ou vida.

Dora Ribeiro divide seu livro em dois movimentos. A um denomina olho empírico; ao outro, escrita de demolição. O caminho que o olho percorre entre o que observa e funde no cerne do ser, que existe e reflete, se mostra, a cada poema, mais denso à medida que a escrita se apodera da fundição da experiência e se transforma no salto mínimo da escrita como demolição. A metonímia do título do segundo movimento vai nos revelar ao longo do percurso da leitura sua capacidade de rever os significados do já expresso e dar a eles sua mais precisa dicção. O que se demole é o resto através do qual se expressa o novo, a novidade que o poeta vem elucidar, como no belo poema:

a índole do vulgar

depende do

suco lábil

das coisas vivas

se a nudez dos olhos

for capaz de soletrar

nas rais das mãos

todas as fisionomias

estreitas do mundo

fica então aberto o

caminho para

o que não está

ainda escrito

Ler Dora Ribeiro é permitir-se, enfim, a fruição de um pensamento intenso e inaugurador da própria reflexão poética.

Oswaldo Martins é escritor e poeta, formado em letras, mestre em Literatura Brasileira pela UERJ e, atualmente, frequenta o doutorado em Literatura Comparada, na UFF.

Jardins rarefeitos

Poesia de Dora Ribeiro cria um sensualismo quase abstrato, de onde tira sua força e seus impasses.

LUIZ

COSTA

LIMA

COLUNISTA DA FOLHA

Nem todos concordarão em dizer-se que Augusto de Campos é o nosso único grande poeta vivo. Mas poucos discordarão em declarar-se que, entre as dezenas de poetas jovens, poucos parecem fadados a permanecer. Entre eles, está Dora Ribeiro. Não se dá por acaso que sua obra seja pequena. Ser poeta, ou melhor, manter-se poeta, sobretudo em um país de público ralo, de crítica quase inexistente e de frágeis departamentos de letras é muito difícil; desde logo, ele não contará com publicidade e terá de dispor de seus próprios meios para ser o seu próprio editor. Como "A Teoria do Jardim" (Companhia das Letras, 96 págs, R\$ 32,50) surge em uma editora dotada de boa distribuição, espera-se que Dora Ribeiro tenha saltado esse primeiro obstáculo. Comece-se pela referência a dois poemas de abertura. O primeiro principia com os versos "girassol/ abre os braços a cada manhã/ pensando no caminho/ e no avesso dele". O segundo é um dos poucos com título: "Paisagem Brasileira". Em um e outro, o "jardim" encontra seus polos. O polo-girassol declara o que se cumpre no jardim: é ele formado menos por coisas ou seres, cheiros e cores, embora sejam nomeados, do que pelo movimento das sensações. O que assume o direito de pertencer ao jardim foi ou é presença, porém mais importa pela dinâmica que o impregna. O polo-paisagem, encarnado por um único poema, não é por isso menos relevante: sem ele, o jardim correria o risco de ter uma função decorativa. A "paisagem brasileira" dá as costas ao descritivismo testemunhal, variante "politicamente correta" do velho realismo, e ressalta o lugar onde o jardim se situa. Seu posicionamento não precisa de palavras nobres para dizer de sua dramática miséria: "a mulher tem o tamanho da casa/ e o seu filho mal passa/ pela porta"; "o morro da paisagem desce/ e não sobe mais". (Como, a propósito do Rio de Janeiro, Lévi-Strauss anotava nos "Tristes Trópicos", o Brasil é o único país em que as construções no alto dos morros são reservadas aos miseráveis.)

Sensualismo

Em "Bicho do Mato" (2000), Dora Ribeiro reunia sua obra até então publicada. Nela, dois traços eram destacados: as cenas de lembrança associadas a um sensualismo tão "orientalmente" discreto que pôde ser chamado de "sensualismo abstrato". Embora um e outro aqui permaneçam, ambos se tornam rarefeitos. Rarefeita a lembrança não porque seja agora mais remota, senão porque, menos presa à memória de quem a guarda, torna-se mais apta para servir de material para a metamorfose. A transformação mostra-se com nitidez pela comparação de dois poemas. O primeiro precisa de uma estrofe para que declare o que ainda é resto da memória: "uma infância de árvores/ lembro-me disso/ os galhos acolhiam o/ meu corpo/ e as minhas pernas/

amarravam-me ao improvável". Já em "Parca Serenidade 2", basta um verso para que o metamórfico se realize: "a infância é o nosso mais fiel e longo animal". É da metamorfose da memória que depende o cumprimento do desejo: "quero a majestade humana/ essa dança louca/ que junta todas as divindades/ no mesmo". No entanto, ainda mais ressalta a rarefação agora do sensualismo abstrato -ressalta porque sua menor presença não se mede quantitativamente. Se não for meu ouvido que entortou, versos como "quero falar uma língua nova/ principiada na carta do teu/ corpo" ou "e só depois/ de tomado o corpo feminino/ falam os deuses" são gastos porque sua dicção já se tornou esperada. O rendimento volta a ser positivo na estrofe final de "Para Onde Vai a Paisagem": "Para onde vão os nossos/ corpos separados/ pela música do teu tempo/ para onde nos leva/ a árvore fóssil/ que escondes no teu silêncio". A música que vem do outro separa e não reúne os corpos, pois não nasce de consonâncias, mas da dureza ("a árvore fóssil") encrustada no silêncio do outro. O fóssil não se impõe por "uma infância de árvores" senão que se transforma em arqueologia de rigidez e silêncio. Não há pois menor coerência em que o silêncio seja reinvocado em versos em que, de igual, o sensualismo abstrato mostra-se diluído: "puro caminho de silêncio/ nas mãos que conhecem o amor/ divinamente humano". Pergunto-me, por fim, a dicção que se gastou não traria o sinal de outra via que começa? Ela não se preludia na pergunta de "a que mundo pertencem/ as perguntas-abismo/ que o meu cérebro não visita"? O traço menos se apaga do que submerge para que, ao fermentar, assuma outra feição. A questão que nos pomos antecipa o que explicita o poema "(Pergunta à Vieira)". Entendendo o "à vieira" como à maneira de Vieira, só ironicamente o poema seria coerente com o texto do pregador: "o que faz um corpo/ entre livros, teatros e jogos de xadrez/ lugares onde a vida/ depende da iluminação e/ do método de leitura?". Para o Vieira dos sermões, o corpo não era obstáculo para as tarefas que realizava ou aludia, até porque, embora necessário, não passava de acidente. O corpo que os versos lhe atribuem são a metamorfose de um outro corpo: aquele que de si, em "A Teoria do Jardim", ainda se indaga.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – <http://www.uol.com.br>

<http://www.cronopios.com.br/site/colonistas.asp?id=5387>

28/04/2012

15:46:00

La palavra adivinatoria de Dora Ribeiro
Por Antonio Maura



Foto: Antonio Veiga

El lenguaje puede ser reducido a su expresión más perdurable y básica — la palabra — como el cuerpo humano al esqueleto. Este curioso paralelismo entre hueso y palabra poética es algo que me hizo descubrir, en Madrid, Dora Ribeiro. La poeta brasileña estuvo leyendo sus poemas en la Residencia de Estudiantes una tarde plomiza y aciaga en la que el pueblo de Madrid protestaba por los continuos recortes presupuestarios y las condiciones draconianas a las que nos obliga nuestra permanencia en la Comunidad Europea. Y es que ha finalizado esa época de vacas gordas mal gestionada por políticos y banqueros prepotentes e incompetentes, que son adjetivos que se parecen tanto que bien podría pensarse que se trata de uno solo. Como digo, en aquella tarde aciaga, se dejó oír la voz cuidada, melodiosa, tal vez titubeante, de la poeta Dora Ribeiro diciendo, sugiriendo, apuntando esta similitud entre hueso y palabra, entre poema y adivinación.

osso								hueso
			oráculo					oráculo
		osso						hueso
de	tanto	se	repetir		de	tanto	repetirse	
a	lengua	vibra			la	lengua	vibra	
	em	estilhas e			en	astillas	y	
se	inicia	em	novos		se	inicia	em	nuevos
significados					significados			

Este poema recogido en el libro *Olho empírico*, que me he permitido traducir, explica esa relación entre la palabra poética y el desvelamiento de una realidad **hecha** de tiempo y espacio, de distancias y duraciones intercambiables. El poema es una **plegaria** que, a fuerza de repetirse, se quiebra, pero que,

milagrosamente, como toda plegaria, emerge con nuevos significados que no estaban en sus palabras. Es una jaculatoria mágica — el poema — que busca expresarse entre los ruidos del mundo desvelando y revelando lo que queda oculto. Es el hueso bajo la piel, que llama al músculo, a la víscera y a la piel para habitar el mundo. Es el hueso que no son capaces de roer las pequeñas larvas a las que dedicó su libro *Brás Cubas*. Y ese hueso, esa semilla de lenguaje se hace carne y vive con nosotros. “Creo que hay palabras que nos observan, nos enseñan, nos acompañan por la vida. Y nos dejan su marca”, explicaba en Madrid la poeta nacida en Campo Grande. También yo lo creo así. La vida es una experiencia que las palabras alumbran. Por ellas sabemos y amamos, por ellas entendemos y nos comprometemos, por ellas, con ellas, nos comunicamos. Y morimos. La existencia es lenguaje. Por eso la palabra-hueso genera nuevos cuerpos, nuevos significados, habita en tierras desconocidas, se multiplica en otros poemas, en otras anatomías, provoca una reencarnación interminable de seres, vidas, lenguajes. Como las ondas del mar, como la vibración interminable del universo, como el aliento palpitante de lo existente, la palabra y el poema se multiplican y se suceden, se desarrollan en una corriente de fuerza y sentido. Dora Ribeiro reconoce esta capacidad motriz, este movimiento interminable en su poesía y en su vida. Onda o partícula la luz recorre de parte a parte el universo para iluminarlo. Sea aliento o escritura la palabra poética atraviesa nuestra vida para dotarla de sentido.

palabras	enteras	palabras	enteras
abrem-se		se	abren
já	divinatórias		adivinatoras
e	escandalosas	y	escandalosas
fazendo	morrer em	haciendo	morir en
mulheres	e	mujeres	y
homens	as suas	hombres	sus
primeiras	imagens	primeras	imágenes



Foto: Antonio Veiga

Pero la voz se quiebra — a fuerza de repetirse —, se fragmenta y, de la ruina de los sonidos, de los fonemas, surgen los nuevos significados, las nuevas realidades que habitan en nosotros. La palabra es mágica y es comunitaria: hace pueblo y desvela la identidad, la nuestra y la de nuestra gente, la del hombre y la de la humanidad. Las palabras desbaratan las primeras imágenes, fueron los rudimentos de nuestra infancia, nos sirvieron para entendernos y entender el mundo. Primero nos indicaron quienes éramos y dieron un nombre al enigmático “yo”, cerraron nuestro cuerpo y lo distinguieron de los otros cuerpos. Era la palabra reveladora y profética que aprendimos como aprendimos los nombres de los que nos protegían, de nuestras necesidades físicas, de nuestros miedos ancestrales. Para Dora Ribeiro la poesía hay que entenderla como movimiento y como infancia: Como movimiento porque es natural y es fuerza ciega y está impregnada de historia. Como infancia porque sólo los niños saben inventar y configurar lenguajes absurdos, impenetrables, esclarecedores. Lo dijo así: la poesía es “nuestro más fiel y duradero animal”. Si no se siente la poesía como algo vivo, palpitante, como un cuerpo que se mueve y respira y se alimenta, si la palabra poética no se entiende como un oráculo y, a la vez, como un hueso indestructible, que sirva de armazón a un significado todavía por desvelar: si no es así, el poema ha muerto. Sin embargo, la voz poética es cómplice y está viva: es viento y es aroma, es voz y es recuerdo, es el pulso en la sangre y es el juego sideral de los astros, es silencio burbujeante y es vacío en plena tensión. Uno y múltiple, en la resonancia interminable de las voces, la palabra, el poema se reproducen como una célula o un organismo.

sob	manhãs	moventes	bajo	mañanas	móviles
pensar	os	alrededores	pensar	los	alrededores
e seus	sexos		y	sus	sexos

é obra de demolição es obra de demolición

Dora Ribeiro concluye este poema que abre un libro, o parte de un libro titulado “escritura de demolición”, con esta estrofa. Son móviles las mañanas, vibrantes, como antes lo era la lengua generadora de palabras — la lengua-instrumento, la lengua-órgano — que crea la mañana y la nombra como a sus contornos espaciales o temporales, a sus silencios y a sus misterios. Pero las mañanas como los que la habitan son móviles y vagan — los seres — anclados tan sólo por sus sexos, por el fruto que los liga a la tierra y a la sabia del mundo. Sexos que chocan y se entreabren como las flores y los frutos: sabrosos, delicados, aromáticos. Pero todo ello, apunta la poeta, es obra de demolición. Se **derruyen** las anatomías, los cuerpos, para que se mantenga la vida. Se rompe la estructura del lenguaje para que desde sus cascotes-sílabas, desde sus letras-**astillas** se construya otro significado, una visión nueva de la historia y de la vida.

La luz de la tarde se difuminaba en la ciudad. En la intimidad de la sala habíamos escuchado las palabras redondas, extrañas, reveladoras. Nos habían hablado de distancias, de estallidos de belleza, de abismos y fiestas salvajes, de músicas y de silencios, de tiempos líquidos y de cuerpos-escrituras, de vacíos y de jardines, de caminos y de miradas, de geometrías y de cuerpos, de reescrituras y demoliciones, de construcciones... La palabra poética, que nacía y renacía una y otra vez, con su hueso y su piel, con su aroma y su sonido, alumbró fugazmente, a fogonazos, la noche y se disolvió en la oscuridad. La tarde había quedado preñada de escondidas verdades que nadie sabría repetir, pero que todos sentíamos en la carne y en la conciencia. Y con ese vago perfume, con ese presentimiento, nos abandonamos a nosotros mismos tal vez repitiendo mecánicamente, como una oración a un dios desconocido: hueso, oráculo, hueso...

Antonio Maura é escritor, crítico e professor universitário espanhol. Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras (julho, 2011) e assessor da Fundação Cultural Hispano Brasileira. Tem publicado, entre outros, os romances *Voz de Humo* e *Semilla de Eternidad*, e o livro de contos *Piedra y Cenizas*. Faz parte do Conselho Editorial de Cronópios. E-mail: amauraba@gmail.com

Carlitos de Azevedo, Orelha do livro “bicho do mato” de Dora Ribeiro.

T. S. Eliot afirmou que poucos livros que merecem apresentação são justamente aqueles que seria impertinência apresentar. Assim, não deveria ser necessário chamar a atenção para esse acontecimento literário tão especial que é a publicação dos poemas reunidos de Dora Ribeiro. Afinal, não são muitos os poetas que podem reunir cinco livros tão belos como o que aqui, sob o título geral de *bicho do mato*, a autora reuniu.

Mas aqui começam os problemas. Em primeiro lugar, três desses livros são inéditos: *Temporais* (1993), *Outros poemas* (1997) e *bicho do mato* (1999).

Em segundo lugar, os dois livros editados pela autora até hoje – ladrilhos de palavras (1984) e *começar e o fim* (1990) – tiveram uma distribuição aquém até mesmo nas expectativas já por si decepcionantes de qualquer livro de poemas comum.

O melhor resumo da situação foi feito há poucos anos Luiz Costa Lima que, ao analisar a obra de alguns poetas brasileiros contemporâneos, anotou, com precisão: “Se os poetas aqui comentados só serão conhecidos dos extremamente interessados em nossa poesia recente, talvez mesmo estes não saibam da existência desta autora. Não só ela vive fora do país, desde antes de publicar seus poemas, como este livro saiu em edição quase clandestina. Contudo, *começar e o fim* apresenta um dos maiores talentos poéticos dos últimos anos”.

Ora é a capacidade de abstração muito rara na poesia na poesia brasileira o que mais nos chama a atenção, ora a colocação precisa de um elemento concreto do cotidiano. Ora é o exagero de passagens como “toda as vezes que viver/ pensarei na beleza que há no excesso/ no poema e na paixão”, ora a estética rarefeita de poemas como aquele que fala de um poeta que usou a palavra silêncio sem saber e morreu.

Mas todas essas razões tornam impossível não chamar atenção para o trabalho desta poeta que nos traz um olhar e uma voz absolutamente originais: do “tênue respirar das ideias” ao “estalar da beleza”, das amplas paisagens aos “instantes estreitos”, do *começar e o fim*.

Anexo B – Entrevista com Dora Ribeiro

Entrevista com Dora Ribeiro

Data: 05/04/2013

1. Qual é a lembrança mais marcante de sua infância?

É difícil escolher, eleger uma emoção, mas o que vem mais rapidamente na minha cabeça é a lembrança da minha avó, mas ao mesmo tempo eu tenho muita essa sensação da paisagem de Campo Grande, que desde criança me impressionou muito, mais tarde na minha adolescência principalmente.

Me lembro de caminhar pelas ruas; eu andava muito a pé; Campo Grande era outra cidade. Nós vivíamos na av. Calógeras até meus 11 anos, onde morei com meus avós. Aos 11 anos nos mudamos para a casa da Afonso Pena, que naquela época era quase um retiro, pois não havia nada em volta dela, não havia vizinhos, não havia eletricidade, não havia asfalto. Vivíamos ali como se fosse uma chácara, então era uma vida muito voltada para a natureza. Tinha muito quintal, muitas árvores; ficava muitas horas da manhã em cima de uma árvore... São muitas lembranças que continuam muito presente no meu imaginário. É isso, na verdade a gente tenta dentro da nossa vida, que existe uma certa ruptura, o tempo as vezes se acelera, mudamos de fase na vida e como se transformasse e perdesse aquelas experiências, mas na verdade elas ainda estão dentro da gente. Eu acho que a poesia ajuda muito a conservar isso, porque tentamos transformar isso em palavra, em poema, próximo dessa experiência que se teve na infância, que é a experiência mais forte que o ser humano tem. É o início da consciência, da experiência de mundo, e esse início- como obvio- é gravado feito um ambiente emocional que tem pouca coisa; tem-se ainda sensações do útero da sua mãe, como uma das primeiras experiências que se categorizam como principal na vida de um ser humano. Acontece que muita gente se esquece, abandona, por questões de más experiências, outras vezes porque acredita que já mudou, pois ser adulto é algo que se opõe a criança. O poeta não precisa fazer isso.

2. Essas lembranças de sua infância são bem claras no livro *a teoria de jardim* quando a Sra. diz sobre os “inimigos”, sobre a sua bisavó que usava uma espingarda na fazenda para apanhar galinha...

Pois é, eram as histórias que a gente ouvia... Minha avó faleceu quando eu tinha 11 anos, mas eles tinham essa vida, a cidade era muito pequena e as pessoas viviam muito entre família, entre amigos, conversavam e contavam histórias, talvez já tenha se perdido um pouco isso, pois as famílias estão mais reduzidas, são novas famílias que às vezes o pai ou a mãe não está, mas dentro desse ambiente tradicional as histórias faziam parte da convivência, então, tinha muitas histórias... Meu avô, por exemplo, tinha muitas histórias. Minha mãe escreveu o livro *O homem e a terra* sobre o meu avô, e sempre pedi a ela para que escrevesse histórias da minha avó, pois ela era uma pessoa muito importante

para mim. Teve uma experiência de mulher, além das histórias da avó Rita, que era mãe da vó Dorinha, que eram histórias do início da colonização do Mato Grosso do Sul. Minha mãe era muito ligada ao pai e minha avó era muito autoritária; depois, no final, minha mãe veio com um livrinho, de tanto eu insistir, quando ela estava trabalhando na casa da memória, ela reproduziu algumas histórias que minha avó contava, e é um livrinho muito bonitinho. É muito interessante, porque mulher não tem muita história aqui no Mato Grosso do Sul; eram essas mulheres que ficavam nas fazendas, cuidando da casa, enfrentando a violência... Não era fácil. Minha avó Rita teve muitos filhos... E tinha que cuidar da segurança deles. Depois da guerra do Paraguai, essa parte aqui do Mato Grosso do Sul virou área de bandoleiros. Vinham muitos bandos, e a atividade principal desses homens eram obter “vantagens” assaltando fazendas. Era uma cena de faroeste como nos filmes... Tinha muita violência, normalmente as mulheres sofriam primeiro com isso tudo.

3. Qual é a sua visão dos seus pais?

Como todo filho, a relação com os pais vai mudando toda a vida. Se eu olhar as fotos de infância, não consigo imaginar um relacionamento bom, e logo depois da adolescência, esse sentimento não existiu com meus pais. Foi uma experiência muito complicada. Fui uma adolescente típica, complicada... Para mim foi muito difícil lidar com isso. Queria sair de casa, queria ir embora, não sabia muito bem para fazer o que, mas era uma necessidade que eu tinha. Minha mãe me dizia, se ainda me lembro, tentava me explicar porque eu tinha aquele tipo de comportamento. Ela me dizia que quando eu era pequena, ela me perguntou o que eu queria ser quando eu crescesse e eu respondi que queria ser livre.

Pois é, então foi um pouco isso a história da minha vida. Era uma época muito tradicional; meu pai e minha mãe tinham ideias do que eu deveria fazer, quem eu deveria namorar, e aí eu tinha um namorado que ela não aprovava, e eu já entendia que eu não deveria namorar de jeito nenhum. Enfim, havia muitos conflitos. E logo quando fui para os Estados Unidos, em 1976, voltei muito transformada, afinal, foi a minha primeira experiência de liberdade... Não foi tão boa, pois eu sofri, senti muita saudade... Vivia em um ambiente muito protegido, então, essa experiência de liberdade foi bem assustadora, emocionalmente falando foi um desafio. Mas depois disso, fiquei mais um ano e meio em Campo Grande e depois fui para o Rio de Janeiro. E aí, não voltei mais...

4. E a relação da Sra. com seus irmãos era boa?

Eu convivi muito com meu irmão mais velho; tínhamos pouca diferença de idade. Os outros irmãos eram menores. não me relacionei tanto com eles na infância. Depois, quando fui para o Rio de Janeiro, morei com o João Marcos e tivemos uma convivência diferente, e com as minhas irmãs, Ana Rita e Beatriz, sempre foi menor... Então, foi um relacionamento redescoberto já na fase adulta.

5. E o Sr. Haroldo, era uma pessoa rígida?

Muito. E era uma pessoa que tinha tido uma experiência com o pai de extrema rigidez, então ele achava que isso era adequado. Não era uma pessoa sensível e nunca foi. Em casa, tudo era feito através da minha mãe. Todos os acordos entre os filhos, às vezes algumas coisas eram decididas sem ele tomar conhecimento... Era assim o tipo de relacionamento. Ele sempre foi uma pessoa mais distante. Agora, na velhice, ele está mais dócil... Felizmente agora podemos ter uma relação mais próxima.

6. Distanciar-se das suas raízes teve alguma influência na sua poesia?

A distância física é só uma pequena parte do processo do envolvimento familiar de deslocar de onde você nasceu. Muitas vezes nos distanciamos fisicamente e continuamos com a cabeça no local, dentro das mesmas emoções. No meu caso, eu queria fazer as coisas pela minha própria cabeça, então não poderia ficar aqui em Campo Grande, eu tinha que pelo menos conseguir dialogar com meus pais, que na verdade nem queria fazer isso. Queria ser dona do meu nariz e ponto final.

7. Dos seus irmãos, só a Sra. saiu de Campo Grande?

Todos foram estudar no Rio de Janeiro. Exceto o meu irmão mais velho, que já estava adoecendo, chegou aos 27 anos, mas nem conseguiu concluir o colegial... Mas os outros todos foram estudar no Rio de Janeiro. O João Marcos foi o único que voltou. A Ana Rita foi para Bahia e depois voltou a morar no Rio de Janeiro e a minha irmã Beatriz viveu muito tempo na Amazônia, devido a profissão: ela é geógrafa. Isso tudo se deve um pouco à minha mãe; ela que incentivava muito a nossa saída e ela dizia muito que queria ter saído de Campo Grande. Ela até esteve uma temporada no Rio, mas tinha muita vontade de conhecer e estar em outros lugares e não teve oportunidade. Eu acho que através dos filhos ela fez isso. Ao mesmo tempo que ela nos queria por perto, ela também nos queria longe, para descobrir outras coisas, fazer outras coisas que não tinha conseguido fazer por ela. É a interpretação que eu faço; eu nunca tive esse tipo de conversa com minha mãe e meus irmãos também concordam com essa dedução. Ela fez muito esforço para que fizéssemos coisas que ela não tinha podido fazer.

8. Algum motivo especial por escolher a faculdade de Letras?

Bom, eu sempre tive esse fascínio pelas palavras, pela língua, pela necessidade de construir universos. Eu lembro de falar muito sozinha quando era criança, era uma brincadeira, na época, era uma espécie de música e tive muita influência da música popular brasileira, algo muito forte na cultura brasileira. Então eu ficava inventando músicas, cantava (eu não sei cantar), então a palavra vinha sempre com uma espécie de harmonia, trazidas por canções que eu gostava. Eu vivia muito dentro desse mundo e quando comecei a pensar no que eu ia fazer, foi a

única coisa que me ocorreu. Nunca tive vontade de ser professora, infelizmente, porque a profissão é maravilhosa. Fiz a licenciatura, mas nunca me imaginei dando aula. Depois de formada fui para Portugal e lá trabalhei com jornalismo durante 20 anos. Na época da faculdade, montávamos um jornalzinho e sempre gostei disso, de construir coisas através da palavra. O curioso foi que, durante a minha temporada em Portugal, o jornalismo quase sobrepôs ao meu lado poeta, porque passei a ter uma vida tão diferente e isso é engraçado... Fiquei muito tempo sem encontrar pessoas ligadas à literatura e fiquei sem publicar. Eu acho que *bicho do mato* aconteceu porque eu tinha as coisas prontas, mas só me relacionava com as pessoas do jornalismo. Quando eu vinha de férias, meus amigos me cobravam - “ Quando você vai publicar?”- então por insistência dessas pessoas acabei publicando.

9. O que é a poesia para a Sra.?

A poesia tem sido muitas coisas diferentes pra mim. Porque desde quando comecei a escrever. Que eu me lembro, a primeira coisa que escrevi foi para a minha avó, em sua bodas de ouro. Eu queria fazer uma coisa bonita, foi um poeminha rimado que acho que tinha a até a ver porque a minha avó era muito católica. Eu ia muito com ela nas procissões que aconteciam aqui em Campo Grande, na rua 14 de julho e avenida Calógeras. Coroavam a Nossa Senhora e minha mãe cultivou essa tradição para os netos também... Então a minha primeira experiência estética eu acho que foi a liturgia católica, e que depois desapareceu completamente (risos)! Sou totalmente agnóstica. Essa primeira experiência intensa, e acho que é uma estética literária que, enfim, é uma boa iniciação, porque a Bíblia é um texto belíssimo.

O poeminha que escrevi para minha avó tinha pedaços dessas liturgias. A poesia começa com essa necessidade de criar uma relação, no caso com a minha avó, de criar essa relação de intimidade, uma necessidade de expressão que eu não possuía, pois eu ainda era uma criança... Minha adolescência foi muito tardia, foi marcada pela morte dela... Mas é essa tentativa infantil de construir uma linguagem que pudesse ser transmitida. Depois foi evoluindo à medida que eu também vou tendo outro tipo de experiência, emocional, factual... Hoje em dia eu acho que a poesia é a forma mais interessante de conhecimento do ser humano. E é uma forma, uma espécie de investigação sobre a alma humana, tem a ver com a experiência de elaboração da experiência vivida, utilizando de todas as formas que o ser humano tem para elaborar essa experiência. Isso envolve a criatividade, envolve sua capacidade de aprendizagem da língua, do mundo. Por exemplo, gosto de ler sobre ciência, sobre as novas descobertas sobre o cérebro, que é uma coisa que me fascina profundamente, e eu acho que cada vez que eu leio sobre essas novas descobertas sobre o cérebro, fico convencida que a experiência literária poética permite ao ser humano um “*insight*” do que é ser humano, do que é ser toda essa amplitude da nossa experiência aqui que não existe outra linguagem... A linguagem mais próxima, muito mais decifrada, do que a poesia. Acho que a experiência mística também permite uma visão global do que é ser humano. Agora, como não me interessa nenhuma experiência

mística, embora tenha começado por ela na infância, mas pra mim isso não me deu nenhum tipo de respostas que eu estava construindo para o meu interesse. Ou seja, acho que a linguagem poética realmente permite abrir algumas janelas, não só para o escritor- poeta, mas para o próprio leitor quando ele lê um poema que permite ver coisas que jamais saberia se não fossem as palavras.

Bem, o lado místico, religioso, por exemplo, o mestre budista diz que consegue, mas eu não consigo fazer esse percurso, mas eu acho que o fato do percurso ser semelhante, quando não se tem poema... Não estou dizendo isso da minha poesia, eu sinto isso quando escrevo determinadas coisas que sinto isso. Logo, acho que a poesia, a boa poesia é muito rara. Existem poetas que escrevem poemas como algo semelhante a uma experiência semelhante ao físico, como Einstein (não me comparando a ele), mas uma experiência individual, porque é isso que a poesia tem, algo que a religião também tem, a ciência no seu nível mais elaborado, como a física hoje em dia que num momento tudo fica claro, e percebemos depois. Me lembro de um livro que eu li, muito antigo chamado “O Tao da vida”. É um livro maravilhoso, onde um físico explica a semelhança da física quântica e o misticismo das religiões orientais. É um livro muito bonito...

Acho, por exemplo, com a prosa não é a mesma experiência. A prosa é uma experiência muito mais próxima desse mundo visível, catalogado das emoções, que acaba sendo uma linguagem limitada pela necessidade de organização, de uma forma lógica à estrutura cronológica, numa estrutura narrativa... O poema não! O poema é livre, consegue levar mais próximo dessa intensidade que é a nossa passagem pelo mundo. É uma coisa genial.

É uma bobagem as pessoas dizerem que a poesia está acabando! Nunca! Há opiniões divergentes, mas as pessoas aqui ou em outros planetas terão a necessidade de poesia. A coisa mais maravilhosa é poder ler um poema de 3000 anos atrás... A experiência humana aqui ou na China é basicamente a mesma. Prefiro focar nas semelhanças, outros preferem focar nas diferenças, mas semelhanças é o que nos une, que na poesia uma das coisas que transforma todo o ser humano, é o mesmo tipo de experiência.

10. Como essa experiência surge? Como ocorre seu processo criativo?

Eu escrevo muito pouco. Às vezes escrevo um pouco mais... Sou uma pessoa muito ligada ao meu ambiente próximo; acho que devido a essas minhas saídas, mudanças de lugares, eu acabo precisando desse tempo para assimilar o processo criativo. Muita coisa que escrevi foram estimuladas pelas viagens, pelos encontros com coisas diferentes, e eram muito facilmente estipuladas pelas entradas em vários países, o que era uma experiência muito mais intensa do que o meu dia a dia. Outras vezes eram novas emoções e isso também desencadeava o processo criativo. Mas, muitas vezes, a maior parte a construção era feita em etapas, que são ideias, são imagens que pra mim é o essencial.

Para mim a imagem é a tentativa de produzir um padrão de estética, pois a imagem transporta, criando, utilizando determinadas palavras, criando através de uma sensação a volta daquela fase, daquele verso, daquele poema, você consegue se transportar e consegue vivenciar o que é essa incompletude humana, tentando

ultrapassar a fragmentação que vivemos, essa compartimentada de tempo, do dia, das relações; hoje estamos próximos, amanhã estamos distantes... Fragmentamos muito as nossas experiências de vida que no fundo depois ficamos entediado, porque se vai fragmentando de tal forma que se chega a um ponto que as coisas ficam difíceis. A experiência se torna muito repetitiva, muito limitada. Acho que se consegue construir um poema como se fossem “escadinhas” que te levam para o céu (risos). Os budistas no Tibet - quando vi achei genial por sinal- , desenham nas montanhas escadinhas para o céu! Então, é uma boa imagem; o poema pode ser isso, escadinhas para o céu, não o céu místico, mas esse céu de contemplação, dessa experiência estética da vida. Acho que todo mundo deveria ler poesia uma vez por dia para construir suas escadinhas.

11. A Sra. julga ser possível teorizar a poesia?

Eu acho que a sempre tentamos teorizar tudo; é uma necessidade humana, sempre criando teorias. Cada poeta inventa uma teoria para si, por exemplo, eu inventei essa da escadinha para o céu (risos), a necessidade de ultrapassar a fragmentação, experimentar o belo, o estético. Para mim tudo isso significa essa visão mais incompleta da experiência humana, e isso é minha teoria. Agora, no sentido acadêmico, é essa a nossa visão filosófica, que se enquadra nessa tradição grega de categorizar; o que não é nenhuma novidade. Por exemplo, a experiência oriental é diferente. As pessoas estão tão distantes da poesia, hoje em dia é tão difícil; precisa-se ter um tempo para ler poesia e as pessoas não tem mais tempo para isso, para se dedicarem. Leem no ônibus, leem em pé, ouvindo música, leem romances... Mas para ler poesia é difícil. Na verdade não é isso, tem muita gente que tem necessidades poéticas, porque senão ninguém escreveria mais poesias. As pessoas sentem ainda essa necessidade. Provavelmente não aprenderam a ler, é muito mais fácil escrever poesia do que ler poesia, eu acho, de uma forma rápida. É importante que as pessoas aprendam a ler poesia, aprender quais são as teorias dos poetas, para quê eles escreveram aquilo, se há algum conselho pra mim como ser humano. Se a teoria ajuda as pessoas a entenderem, em caso genérico a construção estética, pois faz parte da tradição humana, porque todas as culturas, em todos os lugares do mundo existem suas tradições e poemas. Podem até conhecer, mas não sabem o que os poemas significam.

12. A Sra. conseguiria definir um estilo para sua poesia?

Bem, a minha poesia tem a minha cara porque foi feita por mim. As minhas poesias carregam coisas que eu vivi, têm muitos ingredientes, não que seja um relatório da minha vida, longe disso, mas tem as marcas daquilo que eu vivi. Outros momentos eu inventei, tirei, omiti, tem coisas que não tem nada a ver comigo, porque o romancista pode criar várias personagens, o poeta também, de uma forma diferente manipula várias personas.

13. A impressão passada de livro para livro é que a Sra. não se repete, parece que se reinventa de forma perceptível. Cada livro é uma cara é um estilo.

Que bom! Pra mim isso é um grande elogio porque eu não consigo ver isso, exatamente porque eu sou a mesma pessoa, mas quando eu leio eu não tenho essa percepção. É, como disse há pouco: as minhas experiências vividas foram muito diferentes, provavelmente seja isso também, mas tenho noção do que eu vivi, mas não tenho noção de como isso refletiu na poesia. Consigo ver diferença de um livro pra outro, mas não com essa distinção.

14. A impressão que eu tenho é que estou lendo o livro de pessoas diferentes. Quanto às figuras, que são muito presentes em seus poemas - como o mar, a pedra, paisagem -, tem algo em especial e significativo para a Sra.?

A paisagem como já disse, é marcada pela a minha vivencia aqui em Mato Grosso do Sul, que foi muito intenso... Procurei lugares que pudessem ter essa semelhança e era realmente algo que me estimulava muito; nos Estados Unidos foi uma viagem grande e tinha paisagens espetaculares. O mar era algo desconhecido para mim; pode ser uma metáfora do desconhecido, pois conheci o mar muito tarde... Nem me lembro quando vi o mar pela primeira vez, mas não gosto muito do mar, não gosto de água... Mas acho que o mar é um tema muito recorrente na poesia portuguesa, é um tema clássico, então provavelmente vêm daí. A pedra é uma coisa meio João Cabral, não tenho muito orgulho disso [risos], mas já passou essa fase da pedra... É que João Cabral é um poeta que me fez fazer várias escadinhas pra o céu. É um poeta com efeito plástico que você não consegue evitar, mas deveria ter evitado. Se bem que Drummond também tinha algumas pedras.

15. O que seria para a Sra. ser “bicho do mato”?

Pois é, tem um amigo que diz que os títulos dos meus livros são muito ruins [risos], que o único título que ele gostou foi *a teoria do jardim*. Eu não acho que foi um título muito feliz, mas foi em virtude daquele último poema do livro, que achei que resumia o espírito daquela época. Uma vez eu fui tentar publicar *Taquara Rachada*, e fui em algumas editoras em São Paulo. Há muitos poetas que fazem projetos para um livro, tem uma ideia muito clara, uma ideia preparada no campo do poema e o meu processo nunca foi esse, não me interessa muito por esse tipo de coisa, apesar de muitos poetas fazerem isso... Então, eu vou escrevendo e um belo dia tenho a nítida sensação que o livro terminou, que acabou, que ali não vai entrar mais nada; embora tenha algumas exceções, mas normalmente isso não acontece. E aí fica aquela coisa: qual vai ser o título do livro. O *teoria* não foi o mais fácil de encontrar o título. O *bicho do mato*

representa o meu estado de espírito, principalmente pelos últimos poemas, porque é uma coletânea dos meus primeiros livros, e uma parte são poemas novos. Então, tinha a ver com o espírito quando eu terminei o livro. Agora, bicho do mato eu sempre me chamei assim. Nunca fui uma pessoa de fácil convivência, principalmente na minha infância e adolescência (hoje as coisas são bem diferentes); nunca fui falante, nunca fui muito alegre... Não era uma pessoa fácil de se relacionar. Sobretudo nunca gostei de falar muito; sempre falei muito pouco; estou falando muito aqui porque me inspira falar sobre esses assuntos (risos). Um pouco isso é meio narcisista, “bicho do mato sou eu”, como “Madame Bovary c’est moi” para Flaubert... [risos]. Mas aqui, como título, na época da escolha, tinha a ver com esse ambiente e era representado por esse poema. As pessoas daqui de Campo Grande se achavam assim, e as pessoas de fora de certa forma também achavam... Também acho que isso é devido a esse isolamento. A nossa região era enorme e existia poucas pessoas, e a maior cidade era Campo Grande, que ainda era um arraial! Isso começou meio a mudar nos anos 80 mais ou menos. Esse isolamento moldou um pouco o nosso caráter.... Agora não, aqui já tem muitas pessoas de outros estados, mas na época da minha infância não tinha isso... Logo, era o nosso lado frágil, regional.

16. Considera sua poesia feminista? O que acha dessa categoria?

Não sei se minha poesia é feminista, mas eu sou! Eu acho que toda mulher deveria ser. Eu sou porque eu acho que a experiência feminina, embora hoje em dia cada vez mais essa coisa de homem/mulher, feminino e masculino, já não serve para definir muitos gêneros humanos, levando em conta aquela sociedade tradicional que eu vivi, havia muito claro essa definição de gênero masculino e feminino, e eu acho que levando em conta os fatos atuais, a experiência feminina foi muito limitada pelos homens. Acho que muito disso devido a educação que os filhos recebiam, principalmente os meninos. Mais que um feminismo político, toda mulher deveria fazer seu feminismo familiar, ensinar os filhos. A experiência humana é uma só e porque que um tem que oprimir o outro e os papéis ter que ser tão definidos assim, a favor de um e não de outro.

Há alguns poemas em que aparece esse feminismo sim, mas nem acho que são os melhores poemas, mas tive necessidade de escrever sobre isso; fez parte da minha experiência, tive muitas dificuldades em publicar às vezes porque era mulher.

17. Qual é a diferença mais marcante do Brasil para os outros países pelos quais passou?

Bom, essa questão do papel da mulher foi uma das coisas que me impressionou muito na Europa, em Portugal. Como jornalista, viajei bastante e quando eu saí do Brasil a situação da mulher aqui era muito diferente, agora talvez esteja basicamente em uma situação semelhante à dos outros países europeus. Mas ao

mesmo tempo eu vejo que o tratamento público do corpo da mulher aqui no Brasil é algo que realmente me incomoda. Isso realmente não se vê muito em outros lugares... Na China então não se vê a exposição do corpo feminino; é quase um tabu. Há outros problemas do outro lado, mas acho que há uma forma de respeito do corpo da mulher. Aqui é uma coisa muito forte, apesar de todo esse movimento político da mulher no Brasil, mas o corpo da mulher ainda está muito voltado para a publicidade de uma forma geral, na televisão é de uma vulgaridade impressionante e além de tudo isso vai-se formando a mente tanto da mulher quanto do homem! Achamos isso normal, mas não é. Não conheço alguns outros países para dizer, mas aqui essa questão é avassaladora na mensagem que passa através dessa exposição do corpo feminino. Não é bom para o papel que mulher pode desempenhar na sociedade, porque há a violência contra a mulher, embora isso exista em outros países... Eu acho que de alguma forma essa postura de exposição contribui para que isso seja quase um fato corriqueiro... Então isso foi uma diferença que eu vivi lá fora que me deu a proporção do que eu vivi aqui e do que eu vivi em outros países.

Quando saí do Brasil, participei das primeiras eleições e todo esse processo político que foi iniciado em outros países, quando retornei, percebi que ainda nós aqui estamos muito distantes do que eles estavam, e isso me impressiona muito. Eu acho que a democracia no Brasil só irá se oportunizar no momento que nós elegermos localmente as lideranças que vão construir essas cidades, essa sociedade moderna, pois não é Brasília somente, mas são os prefeitos, são os governadores, as populações que são capazes de interagir e com a população construir essa sociedade que deveria ser mais justa, mais tolerante, oferecer serviços que todos precisam, sobretudo o problema da responsabilidade, pois as pessoas não tem isso com o poder público. Isso só pode acontecer com a responsabilidade dos governos locais. Só assim pode nascer uma verdadeira democracia; talvez também uma experiência que eu tive em alguns lugares, agora voltando da China eu até vejo que muitas coisas... Se bem que lá não há democracia nenhuma, estando lá e vendo que pelo menos aqui no Brasil há eleições, alternância política e realmente, é claro, na China você encontra muitos valores “estabilizados” ...

18. Como é estar na China, um país oriental, cheio de tradições diferentes, características físicas diferentes...

Eu morei na China por cinco anos. Fui para lá para acompanhar meu marido, que é diplomata. Foi uma experiência genial; como diplomata você tem uma experiência, digamos, não-direta com o país, porque se está em uma situação muito privilegiada. Faz-se contatos diferentes, tem toda a mediação chinesa para realizar as coisas. Mas foi uma experiência muito intensa o encontro com a língua chinesa; então estudei chinês, consigo me comunicar o básico em chinês e vou continuar estudando esse idioma. Quero fazer umas traduções de poemas chineses. Eu comecei a ler poesia chinesa com uma professora e foi maravilhoso,

foi muito interessante. Descobri que tenho uma afinidade com esse tipo de poesia.

Na época da faculdade eu conheci, através do Prof. Luiz Costa Lima, a poesia japonesa, mas eu nunca tinha lido a poesia chinesa. Li algumas traduções de Haroldo de Campos, mas muito pouco. A poesia japonesa, os haicais japoneses, tem origem na poesia clássica chinesa, então agrega o mesmo filão... Logo, foi um reencontro que eu supostamente, não sei se foi essa experiência com a poesia japonesa na juventude, ou se realmente foi uma afinidade que se vai construindo, quando você vai lendo e você encontra aquele fato que tem muito a ver consigo e foi genial. E a língua chinesa é uma coisa maravilhosa, a escrita também é muito interessante... É um desafio aprender uma língua depois dos 50... É muito complicado!

A comida deles é uma maravilha! Eles são malucos por culinária. Cada província tem uma forma diferente de fazer determinados pratos; são molhos, tipos de condimentos... É uma comida muito rica e muito boa. Uma das grandes coisas é comer comida chinesa.

19. Luiz Costa Lima diz na obra *Intervenções*, que seus poemas trazem um tal sensualismo abstrato. Você concorda com ele? O que você entende dessa definição para sua poesia?

Eu acho que existe essa experiência sensual que realmente foi importante pra mim. Agora, se vai envelhecendo, os instintos vão ficando amortecidos [risos]. Está lá, de alguma forma, pois faz parte da minha experiência como pessoa. O “abstrato” que Costa Lima diz é, entendo eu como leitora, que é a forma como é elaborado esse sensualismo; não é um sensualismo nu e cru, é um sensualismo construído através de um ambiente indireto.

20. E esse “sensualismo” seria de sinestesia ou erótico?

Eu acho que os dois: No erotismo, segundo os hindus, é uma das experiências místicas: através do erótico sobe-se as escadinhas também. Isso é muito intenso no ser humano. No sexo não há reforma ortográfica; eu acho que não é por aí que consegue recriar a experiência do sensualismo, do erotismo. Tem -se que tentar se aproximar disso de outra forma. Você viu *Dogville*? Esse filme mexeu comigo... A violência... Esse filme me marcou profundamente. A questão do corpo da mulher ser um local de violência. Me remeteu a uma lembrança de infância: eu vivia na casa dos meus pais na rua Afonso Pena, e tínhamos vizinhos japoneses que vieram trabalhar com plantação. E eles andavam a pé e uma das meninas, filha da família foi atacada; eu também já tinha sido perseguida, a gente ouviu os gritos e fomos socorrê-la e ela veio pra casa toda ensanguentada, totalmente machucada. Essa imagem ficou muito presente na minha adolescência. Então, o erotismo, a sensualidade é uma porta que tem muitas saídas.

21. Qual é a intenção de teorizar o jardim?

O jardim é uma metáfora muito antiga também. O jardim é uma das coisas mais bonitas da construção humana, desde do jardim do Éden, essa necessidade humana de organizar a natureza pra te servir, mas organizar esteticamente, como se fosse um poema, o jardim é mais uma das nossas necessidades de categorizar, organizar, mas dando um contexto estético e como isso é necessário. Então, eu acho que o jardim é local de contemplação, de descanso, é um local de interiorização. Pra mim é um lugar de recolhimento, de paz.

22. Quais são seus planos daqui para frente? Há previsão para uma nova obra?

Eu preciso escrever... Mas vai demorar! [risos]! Tenho que procurar uma casa, minha mudança está a caminho, em algum navio por aí... Teve até uns dias, naquela revista Pessoa (on-line) que eu colaboro, publiquei alguns poemas, mas são poemas que eu não gosto muito! Não posso falar isso, a dona da revista é minha amiga [risos]. Mas são poesias que não tem mais nada a ver com o que eu quero fazer agora; eram poemas que eu tinha lá inéditos. Tenho que me organizar...

Jogo rápido

1. **Nome na certidão de nascimento:** Dora Maria Figueiredo Ribeiro
2. **Nome que teria se pudesse escolher?** Vera, e nem gosto muito desse nome. Sempre me chamam por esse nome... Acham que tenho cara de Vera.
3. **Qual a sua cor preferida?** Atualmente azul
4. **Qual é a sua comida favorita?** Adoro café da manhã... É difícil escolher uma comida... Pode ser mamão.
5. **Uma lembrança bonita:** Minha filha, Camila.
6. **Uma lembrança triste:** Tem muitas! Final de vida dos meus pais.
7. **O que mudaria no passado se tivesse essa oportunidade:** Nada!
8. **O que não pode faltar na sua mala:** Um livro

9. **Um filme:** Gosto muito de musicais, me relaxa muito. Gosto de “Sing in the rain”.
10. **Uma música:** Não tenho uma específica.
11. **Um cantor:** Elis Regina
12. **Um personagem que seria se pudesse:** Tem muitos! Vivemos tão pouco e acaba criando várias facetas. Uma vez estava trabalhando como jornalista em Portugal, e vim para o Brasil gravar o programa *Metrópole* e falar da minha poesia. Eu estava tão envolvida com meu trabalho diário que até havia me esquecido como era ser poeta! Tive que incorporar o meu papel de poeta naquele momento, e esquecer o lado jornalista...
13. **Um livro:** Isso é impossível!.
14. **Um autor:** Acho que um dos primeiros poetas que me sensibilizou no início da minha adolescência foi Fernando Pessoa, pois minha mãe gostava muito dele e de Drummond. Foi uma experiência especial.
15. **O que gosta de fazer nas horas vagas:** Ler ou... Deitar na rede! (risos)
16. **O que detesta fazer:** Eu detesto que as pessoas me digam o que devo fazer.
17. **Uma flor:** Antúrio
18. **Um lugar que gostaria de visitar:** Gostaria de conhecer mais alguns lugares na África, com Angola. Moçambique, lugares que falam português.
19. **Família:** É o nosso céu e nosso inferno.
20. **Algo que sem ele não pode viver:** Eu gosto muito de conforto. E gosto de ficar em lugares agradáveis visualmente. Isso era uma das coisas que no final já estava me incomodando na China porque Pequim é uma cidade muito caótica. O lugar onde vivia era muito confortável, mas era muito feio.
21. **Campo grande é:** Onde eu nasci e que permitiu as minhas experiências de infância.
22. **Lélia Rita é:** Minha mãe.
23. **Haroldo é:** Um homem muito ético.
24. **Menodora é:** Meu colo
25. **Arnaldo é:** Um homem preocupado com a ética e com os bons costumes.

26. **A poesia é:** Minha vida.
27. **Escrever é:** Muito difícil.
28. **Qual foi o maior elogio que recebeu:** O que você me fez, de dizer que tenho capacidade de inovar a minha forma de poeatar a cada livro.
29. **E a maior crítica:** Eu acho que se vê muito isso quando se convive com poetas. Eu vivi isso no início do meu processo de transformação do poeta. Depois fiquei muito isolada, então nunca tive muito esse diálogo. Meus amigos sempre disseram coisas agradáveis sobre minha poesia...
30. **Um amigo:** Oswaldo.
31. **Um animal:** Cachorro, cavalo.
32. **Camila, sua flor de jabuticaba:** Ela foi uma das coisas que me ajudou a me manter viva... Se não fosse ela não teria continuado.
33. **A china é:** O futuro
34. **Tenho saudade:** Do pôr do sol de Campo Grande e de dia de lua cheia daqui.
35. **Maior defeito:** Tenho vários! Eu já fui muito agressiva. Hoje eu sou um pouquinho menos.
36. **Melhor qualidade:** Falar pouco.
37. **Uma vaidade:** De um dia fazer um poema que justifique a minha existência.
38. **Preciso me disciplinar a:** Estudar chinês.
39. **O movimento é:** Eu preciso ficar parada muitas vezes, mas gosto de lugares diferentes... O movimento é a vida e é inevitável.
40. **Ser feliz é:** Não sei o que é ser feliz e é uma coisa que não me interessa.
41. **Como quer ser lembrada:** Como uma poeta.
42. **Quem você gostaria de conhecer e não teve oportunidade:** Gostaria de ter convivido mais com os poetas do nosso país.

43. Alguém que admira muito: Todas as pessoas de bem, que tem a capacidade de controlar o mal e o fazer o que é bom.

44. A vida é: Curta.

Se não fosse poeta, seria: Nada!

Anexo C – Outras Entrevistas

Entrevista 1 – Entrevista com Oswaldo Martins, por e-mail, no dia 20 de novembro de 2012.

1- Com Dora Ribeiro era na faculdade? Quais eram seus interesses no curso de letras?

Conheci Dora na PUC, quando fizemos juntos o curso de criação literária com o professor Silviano Santiago. A partir do momento em que nos conhecemos, nos ligamos em laço de amizade e carinho mútuo. O primeiro interesse de Dora no curso de letras era a língua inglesa, se não me engano é formada em português-inglês. Mas o interesse real, acho eu, era a literatura – tanto a nossa quanto as literaturas estrangeiras, o que de certa forma explica seu interesse pelo inglês, pela literatura portuguesa, francesa – possuía uma bela coleção de livros de poesia de autores portugueses, que deixou comigo quando se mudou para Portugal. O interesse de Dora pelas matérias de literatura, sua argúcia em receber as lições do texto literário sempre me impressionaram. O interesse pelas aulas de literatura ia além das aulas, era motivo para a prática da literatura tanto nas discussões quanto na indicação de leitura que trocávamos entre nós. Não sei, mas desconfio que o interesse de Dora em relação ao curso de Letras era sempre transversal, fora do interesse imediato de possuir um diploma que lhe permitisse habilitar-se a dar aulas ou a seguir a profissão.

2- Ela já demonstrava sua tendência à poesia? E isso era bem aceito academicamente?

Sim, claro que sim. Aliás, não só demonstrava, como era uma certa encarnação das possibilidades mais altas de que a poesia era capaz. A aceitação da poesia era normal, sem dúvida. Não havia nenhum tipo de discriminação pelo fato de ela escrever. Pelo contrário, a aceitação da escrita era uma prática comum entre nós no curso de Letras. Não sei se hoje é assim ou os poetas são discriminados nos cursos de Letras. Há uma certa aura cercando aquele que escreve, que vem de uma tradição romântica, que se aprendia a desrespeitar com o curso e a tendência de cada um de nós. Havia na PUC RJ umas casinhas que eram cedidas para que ali se fixassem os centros acadêmicos. Dora, eu, Ronald, Raquel e algumas outras pessoas adorávamos ficar nessas casas. Fundamos um pequeno sebo, que era nossa delícia e razão de ir com gosto para a faculdade. Daí surgiu um grupo de estudos, orientado pelo Prof. Luiz Costa Lima, que foi fazendo com que nossa amizade se estreitasse e incorporasse outras pessoas. Frequentávamos quase todas as aulas juntos e a aceitação da poesia de Dora se torna quase que instantânea.

3- E como amiga? Como é Dora Ribeiro?

Minha amizade com Dora é incondicional. Tanto que se houvesse a possibilidade de reescrever a vida, uma das coisas que não seria nunca modificada seria este lugar que me faz sentir pleno e completo. Não me concebo no que sou sem a amizade de Dora. Isso equivale dizer que Dora em sua amizade comigo construiu uma possibilidade de infinitos de atenção e carinho que mesmo quando não estamos perto fisicamente, a cabeça se encarrega de recompor traços e pensar no outro. Mas sempre com a discrição que vida requer, com o respeito que nos permite dizer tudo. E saber do outro em silêncio mútuo, que os silêncios fazem entender melhor do que se falássemos sem parar sobre nós mesmos. É curioso, falamos muito de outros assuntos e leituras como se de nós mesmos. Se quiser algumas palavras para definir a amizade que emana de Dora essas seriam discrição e afetuosidade, na medida mesma desse paradoxo.

4- Se pudesse, como o Sr. a descreveria? Como poeta, pessoa, amiga... etc.

Dora é antes de tudo um emblema. Descrevê-la é um desafio. Talvez a definição mais própria seria identificá-la com a capacidade de transformar as coisas em uma expressão que vai desde a intensidade mais profunda ao mais profundo desejo de compreendê-la. Sinto em Dora uma enorme capacidade de emoção que se contém para compreendê-la, para evitar que um determinado sofrimento, que não se pode traduzir – a não ser do jeito que ela escolheu para traduzi-lo – se espalhe e crie um transtorno tão aflitivo que a impeça de ser quem é. Não sei, mas a percepção do poético vivencial de Dora nasce deste esforço contínuo no tempo.

5- Como o Sr. define a obra e o estilo de Dora Ribeiro?

A poética de Dora é uma poética que se destaca no atual panorama da poesia brasileira. Tem a contenção de um João Cabral, sem que com ele divida as preocupações do fazer poético, isto é, embora seja fronteira ao grande poeta, sua poesia adquire voz própria desde muito cedo. A contenção se alia a certa voltagem de emoções que transbordam e voltam à contenção e criam um estilo paradoxal em que o íntimo transborda para ser aplainado pelo pensamento que se desliga do íntimo e atinge o universal. Por isso sua poesia diz tanto, permite ao leitor vislumbrar as raízes de onde partem, mas ao mesmo tempo desligam o leitor destas raízes, fazendo com que ele, leitor, se abra para o pensamento em espiral – uma espiral contida – um labirinto que é e não é ao mesmo tempo o labirinto de Creta – e ali encontre apenas o encontrável da poesia – ou seja – ela mesma.

A poesia de Dora é um pouco o sonho de ser da poesia. Uma poesia que dá a ver o mundo como poesia e, intransigente com esse mundo, constrói artefatos que são a razão mesma da vida transgredida até a poesia. Nela se acha o leitor e é colhido pelo que há de mais importante no fazer-se potência deste paradoxo que

puxa de uma ponta a outra os entraves que a vida e a poesia nos propõem. Como disse certa feita Luiz Costa Lima sobre a poesia de Dora, quando a define como uma poesia para o pensamento.

Entrevista 2 – Entrevista com Vilma Arêas, por e-mail, no dia 25 de junho de 2013.**1- A Sra. fez a orelha do livro *a teoria do jardim*. Como foi a composição dessa crítica?**

Escrever essa orelha foi muito difícil, porque o espaço era muito curto. Quanto mais curto o texto, mais difícil. Ainda mais para interpretar o texto tão intenso como o da Dora. Eu tinha que descobrir o ponto central do livro: achei que tudo girava em torno de uma teoria da poesia, pensada segundo o tópico do jardim.

2- O que a Sra. pensa sobre a obra de Dora Ribeiro e sua composição?

Acho que Dora Ribeiro é uma poeta exigente, sofisticada. Tudo – amor, História – passa pelo apuro formal.

3- Em sua opinião, qual seria a representatividade de autora ainda desconhecida na literatura brasileira?

Ela não é tão desconhecida. Teve resenhas elogiosas de um crítico como Luiz Costa Lima e foi publicada pela Cia das letras, que é muito exigente quanto à poesia. Quando publicou *a teoria do jardim*, quem escolhia os livros de poesia na Cia das Letras era a Heloisa Jahn, ela mesma poeta e conhecedora de poesia.

4- Quais são as características mais marcantes da obra de Dora, em sua opinião?

Já disse acima. Ela é uma poeta inteligente, argumentativa, mesmo quando trata de assuntos amorosos. Acho que a novidade do livro também está nos poemas em prosa. A língua usada por ela, é importante que se comente: trata-se de uma língua de fronteira, entre brasileira, portuguesa (“quando eu era miúda...”, dizem os portugueses; e nós, “quando eu era criança”); língua sofisticada mas também atenta à fala popular. Desde a dedicatória deste livro, “para Camila, minha flor de jabuticaba”. Vale a pena prestar atenção nessa língua, que tem esses vários matizes.

Entrevista 3 – Entrevista com Camila Sofia, por e-mail, no dia 25 de junho de 2013.**1- Como é Dora Ribeiro no papel de mãe?**

Será muito clichê dizer que tenho a melhor mãe do mundo. Vou então reformular. Sou a pessoa que sou pelo amor e educação que a minha mãe me deu. Sou muito agradecida aos anos árduos de educação ‘chata’ pela qual os pais todos passam, mas uns escolhem o caminho mais fácil e outros o caminho certo. Esse foi o meu caso. Quando for mãe quero educar os meus filhos do mesmo jeito.

2- Que visão você tem de Dora Ribeiro como poeta? Que imagem te marca dela como escritora?

Quando leio seus poemas sinto que entro numa realidade alternativa, como se eles fossem uma entrada direta para os seus pensamentos mais crus e verdadeiros. Na nossa família temos uma tendência para a escrita, existe uma grande partilha e ambiente acolhedor para esse tipo de desenvolvimento e crescimento. Muito instigado pela minha avó Lélia, amante das artes e das coisas belas.

Sempre imagino quais foram os momentos que despertaram aquele conjunto de frases, que de forma estranhamente inesperada se encontram numa mesma página.

3 - Tem alguma visão marcante da infância que possa contar? A casa da sua avó, Campo Grande, etc.

Tenho tantas memórias marcantes de infância. Foi uma infância feliz. As nossas vindas ao Brasil todos os natais eram sempre uma aventura para mim. Malas cheias de presentes, roupa de verão, aeroportos, passeios por São Paulo, o caos de Guarulhos. Lembro que fazia as malas com duas semanas de antecedência, a parada em São Paulo antes de Campo Grande era sempre excitante. Ainda me lembro como desembarcávamos em Guarulhos e a primeira coisa que fazíamos era sentar para comer um pão de queijo e um sonho de valsa! Como criança não precisava de mais nada. Estava satisfeita.

4 Você sempre esteve com sua mãe nas viagens pelo mundo? Como você se sente em relação a esse nomadismo de Dora Ribeiro?

Quando a minha mãe se mudou de Lisboa, primeiro para a Suíça e depois para a China, eu fiquei em Portugal estudando. Mas sempre a visitei várias vezes, e a China foi uma experiência que abriu minha mente para uma cultura intrinsicamente diferente da nossa. A minha vinda para o Brasil foi incentivada pela minha mãe. Agora finalmente estamos perto uma da outra, só uma hora de avião (Rio de Janeiro- São Paulo). O nomadismo é algo que faz parte de mim. Viajar é sem dúvida uma das melhores coisas da vida. Estou morando no Brasil, mas não consigo ainda imaginar estabelecer minha vida num lugar só. Quero viver, experimentar o mundo todo.

5 E você? O que você carrega de mais importante de ensinamento da sua mãe? O que ela te ensinou de mais valioso?

A coisa mais valiosa que a minha mãe me ensinou foi... Ela me ensinou a viver. Acho que essa é a função de um pai/mãe, nos preparar da melhor maneira para a vida. Mas como vemos pelo mundo, muitas pessoas nunca aprendem a viver. A minha mãe me ensinou que a vida tem suas coisas boas e coisas más e ambas têm um papel fundamental. Ambas são igualmente válidas.

6- Você se acha parecida com Dora Ribeiro? Se tem algo semelhante, cite um exemplo.

Digo com orgulho que sou filha da minha mãe! Sou mesmo! Somos muito parecidas, principalmente intelectualmente. Sempre escutei e dei valor a sua opinião e visão do mundo. Claro que não concordamos sempre. Mas temos um jeito parecido de pensar. Somos sensíveis ao mundo ao nosso redor. Temos um sentido apurado. Mas é algo que se aprende, e eu sem dúvida aprendi com a minha mãe. Sou filha dela.

7- Em sua opinião, qual é a maior qualidade de Dora Ribeiro?

A melhor qualidade da minha mãe é sem dúvida essa sua sensibilidade apurada. É uma qualidade que está presente em tudo o que ela faz, diz, escreve. Quando prestamos atenção ao nosso redor fica mais fácil entendermos as motivações dos outros, de vermos as diferenças e as semelhanças. Tornamo-nos mais humanos. Vemos para além da nossa própria dor, sofrimento. Isso nos aproxima de quem amamos, mas também de quem não conhecemos.

Entrevista 4 – Entrevista com Luiz Costa Lima, por e-mail, no dia 25 de junho de 2013.

1- O que seria a sensualidade abstrata que o Sr. menciona em sua obra?

Esta é a questão central. Se você consultar o Dicionário Houaiss, verá que o sentido básico de sensual, sensualidade exprime "o que atrai fisicamente". Neste sentido, explica-se que a expressão sensual esteja a um passo do erótico. Por ex., diz-se com razão que a dança do ventre é sensual. Já o mesmo não se poderia dizer das czaradas russas ou do frevo pernambucano. Isso significa que a sensualidade, e sua expressão usual, tem uma orientação concreta, porquanto "física". Quando falo que a poesia de Dora tem um caráter sensual abstrato automaticamente implico que ela remete à presença compacta do corpo, do que endereça aos sentidos, sem que, no entanto, o corpo do outro se apresente. Por isso, a sensualidade abstrata não supõe proximidade com uma poesia erótica. Sua poesia implica uma atmosfera sensual que vale como um halo, sem que propriamente se corporifica. Veja a diferença com outros filões poéticos. Pode-se por exemplo dizer que a poesia de Bandeira parte da memória, depurada em evocação, sendo a palavra da lembrança depurada. Algo parecido valeria para a poesia de Drummond: seu ponto zero já não é a memória senão o tempo passado, os "retratos de família", a ausência do que se transfigura em palavra. Bem diferente do caso de João Cabral, onde o ponto inicial é o visto a cena do ver - concentrada na imagem plástica que se realiza na palavra. Daí diferença básica da poesia de João Cabral com a linha Bandeira - Drummond e a acusação que se lhe faz de cerebral. O sensualismo abstrato supõe outra via: a ênfase não é nem a lembrança, enquanto mancha afetiva, nem a cena vista a ser expurgada de sua expansão afetiva e sim desdobrada plasticamente.

Creio que a formulação acima lhe permitirá reler a Dora e o ensaio do INTERVENÇÕES, e entender muito melhor a poética de Dora.

2- Qual é a visão do Sr. sobre a obra de Dora Ribeiro e sua representatividade na literatura brasileira?

A minha visão está dada acima. Quando a comparo com os filões diferenciados de Bandeira-Drummond e Cabral automaticamente mostro o seu caminho como algo que apenas se abre e ainda não está explorado.

3- Quais são as características mais marcantes da obra de Dora ribeiro, em sua opinião?

O que acho já está contido nas duas respostas anteriores.

4- Como era Dora Ribeiro como aluna e como pessoa? O que o levou a ter contato e motivação para analisar as obras dela?

Tendo sido minha aluna na PUC (RJ), desde então aprendi a apreciar seus primeiros poemas. Como pessoa, era o que permanece até agora: uma pessoa cordial, amiga e extremamente discreta. A motivação para analisar o que veio a publicar não foi outra senão a qualidade precoce que nela reconhecia. Acrescento que, tendo sido ela também aluna de Silviano Santiago, sabia por pessoas amigas que a poesia de Dora era por ele também apreciada.

Entrevista 5 – Entrevista com Marcia Arruda Franco, por e-mail, no dia 23 de julho de 2013.

1- Com Dora era na faculdade? Quais eram seus interesses no curso de letras?

Dora sempre se destacou como poeta e artista. Eu a conheci numa aula de English Conversation. Tínhamos que cantar algumas cantigas infantis e logo me chamou a atenção como Dora era bem afinada. Quais eram seus interesses no curso de letras? No curso de Letras, tínhamos um grupo de estudos de teoria da literatura. Eram encontros semanais em que líamos os dois volumes da coletânea de Luiz Costa Lima, Teoria da Literatura em suas fontes. Também eu, ela e Liana Dines nos uníamos para ler *Les Fleurs du Mal*. O talento de Dora como poeta logo ficou patente num curso organizado por Silviano Santiago, Oficina Literária. Deste curso foi feita uma antologia com o mesmo título do curso, em que os poemas de Dora se sobressaem. Num curso de Costa Lima, ele apresentou um poema de Dora ao lado de poemas de Sophia de Mello Andersen. Era “o beijo”, poema que ficou muito famoso entre os alunos e professores de letras da PUC-Rio, no início dos anos 80. Também Dora foi escolhida para sair no caderno Folhetim da Folha de São Paulo. Ainda nessa época ela publicou com a mãe um livro de poemas, *Ladrilhos*.

2- E como amiga? Como é Dora Ribeiro?

Dora é uma amiga dedicada que sabe nos ouvir, dando muito bons conselhos.

3- Se pudesse, como o Sra. a descreveria? Como poeta, pessoa, amiga... etc.

Dora é poeta por natureza. É uma mulher bonita, que poderia ter sido modelo, pois é muito elegante e alta. Ela está sempre em busca da felicidade, o que a fez se casar 3 vezes., sempre com excelentes maridos. Uma vez me disse que a melhor imagem para o amor é a do palito de fósforo: quando riscado produz fogo, um clarão que depois se extingue, e que não pode ser conseguido de novo. Creio que Dora é uma pessoa reservada que preserva a sua privacidade e que tem bastante consciência do seu valor como escritora e poeta.

4- Como o Sra. define a obra e o estilo de Dora Ribeiro?

Dora é uma poeta única no panorama da poesia escrita em português. A sua poesia, de versos curtos, com imagens fortes e originais, é altamente reflexiva. Ela escreve sobretudo com as palavras, isto é, o sentido do seu poema se constrói dentro do poema e não em relação à realidade. Na minha opinião, entender o poema como exercício de filosofia e como coisa de palavras é o que a distingue.

Não encontraremos na sua poesia poemas descritivos, nem de acontecimentos nem de sentimentos, antes ela encena um processo reflexivo em que a emoção (não o sentimentalismo) arrebatava o leitor, levando-o a cair em si. O seu rigor está em não ceder jamais ao banal. Outra característica é o uso de um ritmo que se organiza pela quebra do período sintático em núcleos de sentido, sem falar no uso magistral do verso coordenativo, composto apenas da aditiva "e", na construção de metáforas inusitadas que desencadeiam o processo de reflexão e a um entendimento filosófico da vida, do amor, da felicidade e de nossas angústias e frustrações.

Anexo D- E-mails de Dora Ribeiro

19 de abril de 2012 16:32 (A)

Assunto: algumas perguntas

Elencarei na seguinte ordem, caso não se incomode em me relatar:

- 1- Quando Dora Ribeiro nasceu exatamente? (eu só sei que a Sra. Nasceu em 1960 até o momento)
- 2- Qual é o nome dos pais da Sra.? Tem irmão? Como foi sua infância?
- 3- Quanto tempo viveu em CG? No Brasil?
- 4- Por que resolveu ir embora do Brasil? Quais os motivos?
- 5- Além de escritora, a Sra. Tem alguma formação adicional? Outra profissão? Exerce?
- 6- É casada? Têm filhos?
- 7- Quando começou a escrever?
- 8- Como foi estar em Portugal?
- 9- Por que no momento, a Sra. Reside em Pequim-China? Como é estar em um país oriental e comunista?
- 10- Quais são as suas influências literárias?
- 11- Por que a poesia? Já se aventurou em produções em prosa?

22de abril de 2012 01:46 (A)

22/04/1

Re: Olá

2

Ana Claudia,

Agradeço o seu interesse pela minha poesia.

Vou tentar responder a algumas das suas perguntas. Embora acredite que o essencial está nos poemas.

Até o momento os livros publicados são os seguintes:

"Ladrilho de Palavras" (co-edição do autor com Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro, 1984)

"Começar e o fim" (Fundação Catarinense de Cultura, 1990)

"Bicho do Mato" (7Letras, 2000),

"Taquara Rachada" (7Letras, 2002),

"A teoria do jardim" (Companhia das Letras, 2009),

"Olho empírico" (Editora Babel, 2011).

O livro 'o poeta não existe' é, na verdade, uma reunião de poemas dos livros desde 'ladrilhos' até 'taquara' publicada em Lisboa . Sendo que 'bicho do mato' também recolhe os livros anteriores, mas traz inéditos.

Nasci em Campo Grande em 21 de abril de 1960. São meus pais Haroldo Sampaio Ribeiro e Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro. Sou a segunda filha do casal e hoje tenho um irmão (João Marcos) e duas irmãs (Ana Rita e Beatriz). O meu irmão mais velho faleceu em 1986.

Estudei nos colégios da tradição daquele tempo: Pequenópolis, Auxiliadora, Escola Estadual Lúcia Martins Coelho e Dom Bosco.

Tive uma infância marcada pela presença da minha vó materna, para quem escrevi o meu primeiro poema aos 10 anos. Como não possuía vocabulário suficiente, utilizei palavras e frases copiadas das orações que ouvia nas missas de domingo. Minha avó era muito religiosa e devota da igreja católica.

Incentivada pela minha mãe, sempre me imaginei fora de Campo Grande. A primeira longa viagem foi aos Estados Unidos em 1976, onde passei 6 meses frequentando uma escola pública. Esta foi uma experiência marcante e a partir da qual me senti mais livre para pensar e criar.

De volta ao Brasil, em 1978 fui fazer vestibular em São Paulo e depois no Rio, onde cursei Licenciatura em Letras (Português e Inglês) na PUC. Na universidade encontrei outros poetas e professores, como Luiz Costa Lima e Silviano Santiago, que me ajudaram a desenvolver a minha persona literária. Em 1983, publiquei os primeiros poemas na antologia do curso de Criação Literária, ministrado por Silviano Santiago. Nesse período publiquei também poemas nos suplementos de literatura da Folha e do Estadão.

Vivi no Rio até 1983. Ali conheci o meu primeiro marido, com quem fui para Lisboa nesse ano. Em Portugal trabalhei como jornalista para a imprensa portuguesa e brasileira. Aí também tive a minha filha (Camila). Separei-me do meu primeiro marido, vivi com um português, que veio a falecer em 2002. Em 2007 voltei a me casar e deixei Portugal. Sendo o meu marido diplomata, morei primeiro em Genebra e em 2008 viemos para Pequim.

A poesia, como qualquer outra forma de criação, não se explica com eventos biográficos. Ela surge primeiro como habilidade/facilidade de expressão e depois vai-se incorporando na maneira de estar no mundo da pessoa. Hoje sei que sem a poesia estaria apenas meia-viva; teria tido uma meia-experiência do meu tempo.

Talvez a poesia tenha começado em mim pelo espanto. Lembro-me de andar pelas ruas de Campo Grande admirando a sua natureza, que me parecia sempre maior do que as palavras que eu conhecia para descrevê-la. Senti que precisava de uma linguagem diferente para expressar a minha relação com o mundo.

Não sei esclarecer as minhas influências. Foram muitas as leituras felizes. Meus pais liam muito e ambos gostavam muito de poesia. Assim, desde a infância os poetas estiveram presentes na minha vida. Desde os poemas infantis da Cecília

Meireles até Pessoa e Drummond na adolescência (os dois prediletos da Lélia). Cabral veio depois. Mais tarde, com a aprendizagem do inglês, passei a ter acesso à literatura anglo-saxônica. É provável que tenha lido, até hoje, mais prosa do que poesia. Através da leitura dos romances fui crescendo interiormente e me preparando para a poesia.

Dito isso, esclareço que a minha poesia carrega sinais dos poetas que me comovem. Há muitas citações, umas declaradas, outras veladas.

Tentei escrever prosa, mas não considerei que tivesse uma voz suficientemente adequada para esse registro. Tinha a sensação de estar sempre fazendo poesia. Assim que desisti logo na adolescência. Acho que só tentei a prosa porque as pessoas da família me diziam que era 'melhor' escrever um romance do que um poema. Provavelmente estavam sendo zelosos do meu futuro.

Espero ter sido útil.
Obrigada,

Dora

14 de junho de 2012 04:18 (A)

Re: algumas inf.

Cláudia,

Aproveito a sua pergunta para esclarecer e 'refazer' o que havia dito no meu primeiro e-mail.

1. A poesia não é explicada pelos eventos biográficos. Ou seja, eles evidentemente constituem o nervo condutor da vida do escritor, mas não respondem pela sustentação do edifício todo.

Também penso que a leitura da poesia não deve pretender recuperar uma essência eventualmente obscurecida pela linguagem. Pelo contrário, a linguagem poética é a mais antiga tentativa humana de reorganização do mundo sensível, de criação de um espaço de intensa liberdade. No qual o ser humano, embora utilizando a linguagem corrente e o tempo presente, procura pensar fora de todos os constrangimentos e de todos os aprendizados.

2. Outro ponto que gostaria de reescrever é o seguinte: Ela (a poesia) surge primeiro como habilidade/facilidade de expressão e depois vai-se incorporando na maneira de estar no mundo da pessoa. Ao reler este trecho fiquei incomodada porque parece que estou afirmando a ausência de obstáculos, quando, na verdade, nunca fui uma pessoa com facilidade ou habilidade de expressão. Nem oral, nem escrita. Pelo contrário, a minha poesia surge também devido a essa enorme dificuldade de comunicação através dos canais ditos 'normais' de troca de ideias.

3. Quanto aos autores de língua inglesa, entre as leituras iniciais mais impactantes estão as de Edgard Allan Poe, Emily Dickinson, Henry James, Laurence Sterne. E Wallace Stevens, embora mais tardiamente.

4. Não tenho comigo nenhum dos trabalhos jornalísticos feitos para o Estadão. Acredito que o jornal tenha um arquivo histórico das suas edições.

Abraço,

Dora

olá Dora

24 de agosto de 2012 11:21 (B)

Assunto: Algumas perguntas para Dora Ribeiro.

1- Gostaria de saber como foi sua infância?

Qual a representatividade da sua mãe e de seu pai para que a Sra. pudesse trilhar as linhas da poesia, ou mesmo para sua vida em particular?

2- Como era a convivência com seus irmãos? Como eles te veem?

Nas escolas em que estudou), havia algum (a) professor(a) que lhe inspirou?

4- Como era a Dora Ribeiro aluna? Por que mudou tanto de escola?

3- Como era seu ambiente familiar? Como era sua relação e o que a Sra. mais gostava da cidade de Campo Grande?

A Sra. tinha alguma relação com clima campestre, fazenda aqui no nosso estado? Se sim, que lembranças têm?

29 de agosto de 2012 04:29 (B)

Assunto: RE: Algumas perguntas para Dora Ribeiro.

Cara Ana Claudia

Tentarei responder suas perguntas aleatoriamente:

As mulheres da minha família foram fundamentais para a minha formação como pessoa. Quase todas eram pessoas bastante assertivas e com opinião sobre o mundo e as suas gentes. Numa época em que a afirmação feminina ainda engatinhava, as mulheres à minha volta viviam (assim eu as via/imaginava) em "pé de igualdade" com os homens. Minha mãe estava sempre envolvida em atividades sociais e culturais, minha Tia Neli (casada com o irmão da minha mãe), que era nossa vizinha na avenida Calógeras, era médica (a primeira em MT). A minha madrinha Déa, que também morava ao lado, era proprietária de uma loja de roupa de crianças onde trabalhava diariamente.

Mas a mulher mais importante na minha formação sentimental foi a minha avó Dorinha. No seu corpo aprendi todas as letras. Acredito até que tenha copiado

alguns traços da sua personalidade (infelizmente não os melhores...). Nasci e vivi na sua casa até os 9 anos de idade e a sua morte, em 1971, foi um brusco empurrão para a adolescência. Demorei muitos anos para me recuperar desse impacto.

O meu avô surgiu na nossa vida depois do falecimento da minha avó. Na ausência dela, ele passou a assumir uma parte dos 'atributos' da Dorinha. Gostava muito de contar histórias das suas andanças pelo MT e, como recebia muitas visitas, eu ficava sempre por perto para ouvir as conversas e as histórias. A casa da Calógeras recebia muita gente na sua varanda. À tarde, depois da sesta, sentava na sua cadeira de balanço e ficava à espera dos amigos e conhecidos que vinham tomar café. Mais tarde passou a me chamar para bater à máquina cartas e textos que escrevia para os jornais. Era muito severo quando se tratava de trabalho. Não admitia erros, sobretudo se fossem de ortografia.

Tanto dos meus pais como dos avós maternos, a lição mais importante que recebemos foi a da integridade. Como eram pessoas dedicadas à vida pública (cada um na sua área), eram totalmente intolerantes ao uso do poder (por pequeno que fosse) em benefício próprio.

Os meus pais sempre tiveram uma vida intelectual muito ativa e por isso os livros sempre estiveram por perto. Li muito desde a infância e, como nasci antes da televisão chegar a MT, tive o prazer de muitas sessões de leitura de histórias.

A poesia chegou pelas mãos da minha mãe. Nos anos 70, quando ela cursou Letras na FUCMT, os livros de poesia passaram a fazer parte mais claramente da nossa biblioteca. (Embora a poesia infantil da Cecília Meireles tenha sido a minha primeira companhia poética). E ela própria passou a escrever e publicar poesia. Aprendi com ela o amor por Pessoa e Drummond.

Meu pai também apreciava poesia. Sabia de cor textos de Augusto dos Anjos. E, quando estava de muito bom humor, repetia as quadrinhas e trava-línguas preferidas. Provavelmente vem daí o hábito que tive de inventar letras para melodias conhecidas.

Apesar (ou talvez por isso mesmo) da família grande, a minha opção foi desde cedo a solidão e independência. Provavelmente para ter tranquilidade para construir a minha personalidade.

A minha história escolar não merece muita nota. O ambiente nunca despertou a minha atenção e fui passando de ano sem ter de fazer muito esforço, o que me levou a deixar de me importar com o que se passava nas aulas. Lembro-me apenas de uma história cômica/curiosa. No início dos anos 70 estudava no colégio Dom Bosco e tive uma professora de português que era mulher de um militar. Talvez devido ao marido estava muito atenta à situação política que o país vivia e, ao ler um texto que eu havia escrito, viu ali uma armação perigosa.

Na verdade não passava de um poeminha rimado, inocente e ruim. Mas a desconfiança mereceu uma reunião familiar.

As mudanças de escola foram, me parece, decorrentes das mudanças sociais vividas na época. Primeiro estudei num colégio apenas para meninas (o que era o convencional); depois fui para uma escola pública (que foi tida naquele tempo como a melhor opção de conteúdo e de socialização. Havia aulas de teatro, coisa inovadora no período) e, finalmente, terminei na escola antes reservada aos meninos. Fui das primeiras turmas mistas no CDB.

Sempre gostei de Campo Grande. Hoje ainda mais me parece um lugar especialmente belo. A luz, o céu, a imensidão dos campos. Minha mãe costumava organizar serenatas em frente da casa na Afonso Pena em noites de lua cheia. Era um privilégio. Vivi muito o campo e as histórias dos antepassados no campo. Íamos muito para o mato e fazíamos muitas viagens de carro pelo interior, sempre cheias de aventuras e percalços. E fizemos também muitos acampamentos no mato em família.

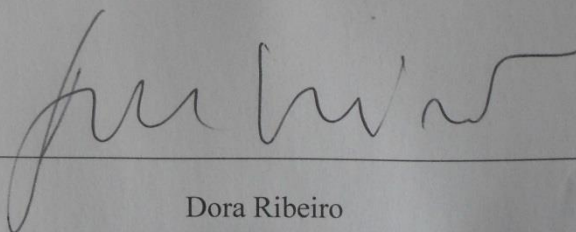
Espero ter ajudado.

Abraço,
Dora

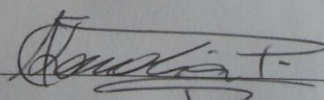
DECLARAÇÃO

Eu, **Ana Claudia Pinheiro Dias**, mestranda pós-graduação: **mestrado em estudos de linguagens- strictu senso, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, declaro que entrevistei a poeta e escritora Dora Ribeiro pessoalmente em Campo Grande MS, no dia 05 de Abril de 2013, a fim de compor o corpus da minha dissertação, intitulada **“O bicho do mato no jardim da teoria: o fazer poético e contemporâneo na obra de Dora Ribeiro”**. A escritora autorizou o uso de imagem, de gravação de áudio e de registro fotográfico durante a entrevista, além das trocas de e-mails, estando de pleno acordo com a publicação dos registros recolhidos, com fundos acadêmicos, desde que esteja sob meus cuidados e com as devidas considerações da poeta.

Campo Grande, 05 de abril de 2013.



Dora Ribeiro



Ana Claudia Pinheiro Dias